



livre ao seu lado

• Karen Costa



lingre
ao seu
lado

Karen Costa

Copyright © 2020 Karen Costa

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma - impresso, digital, áudio ou visual, sob penas criminais e ações civis.

Capa: Michel Moraes

Diagramação: Karen Costa

-Sinopse-

Isabela tem tudo o que precisa para ser uma mulher livre e independente, mas ficar sozinha nunca foi uma. Ela cresceu em um lar cheio de exigências e poucas doses de amor, algo que deseja encontrar desesperadamente para suprir essa falta em sua vida.

Samuel está satisfeito com a sua vida da forma como ela é. Tem uma família unida e amorosa, um ótimo emprego, e o controle de boa parte do que está ao seu redor.

Quando ele encontra Isabela pela primeira vez, é impossível tirar aquele sorriso de sua cabeça.

Será que Isabela vai ser capaz de amar Samuel, sem perder a liberdade de ser quem realmente é?

Em Livre ao seu lado, vamos acompanhar um lindo processo de aprendizado, para entender que tudo o que precisamos, já está dentro de nós.

Sumário

-Um-

-Dois-

-Três-

-Quatro-

-Cinco-

-Seis-

-Sete-

-Oito-

-Nove-

-Dez-

-Onze-

-Doze-

-Treze-

-Catorze-

-Quinze-

-Dezesseis-

-Epílogo-

-Agradecimentos-

-Conheça outra obra da autora-

-Um-

A vida é singular

“Tem momentos em que eu tenho a impressão de que vou sufocar com esse sentimento de solidão.” Digo à minha terapeuta, com a mão sobre o coração, podendo descrever com clareza meus sentimentos, já que este é um destes momentos. “Isso é perfeitamente normal, dado seu transtorno, Isabela.” Com a voz calma e tranquila, dra. Silvana se refere ao meu estado emocional.

Há alguns meses, tomei a coragem necessária para iniciar minha psicoterapia. Com poucas sessões, relatando minha vida a ela, dra. Silvana já foi capaz de me diagnosticar com Transtorno da Personalidade Dependente. Desde então, estamos fazendo exercícios diários, para trabalhar minha condição, a fim de que eu consiga ter uma vida normal.

Através de consultas semanais, me sinto melhor em poder conversar com alguém que me entenda e saiba lidar comigo, sem julgamentos nem grandes expectativas. Mas, não posso evitar a decepção ao perceber que não existe um remédio que altera meu comportamento do dia para a noite. A cura tem que partir unicamente de mim e esse tipo de sentimento é o suficiente para me fazer vacilar e desacreditar de que a terapia irá de fato funcionar.

Minha terapeuta, por sua vez, é realista e me fala constantemente, que esses pensamentos recorrentes, são a maneira padrão que minha mente está acostumada a trabalhar. Pouco a pouco iremos ensiná-la a funcionar de outra forma, até chegar em um ponto que será algo natural.

Honestamente, eu não vejo a hora desse dia chegar.

“Em quais momentos você observa esses pensamentos negativos

chegando?” Pergunta, com seus olhos azuis, que parecem enxergar minha alma, fixos em mim.

“Hum...” Penso por um segundo, sem ter certeza de como responder sua pergunta.

“Lembre-se de ser honesta consigo mesma em sua resposta.” Diz, ao perceber minha hesitação.

“Existem poucos momentos em que não me sinto assim, doutora. ” Respiro fundo, um pouco envergonhada. “Todo o tempo que fico na antiga casa da minha avó ou quando o Álvaro não está na papelaria comigo.” Observo-a escrever algo no *tablet* em sua mão. “De um modo geral, todo o momento em que não estou distraída com algo ou dormindo.” Concluo, dando a ela um casto sorriso embaraçado. “E sobre a minha sugestão de procurar algumas atividades que te distraiam? ” Fala, voltando sua atenção inteiramente a mim. “Eu tentei várias atividades físicas, mas sinto que minha mente fica vazia por muito tempo e isso não é bom. ” Explico defensiva.

“Está tudo bem Isabela, eu não estou aqui para julgar você, lembra?” Sua voz é branda, mas ao pronunciar meu nome por inteiro, faz com que eu me arrume na poltrona, incomodada.

“Será que a senhora poderia me chamar só de Isa?” Peço, desviando o olhar.

“Claro! Pode me contar por que é importante para você, que eu a chame apenas de Isa?” Ela faz sua habitual expressão, como se sua pergunta não fosse nada demais.

“Não é que a senhora precise me chamar apenas de Isa.” Respondo rapidamente. “Mas em algumas frases, ouvir *Isabela* me traz um pouco de desconforto.”

Estou falando a verdade, não tenho problema algum com meu nome, na verdade eu o adoro. Mas existem momentos, em que ele traz uma carga muito pesada para a conversa e isso me deixa nervosa.

“Entendo.” Silvana se limita a dizer, porém, nesse curto período de terapia, já percebi, que esse com certeza, será um novo tópico para o futuro.

Ao menos por ora, ele parece ter sido encerrado.

“O que você acha de tentar um novo tipo de atividade, Isa?” Estou pronta para protestar, antes de observar seus lábios darem continuidade a sua sugestão. “Não precisa ser uma atividade física, pode ser algo que você goste, algo que faça com que se envolva de alguma forma.” Conclui, fazendo uma nova anotação em seu *tablet*.

“Eu não sei, a senhora tem algum conselho?” Pergunto esperançosa.

“Eu não posso dizer o que eu acho que deva fazer, é algo que tem que partir de você mesma.” Me explica solidária.

Uma das características do meu transtorno, é que eu sou altamente suscetível a opinião alheia. Segundo a dra. Silvana, como não tenho confiança em mim mesma, acabo transferindo a responsabilidade de uma decisão ao próximo. Esse é um dos pontos que estamos trabalhando, fazer com que eu seja ativa em minhas próprias decisões.

“Não consigo pensar em nada.” Sinto meus neurônios trabalharem a mil por hora, em busca de uma resposta.

“Fique tranquila, Isa.” Fala, aderindo de vez meu apelido. “Você não precisa ter uma resposta imediata para tudo, é assim que funciona o cérebro humano de um modo geral.” Explica, fazendo-me sentir instantaneamente aliviada.

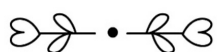
“Vamos fazer o seguinte, você tenta observar ao longo da semana, no seu dia-a-dia, coisas que fazem você se sentir bem. Lembrando que devem ser coisas que não dependam de mais ninguém, além de si mesma, você pode fazer uma lista, e discutimos ela na próxima semana, o que me diz?” Finaliza, descruzando as pernas, um sinal de que já tenho o suficiente para trabalhar até nossa próxima consulta.

“Acho que é uma boa ideia doutora.” Respondo com um sorriso, levantando-

me e indo em sua direção para me despedir.

“Lembre-se que você é dona de si mesma e já fez o mais difícil, que é assumir que precisa de ajuda.” Silvana segura meus braços com carinho, me fazendo sentir orgulhosa de mim mesma.

Assinto emocionada, me despedindo e caminhando até a porta do consultório.



Saio da consulta com um turbilhão de novos pensamentos. No fundo, eu sinto que conhecer uma pessoa que tenha sentimentos recíprocos por mim, seria muito mais eficiente que uma vida inteira de terapia à qual terei que me dedicar.

Não preciso de muito tempo refletindo, para ver com clareza as imagens do meu último relacionamento, onde me afastei das poucas amigas que eu tinha para estar cada vez mais próxima de Fábio. Tudo para em um belo dia, ele vir me dizer que eu o estava sufocando e que não conseguia mais lidar com a minha dependência.

Antes dele, teve o Jader, que me traiu mais vezes do que sou capaz de contar e, embora eu soubesse de tudo, já que ele não fazia muita questão de esconder, continuei fingindo não saber, por medo de perdê-lo. Até que um dia ele cansou e se afastou de mim de vez, deixando-me mais uma vez sozinha.

Balanço a cabeça, soprando esses pensamentos para longe, da forma como minha terapeuta aconselhou a fazer. Eu posso ficar o dia inteiro listando meus relacionamentos fracassados, isso só me levará a novos pensamentos que servirão como um gatilho para o comportamento que

preciso evitar. Sem contar que me envolver com alguém, deixando para lá todas as coisas novas que estou gradativamente absorvendo, é a saída mais fácil.

Eu preciso me curar primeiro, depois disso, se surgir alguém, será para acrescentar, não completar. Quem sabe se eu repetir isso como um mantra várias vezes, ele possa se tornar verdade em algum momento.

Quando dou por mim, estou em frente à minha loja e fico observando a fachada azul-claro, com sua estrutura cinza que imita um clipe de papel, e seu letreiro com o as palavras Candy Color escritas em uma fonte cursiva e romântica.

Minha papelaria, é o que eu tenho mais orgulho em toda a minha vida.

Quando era criança, as exigências de minha avó Matilda faziam com que eu precisasse estudar muito. Os artigos de papelaria foram a saída perfeita para me motivar todos os dias.

Há quatro anos, quando minha avó faleceu, a sensação de impotência só foi embora quando tive a ideia de usar a herança que ela me deixou para abrir minha própria loja. Desde então, ela tem sido meu refúgio, a única coisa pela qual eu levei a melhor contra o meu transtorno.

Entro na loja, empurrando a porta e apreciando o frescor por conta do ar-condicionado.

Porto Belo é uma linda cidade praiana do estado de Santa Catarina, e o calor do mês de fevereiro atrai muitos turistas, deixando a cidade movimentada e, por consequência, crescendo consideravelmente as vendas. Entretanto, faz com que nosso corpo comece a transpirar em poucos minutos de exposição ao sol.

Uma campainha discreta soa, anunciando minha chegada, fazendo com que Álvaro desvie imediatamente sua atenção da pilha de cadernos, que está realocando em uma prateleira, e leve seus belos olhos castanho-claros em

minha direção.

“Você já colocou algumas pedrinhas de gelo na vasilha de água para os cachorros de rua?” Pergunto assim que entro, colocando minha bolsa no guarda-volumes.

“Droga, eu me esqueci completamente.” Me responde chateado.

“Tadinhos, aquela água deve estar fervendo com esse calor.” Digo, correndo até os fundos da loja, onde mantemos um frigobar.

“Desculpa, Isa.” Álvaro diz, demonstrando frustração.

“Fique tranquilo, sei que você andou ocupado.” Dou a ele um sorriso tranquilizador, enfrentando mais uma vez o calor externo, para colocar água fresca aos cachorrinhos que passam pela rua.

Retorno para o interior da loja, deixando o celular sobre o balcão de atendimento e me aproximando de onde Álvaro está trabalhando

“Posso te ajudar?” Pergunto ansiosa.

“Na verdade eu já estou quase terminando, por que você não descansa um pouco?” Sugere, olhando para mim.

“Não estou cansada.” Respondo fazendo bico, levando meu amigo a dar uma risada.

“Então, me conta como foi a terapia hoje.” Seu pedido me faz respirar fundo.

Conheci o Álvaro há um ano, quando senti que precisava de alguém para me ajudar com a papelaria. Ele tem apenas dezenove anos e esse é o seu primeiro emprego, mas ele é tão proativo, que rapidamente estava a par de como tudo funciona dentro da loja. Além disso, ele se tornou um grande amigo e confidente, conhecendo profundamente meus problemas, sendo sempre verdadeiro e sincero sobre suas opiniões, sem se importar que eu seja a sua chefe e isso significa muito para mim.

“Ela quer que eu procure alguma atividade para ocupar minha mente.” Digo, indo novamente até os fundos, dessa vez, com a intenção de pegar um

refresco para mim.

“Você disse a ela que as atividades físicas não funcionaram muito bem?”

Questiona, finalizando seu trabalho.

“Aham.” Paro um segundo para sugar o líquido de meu copo, através do canudo. “Ela falou que não precisa ser uma atividade física, mas algo que eu goste e me envolva de alguma forma.” Álvaro se aproxima de mim pensativo.

“Você pensou em algo?” Indaga, sentando-se em uma banquetta alta.

“Esse é o meu dever de casa da semana.” Respondo com o ar cansado.

Meu trabalho de verdade ainda nem começou e eu já me sinto exausta. Por que tem que ser tão difícil agir como uma pessoa normal?

A campainha da porta soa mais uma vez, avisando a chegada de um novo cliente. Ambos ficamos de pé, observando o belo homem que adentra a loja, com roupas de praia e um boné que esconde parcialmente seus cabelos escuros.

Rapidamente, sobressaio à iniciativa de Álvaro para atendê-lo e eu mesma faço as honras.

“Boa tarde, posso ajudá-lo?” Com um sorriso radiante, pergunto ao belo rapaz.

“Claro.” Responde, retribuindo meu sorriso. “Você tem caneta furta cor?” Sua pergunta se perde em meus pensamentos, quando sinto seu olhar passar descaradamente sobre mim.

“Tenho, é claro.” Atravessando a loja, encontro o organizador onde armazenamos as canetas. “Você tem alguma preferência? Nós temos algumas com *glitter* e essas, que são sem.” Apresento-lhe as opções e vejo que ele não parece muito interessado nas canetas.

“Hum, vou levar uma de cada.” Continuo observando-o, esperando que ele me diga qual tonalidade pretende comprar.

Quando percebe que estou aguardando, ele olha para baixo,

selecionando oito tipos de canetas diferentes e entregando-as a mim.

“Você precisa de mais alguma coisa?” Pego-as de sua mão e me viro, para levar até o caixa, consciente de que sua atenção está inteiramente voltada para mim, e secretamente, adorando isso.

“O número do seu telefone seria ótimo.” Viro-me rapidamente, surpresa, me deparando com um sorriso sensual, que me faz engolir em seco.

Meu *modus operandi* está prestes a lhe dizer o número, mas então, sem nenhum tipo de aviso, percebo quando uma voz baixinha, que não consigo identificar de onde vem, sopra novas instruções, que parecem me fazer sacudir e cair na real.

Se eu sucumbir a essa necessidade de estar com alguém a qualquer custo, nunca vou conseguir ser completa sozinha.

“É muito lisonjeiro você perguntar isso, mas é melhor mantermos as coisas como estão.” Respondo com um sorriso profissional, mudando minha postura e, enfim, informando a ele o preço das canetas em seguida.

Aparentando surpresa, já que durante todo o atendimento eu demonstrei que estava interessada, ele me entrega o dinheiro, que coloco rapidamente na caixa registradora, entregando-lhe o troco na sequência.

Quando a porta se fecha, indicando que ele já foi, solto um grande suspiro de alívio, ainda em choque, mas feliz por ter conseguido dizer não.

“Eu achei que você ia passar seu número a ele.” Álvaro quebra o silêncio, falando o óbvio.

“Eu ia.” Respondo com um sorriso nervoso nos lábios. “Mas algo dentro de mim me disse para eu não fazer isso, acho que foi a minha consciência.”

A incredulidade em minha voz, faz com que Álvaro solte uma gargalhada alta, fazendo-me olhar para ele.

“Eu não sabia que uma aliança enorme de ouro na mão esquerda se chamava consciência.” Diz, zombando de mim.

“Ele estava usando uma aliança?” Pergunto indignada.

“Você não percebeu, Isa? O cara é um canalha, provavelmente estava comprando as canetas para os filhos. Se você desse seu telefone a ele, eu ia fazer um escândalo.”

Fico sem palavras, pensando na grande fria da qual eu me livrei.

"Espera aí, você disse não a ele, mesmo sem perceber a aliança?"

Dando-se conta do ocorrido, meu amigo questiona, com o tom de voz animado.

Eu assinto constrangida, vendo um belo sorriso se expandir em seu rosto.

“Estou orgulhoso de você, chefinha.” Álvaro se aproxima, me envolvendo em um abraço fraternal.

“Eu também.” Sussurro, sentindo que esse foi um passo positivo para minha independência emocional.

-Dois-

Um propósito

Me desperto sozinha na manhã de sábado. As cortinas brancas, não fazem um bom trabalho em barrar os raios de sol que insistem em entrar na casa de minha avó.

Na minha casa.

Já se passaram quatro anos que minha avó faleceu. Na época, em meio ao luto, não pensei muito sobre morar sozinha, já que foram tempos muito difíceis. Mas quando me dei conta, estava na mesma casa em que moro desde os oito anos de idade.

Não era mais apenas esse sentimento de solidão que sempre se fez presente independente de ter alguém por perto, desta vez, eu estava fisicamente sozinha, não havia mais ninguém comigo.

Não que minha avó tenha sido uma pessoa muito comunicativa ao longo de nosso convívio, mas ao menos saber de sua presença no cômodo ao lado, era reconfortante.

Levanto-me da cama rapidamente, assim que percebo a linha de pensamento que minha mente vem traçando. Procuro por meu celular, a fim de descobrir as horas, e me espanto ao perceber que já está perto da hora do almoço.

Aparentemente, o sol entrando através das cortinas, não me incomodou tanto quanto eu havia imaginado.

Tomo um banho, permitindo que a água morna leve embora todos aqueles pensamentos negativos e tento mentalizar coisas positivas no lugar.

Minha terapeuta sempre fala, que um dos pontos cruciais em dominar meus comportamentos, é reconhecer minhas qualidades, sejam elas físicas ou de personalidade, por isso, levo meu tempo no chuveiro, canalizando os comportamentos que eu aprovo.

Me demoro lavando meu corpo, buscando por algo na memória que me desperte esse sentimento. A frustração não demora em aparecer, no momento em que cada novo ponto listado parece vir seguido de um porém.

“Tenho apenas vinte e quatro anos e consegui abrir minha própria loja.” Penso em voz alta.

Entretanto, isso não é necessariamente um grande feito, já que precisei usar a herança deixada por minha avó. Se não fosse por isso, provavelmente, hoje eu estaria trabalhando em algum lugar que não gosto.

“Eu sou uma ótima amiga.” Tento o exercício novamente.

Uma ótima amiga, que não pensou duas vezes em se afastar, no primeiro momento em que se sentiu apaixonada por um cara.

Com as mãos formando uma concha, encho-as de água e esfrego meu rosto, frustrada. Desligo o chuveiro, encerrando o banho e percebendo os sentimentos depreciativos, que não vão me levar a lugar algum, tomarem conta.

“Lá se vai minha tentativa de positividade.” Reclamo, alcançando minha toalha e observando o espelho em minha frente.

Nos aspectos físicos, honestamente, eu não me acho feia, apenas comum.

Vejo através do espelho, meu corpo esguio, um pouco mais alto que o da maioria das mulheres, longos cabelos loiros, agora encharcados após o banho, que possuem uma cor bonita, porém, a falta de definição, sempre me incomodou, me deixando confusa sobre eles serem lisos ou enrolados.

Meus olhos escuros são arredondados e um pouco maiores que o

padrão, fazendo-me parecer assustada o tempo todo. Por último, um pequeno sinal de nascença, pouco acima da bochecha, do qual nunca gostei e tento esconder com um pouco de maquiagem todos os dias.

Deixo de lado esse exercício bobo, enrolando a toalha ao meu redor, e sigo em direção ao meu quarto para escolher uma roupa fresquinha, que me deixe pronta para encarar o dia ensolarado.

Levo um longo tempo tentando decidir qual roupa escolher.

Deixo três opções diferentes penduradas na minha frente, e não consigo chegar em conclusão alguma. A vontade de que houvesse alguém ao meu lado para me ajudar a decidir, mais uma vez, se apoderando de meus pensamentos.

Com um nó se formando na garganta, fecho os meus olhos, e aponto aleatoriamente para as opções em minha frente, elegendo um vestido fluido de alcinhas azul-claro.

Decido sair para almoçar fora em um restaurante mexicano que adoro. Penso em convidar o Álvaro para me acompanhar, já que sei que ele gosta de lá tanto quando eu, mas desisto no meio do caminho, lembrando-me do que a dra. Silvana me disse uma vez sobre apreciar pequenos momentos individuais. Com isso em mente, alcanço minha bolsa no cabide ao lado da porta de entrada, confiro se as chaves do carro estão dentro dela e fico pronta para sair.

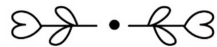
Eu deveria vender essa casa e me mudar.

Essa linha de pensamento surge absolutamente do nada, enquanto tranco a porta e confiro se todas as janelas estão fechadas.

Parada no mesmo lugar, reflito por um tempo, ponderando brevemente essa possibilidade.

Chego em meu carro, dando partida em direção ao restaurante, subitamente animada com a nova ideia.

“É isso, eu vou me mudar.” Testo, falando em voz alta e adoro a forma como isso soa.



Peço minha comida e me concentro nela, evitando olhar muito ao redor, em busca de belos casais felizes, aproveitando o final de semana juntos.

Sorrio igual uma boba, percebendo como isso soaria se eu falasse em voz alta. Como se eu fosse alguma mulher amargurada, que não aguenta ver a felicidade alheia, o que definitivamente não é o caso. Eu adoro ver pessoas felizes, escutar a história de amor dos outros e profetizar que os relacionamentos serão eternos, só não pretendo estimular aquele velho e conhecido sentimento de auto piedade.

Os tacos que escolhi estavam tão deliciosos, que pedi mais um para viagem, com a intenção de comê-los mais uma vez no jantar.

Olho para os lados vendo o restaurante cada vez mais vazio, encontro aí minha deixa para ir embora, um pouco preocupada, já que o que menos quero no momento, é ficar sozinha dentro daquela casa.

Entrego o cartão de crédito para o senhor simpático que me atende e observo de relance, ao seu lado, uma caixinha de acrílico transparente, com algumas moedas em seu interior.

Um adesivo colorido, mostra uma inscrição onde se lê “Troco solidário para a Casa de repouso Raio de Sol”.

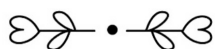
“Você deseja contribuir com algum trocado para ajudar?” Notando meu interesse, o atendente não demora em perguntar.

“Claro.” Digo, pegando algumas moedas espalhadas no interior da bolsa. “Essa casa de repouso é mantida pelo governo?” Como uma mensagem enviada do céu, uma ideia parece se manifestar na minha cabeça instantaneamente.

“Não moça, é uma fundação beneficente, completamente independente.” Ele pega as moedas que lhe entrego, depositando-as uma a uma na caixinha. “Eles se mantêm funcionando através de doações e trabalho voluntário.” Era exatamente isso que eu precisava ouvir.

“Fica muito longe daqui?” Questiono animada.

Ele não se demora em me passar as coordenadas, as quais adiciono no GPS, saindo correndo em direção ao carro, gritando um agradecimento ao solícito senhor, que não faz a menor ideia do quanto está colaborando com a minha sanidade mental.



O restante do dia se passou tão rapidamente, que quase não acreditei quando vislumbrei o sol se pondo através da enorme janela, por onde vários idosos paravam suas atividades por um instante, para admirar mais um dia chegando ao fim.

Admiração é a única coisa que consigo sentir estando naquele lugar.

No momento em que coloquei os pés na recepção da casa, fui recebida por uma mulher adorável, que descobri mais tarde se chamar Ana Clara. Ana me explicou exatamente como tudo funciona.

A casa de repouso Raio de Sol foi fundada no final dos anos noventa, e passou por várias administrações até chegar na atual. Mantendo-se em pé

apenas através de doações, todos os meses é um novo desafio e todo trabalho voluntário é extremamente bem-vindo.

Fiquei animada com a ideia de me ocupar com uma causa tão importante e especial, por esta razão, não perdi tempo em oferecer meu tempo livre a isso.

Ana ficou empolgada. Aparentemente, pessoas que surgem por iniciativa própria, não é algo tão comum quanto eu imaginei.

Passei a tarde toda conhecendo a casa, que não é tão grande, considerando que hospeda vinte e dois idosos. Sendo eles, quinze mulheres e sete homens, todos entre sessenta e noventa e oito anos.

Após conhecer todas as áreas comuns, Ana me apresentou para alguns dos residentes da casa e pude sentir um misto de admiração e tristeza. Tristeza, porque grande parte das pessoas que vivem ali, estão realmente sozinhas. Segundo minha guia, a maioria não recebe visitas dos familiares há anos, mas a minha grande admiração vem do fato de que isso não parece abalá-los, já que estão sempre animados e dispostos a passar horas jogando conversa fora.

E foi exatamente isso que eu fiz.

Minha tarde toda foi dedicada a conhecer melhor essas pessoas incríveis, que já passaram por tanto na vida, mas de alguma forma, ainda fazem questão de estampar um largo sorriso no rosto e compartilhar suas histórias com uma problemática menina de vinte e quatro anos.

“O que você achou?” Ana me pergunta, me acompanhando até a recepção, no momento em que decido dar o dia por encerrado.

“Eu achei incrível, Ana!” Respondo animada. “Como eu posso ajudar vocês?” Vasculho minha bolsa, em busca de meu celular, com a intenção de salvar o seu contato.

“Já ajuda muito estando presente.” Ela suspira, mostrando seu ar cansado.

“No geral, eles são realmente carentes e adoram passar um tempo conversando, só isso já melhora o dia deles, e muito.” Completa, com um sorriso tímido.

“Bom, que pena para eles, que cruzaram com uma pessoa que tem esse mesmo problema.” Brinco, fazendo Ana gargalhar. “Mas, Ana, eu quero ajudar mais, como eu posso fazer isso?” Questiono, dedicando todo o meu interesse nisso.

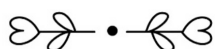
“Nós fazemos muitas campanhas para arrecadação de fundos.” Explica com sua voz branda, como se tivesse medo de que eu fosse desistir. “Além disso, nós precisamos de pessoas que passem algumas noites aqui, para acompanhá-los. Temos quatro enfermeiras contratadas, que se revezam nos plantões, mas contamos com ajuda voluntária para acompanhá-las e dar suporte.” Ela encerra, avaliando atentamente minha reação.

“Eu vou adorar fazer isso.” Respondo prontamente.

Ana parece não acreditar no que estou dizendo, mal sabe ela que isso é exatamente o que eu preciso. Algo em que eu possa me dedicar, que não esteja relacionado a mim mesma.

“Obrigada, Isa! Você não faz ideia do quanto isso é importante para nós.” Aproximo-me dela, puxando-a para um abraço de urso, o qual ela retribui carinhosamente.

Trocamos telefones e nos despedimos, combinando de que na próxima semana estarei de volta, para combinar uma escala de horários, de acordo com a minha disponibilidade.



Estou tão empolgada com essa ideia, que resolvo passar em um barzinho no centro da cidade para tomar um *mojito* sem álcool, já que estou dirigindo.

Eu não preciso providenciar o jantar, porque meus tacos estão intactos no porta-luvas do carro, envoltos por uma bolsa térmica. A minha maior intenção é encerrar o dia de uma forma animada. Realmente comemorar que após anos detestando os finais de semanas, já que eram sinônimo de solidão, pude viver um dia incrível, sem depender de ninguém para isso.

Entro em um barzinho chamado Lisboa, que ostenta um ar bem noturno, com luzes baixas e música ao vivo tocando no fundo. Olho ao redor, observando que ainda tem algumas poucas mesas vagas. Mas opto por sentar-me direto no bar, em uma cadeira alta, já que não estou esperando ninguém, além de que pretendo que a visita seja rápida.

Eu estou exausta.

Essa conclusão faz um sorriso espontâneo se formar em meus lábios.

“Você precisa de algo, querida?” Uma moça muito bonita, de cabelos escuros e ondulados, aparentando ter a mesma idade que eu, chama minha atenção do outro lado do balcão.

“Oi.” Respondo simpática. “Você consegue fazer um *mojito* sem álcool, por favor?” Olho para um painel grande na parede, checando as opções.

“Sem álcool? Essa é nova para mim.” Seu sorriso é simpático e o retribuo animada.

“Pois é, eu estou dirigindo, então, sem álcool para essa garota hoje.” Brinco, mostrando a ela as chaves do carro.

“Existe gente consciente que frequenta esse bar?” Sua pergunta é feita em voz alta e vem carregada de sarcasmo, fazendo com que as pessoas ao lado nos olhem para saber o que está acontecendo. “Ganhei minha noite. Vou fazer o seu drink e volto em um instante.” Com uma piscadela, ela sai para os

fundos do bar, deixando-me sorrindo sozinha.

Passo meus olhos ao redor, assimilando alguns detalhes ao longo do salão. Pêndulos triangulares iluminam cada uma das mesas espalhadas pelo lugar. Avisto um pequeno palco, onde um rapaz com calça jeans clara e camiseta justa canta, sustentando seu violão sobre o colo.

Continuo varrendo todo o ambiente, quando percebo uma presença se acomodar no banco ao meu lado.

Sinto-me imediatamente impactada ao observá-lo. Vejo um rapaz, vestindo uma camisa xadrez, que parece envolver perfeitamente o corpo alto e forte. Mais acima, noto sua cabeça raspada, que apresenta alguns poucos fios loiros, da mesma cor de uma barba bem aparada. Mas quando chego na altura de seus olhos, vejo-os me encarando com intensidade. São olhos de um azul tão escuro, que me sinto até um pouco zozza.

A minha primeira reação é desviar o olhar, mas por alguma razão, mantenho eles impassíveis, sustentando-os, até finalmente ouvir meu pedido chegar.

“Um *mojito* sem álcool saindo.” Minha atendente aparece toda sorridente, deixando o drink bem à minha frente, em cima do balcão. “Ah não, Samuel, não venha assustar a garota, é a primeira vez dela aqui.” Desviando seu olhar de mim, ela fala com o rapaz ao meu lado.

“Ei, vai com calma Flávia, eu não fiz nada.” Suas mãos se erguem, sugerindo que está se rendendo. “Ainda.” Completa, com um sorriso sacana no rosto.

Reviro meus olhos, me segurando para não retribuir o sorriso.

“Pois eu acho que você está muito animadinho.” Ela brinca, mas não deixo de reparar que tem um pouco de verdade nas entrelinhas. “Não caia no papo dele, ele já se acha a última bolacha do pacote.” Sussurra perto do meu ouvido, com um olhar cúmplice que me faz sorrir agradecida.

“Meu nome é Flávia, como o nosso amigo ali acabou de falar.” Diz,

apontando o dedo na direção dele. “E o seu qual é?” Pergunta, voltando sua atenção inteiramente a mim.

“Eu sou Isabela.” Respondo amigavelmente, me sentindo instantaneamente confortável na companhia de Flávia.

“É um prazer te conhecer, Isa.” Afastando-se um pouco, ela se despede de nós. “Preciso voltar ao trabalho. Eu estou de olho em você.” Levando dois dedos até os olhos e apontando-os para Samuel, ela caminha na direção de outro cliente, deixando-nos sozinhos.

“Depois disso tudo, vai ser difícil provar a você que eu sou um cara legal.” Tomo um gole de meu *mojito*, apreciando o sabor adocicado em minha língua.

“Você não precisa provar nada para mim.” Respondo secamente, torcendo que eu esteja demonstrando um desinteresse que na verdade é o oposto do que estou realmente sentindo.

“É verdade, eu não preciso.” Se aproxima um pouco, fazendo com que eu me afaste o máximo possível, sem me levantar da banquetta. “Mas aí, vai colocar por água abaixo toda a conversa que eu vim programado para ter com você.” Diz em tom de brincadeira, mantendo uma distância segura para me deixar confortável.

“Vai por mim, você não vai querer passar tanto tempo assim conversando comigo.” Digo, com uma risada sarcástica.

“Por que você acha isso?” A interrogação em seu rosto me faz sorrir.

“Eu sou do tipo que se apega fácil.” Decido ser honesta, pela primeira vez na vida, e vejo-o gargalhar com minha afirmação.

“Ah entendi, você está querendo me assustar, assim eu paro de te importunar.” Dou de ombros.

Se é isso que ele quer acreditar, eu não preciso contar a história da minha vida a um estranho.

“Vamos fazer o seguinte, podemos apenas conversar, prometo que não vou te cantar.” Ele parece decidido a passar um tempo comigo.

Faço um trato comigo mesma de que posso conversar com um cara bonito sem cair apaixonada em seus braços.

“Tudo bem, o que você programou para essa conversa?” Concorde, disposta a ouvi-lo.

“Uau, com essa pressão toda fica mais difícil.” Sorrimos um para o outro, enquanto ele parece pensar. “Eu nunca vi você por aqui.” Ele afirma, fazendo-me revirar os olhos.

“Sério, esse é o papo que você programou para me convencer de que é um cara legal?” Brinco, terminando minha bebida.

“Eu achei que você não queria que eu te provasse nada.” Responde, com um pensamento rápido.

“Isso é verdade.” Confirmo, olhando para a minha taça vazia.

“Você está esperando alguém?” Pergunta, levando a garrafa de sua cerveja aos lábios.

Observo-o engolir e isso não passa despercebido por ele.

“Posso pedir outra bebida para você?” Penso bem antes de respondê-lo.

“Não, não estou esperando ninguém e sim, aceito outra bebida.” Um largo sorriso se espalha em seu rosto.

Samuel levanta um braço, chamando a atenção de Flávia, que chega rapidamente para nos atender.

“Consegue mais um drink para a Isabela?” Pede educadamente.

“Ah não! Você tá caindo no papo furado dele?” Com uma decepção fingida, percebo que ela mais faz isso para provocá-lo, do que realmente para atrapalhar.

“Eu não sou boba de perder um *mojito* grátis.” Digo, tapando a boca com a

mão de brincadeira, sem realmente evitar que ele escute.

“Boa garota, você é das minhas!” Rindo alto, ela estende a mão para mim e fazemos um *high five*, antes dela se afastar.

“Então você está me usando para patrocinar suas bebidas, Isabela?” Com as mãos no coração, demonstra uma chateação fingida. “Eu sou só um brinquedo nas suas mãos.” Seu drama continua, me fazendo gargalhar.

“Me chama de Isa.” Peço, em meio às risadas.

“Você não gosta do nome Isabela?” A curiosidade está eminente em sua expressão.

“Não é isso.” Falo rapidamente. “É só que todo mundo me chama de Isa.” Concluo, desviando o olhar.

“Bom, pois minha mãe sempre me falou que eu não sou todo mundo.” Responde.

Tocando meu queixo com os dedos, ele deixa meu rosto alinhado ao seu.

“Vou te chamar de Bela, então.” Sinto meu coração descompassado por um segundo.

“Aqui está o seu *mojito*, ainda sem álcool.” Flávia me entrega, com um sorriso cúmplice.

Ela deve achar que eu estou caindo na conversa dele. Mas eu não estou.

Estou?

“Obrigada, Flávia.” Agradeço constrangida.

Acho que a Flávia é aquele tipo de pessoa que entende nossos olhares, sem a necessidade de palavras. Em um gesto de solidariedade ela se aproxima de mim para cochichar em meu ouvido.

“O Sam é um cara legal, eu só estava pegando no pé dele.” Vejo de relance, que ele está curioso sobre a nossa interação. “Mas nunca deixe ele

saber que eu falei isso.” Sorrimos com cumplicidade uma para a outra, deixando-o ainda mais inquieto.

“Você não vai me contar o que ela disse, né?” Nego com a cabeça, tomando o primeiro gole da minha segunda bebida da noite.

“Vocês acabaram de se conhecer e já são melhores amigas. Inacreditável!” Fala com humor.

Eu adoraria ter a Flávia como amiga. Esse pensamento me deixa super animada.

“Acho que já está mais do que na hora das mulheres se unirem e não ficarem atirando pedras umas nas outras.” Respondo reflexiva.

“Eu não poderia concordar mais, mas, não precisam se unir justamente para atirar as pedras em mim.” Sei que ele está brincando, porque seus olhos criam uma ruguinha nos cantos, indicando seu senso de humor.

“Você prometeu me convencer que é um cara legal e até agora não vi nada demais.” Ele gargalha da minha resposta.

“Você tem razão, eu sou um impostor. Talvez eu não seja um cara legal, no fim das contas.” Admite cabisbaixo.

“Pelo menos você é legal o suficiente para admitir.” Brinco. “Um ponto positivo para você.” Concluo, descansando minha cabeça em uma das mãos.

“Obrigado pelo benefício da dúvida.” Diz, levando a garrafa de cerveja mais uma vez até os lábios. “O que você acha que devemos conversar então? Os tópicos convencionais?” Seus olhos não me perdem por um segundo.

“O que são *tópicos convencionais*?” Questiono intrigada.

“Ah, você sabe, o de sempre.” Começa a enumerar cada item com os dedos.

“Quantos anos você tem, o que faz da vida, o número do telefone.” Neste último, ele olha esperançoso em minha direção, me fazendo rir.

“Porque não inovamos um pouco essa brincadeira?” Sugiro. “Vamos tentar adivinhar as coisas um do outro.” Me animo na hora com a ideia.

“Tudo bem, eu começo então.” Se prontifica rapidamente. “Você deve ter vinte anos.” Tenta, estreitando os olhos, como se estivesse tentando me ler com precisão.

Sorrindo, imito um som eletrônico de resposta errada.

“Errou feio, eu tenho vinte e quatro anos.” Ele faz beicinho, como se estivesse desapontado por ter errado.

“Tá bom, agora é minha vez.” Analiso-o atentamente, observando melhor o porte físico e a espessura da barba. “Você deve ter vinte e oito anos.” Afirmo, segura da minha resposta.

“Uau, como você faz isso?” Ele parece surpreso.

“Eu acertei?” Sua confirmação faz com que eu dê pequenos pulinhos animada na banquetta.

“Vai ser difícil competir com os seus poderes psíquicos, mas vou tentar.” Ele olha para mim com atenção, fazendo meu corpo cada vez mais inquieto. “Você é modelo.” Diz, fazendo-me revirar os olhos.

“Você tem que tentar de verdade, não falar o que acha que eu quero ouvir.” Dou um pequeno empurrão em seu ombro.

“Mas eu estou falando sério.” Responde defensivo. “Deixa eu tentar de novo então...” Prestando atenção em novos detalhes, ele observa minhas mãos, apertando firmemente a bolsa em meu colo, sobe até meus cabelos, soltos livremente até o meio das minhas costas. “Professora?” Tenta mais uma vez, fazendo-me rir.

“Não, eu não sou professora.” Como se eu conseguisse ensinar algo para alguém. “Eu tenho uma loja que vende artigos de papelaria.” Conto orgulhosa.

“Eu nunca acertaria isso.” Brinca. “Mas combina, parece que você gosta muito do que faz.” De alguma forma suas palavras me deixam feliz.

“É o meu lugar preferido.” Meu sorriso radiante não deixa nenhuma dúvida

sobre a veracidade do que falo.

Agora é a minha vez de adivinhar o que ele faz, e fico com muitas possibilidades passeando pela cabeça. A postura confiante, o olhar atento, a forma como se veste, nada parece me dar uma boa pista.

“Você parece o tipo de pessoa que pode fazer qualquer coisa que quiser.” Declaro pensativa.

“Definitivamente errado.” Apressa-se a dizer, dando um sorriso irônico.

“Trabalha com turismo?” Tento novamente.

“Não.” Sua risada é alta, mostrando que estou bem longe de acertar. “Sou engenheiro civil.” Explica, terminando sua bebida.

“Eu deveria ter sacado pela camisa xadrez, mas não quis estereotipar a classe engenheira.” Sua risada é tão contagiante, que quando vemos, estamos com os olhos lacrimejando, de tanto rir.

“Você não espera que eu adivinhe o número do seu telefone, né?” Pergunta, ficando sério de repente.

Reflito por um momento, olhando minha taça vazia. Eu estou louca para sair com ele. Não é preciso ser vidente para saber que eu estou encantada por tudo. A conversa que tivemos, seu senso de humor, sua aparência, tudo é exatamente da forma que faria eu me apaixonar, e é exatamente por isso que eu preciso me dar esse tempo. Especialmente agora que estou tendo algum tipo de avanço em agir por mim mesma.

“Vamos fazer o seguinte, a próxima vez que nos encontrarmos novamente, eu te dou o meu número.” Sugiro, levantando e assumindo que já está na hora de ir para casa.

“E quando vamos nos ver de novo?” Ele pergunta, apressando-se em me acompanhar.

“Vamos deixar o universo decidir.” Brinco, me afastando dele. “Foi um

prazer te conhecer, Samuel. Manda um beijo para a Flávia por mim.” Jogo um último beijo no ar, antes de me virar e caminhar até a saída.

Meu coração está mais apertado a cada passo em direção ao carro.

Tenho o ímpeto de voltar e tentar encontrá-lo novamente, mas aguento firme, chegando ao estacionamento e dando partida para o caminho da casa de minha avó.

Foi a coisa certa a fazer.

Quem sabe se eu falar várias vezes, isso entre de verdade no meu coração.

Cada nova atitude que eu tomo em prol de mim mesma, é um passo adiante. Passos de bebê, mas ao menos eu não estou mais estagnada no mesmo lugar.

-Três-

Passos pequenos

Eu amo segundas-feiras.

Não é o mais comum entre a maioria das pessoas, mas sempre encarei o início de uma nova semana como a chance de novas oportunidades. Como se eu pudesse pegar os erros cometidos ao longo da semana, colocá-los no fundo do baú, respirar fundo, sacudir a poeira e seguir em frente. Mas pela primeira vez na minha vida, minha empolgação vai além de querer apagar alguma coisa, ao contrário, eu olho para trás e me sinto feliz sobre tudo que me desafiei a fazer nos últimos dias.

Eu não preciso e nem quero apagar nada. Constatar isso me enche de esperança.

Abro minha loja, desligando o alarme, e vou adentrando-a, acendendo todas as luzes, ao longo de minha caminhada porta a dentro. Sigo fazendo as ações rotineiras, quando a campainha toca, apontando a chegada de alguém. Viro-me para encontrar Álvaro, com seus olhos caídos de sono, sem nem ao menos tentar disfarçar um bocejo.

“Parece que o final de semana foi memorável, hein?” Brinco, observando-o guardar suas coisas no guarda-volumes e se derramando sobre uma das banquetas dispostas ao longo dos balcões da loja.

“Memorável é pouco, eu ainda não acredito que meu grupo de poesia é assim tão baladeiro.” Álvaro entrou em um grupo de poesia recentemente, com a intenção de se conectar melhor com seu eu interior e fez alguns amigos nesse período. “Eu não sei se aguento o ritmo deles.” Fala, escondendo o rosto

sobre os braços apoiados no vidro.

“É claro que aguenta. Por que você não descansa um pouco lá atrás, se eu precisar de você, eu aviso.” Sugiro, com a intenção de vê-lo mais disposto logo.

“Que tipo de chefe é você?” Pergunta indignado. “Não mesmo, eu preciso sofrer um pouco para aprender a ser mais responsável e não voltar para casa de madrugada, em pleno domingo.” Ele se levanta, arrastando-se até o computador, para enfim dar o dia como iniciado.

“Você é que sabe.” Com um dar de ombros, vou até a mesa de café, para ligar a cafeteira.

“E o seu final de semana como foi?” Álvaro pergunta, fingindo entusiasmo, mas sem conseguir esconder de mim sua expressão preocupada. “Você não me ligou nenhuma vez.” Ele faz um bom trabalho em parecer relaxado, como se isso não fosse grande coisa.

Alguns segundos se passam, antes que eu responda.

Observo as gotas escuras de café descerem lentamente para a jarra de vidro.

“Foi incrível, Álvaro.” Digo em um sussurro, com medo de, ao relatar tudo em voz alta, acabar por perceber que o que aconteceu, não foi nada tão incrível quanto parece na minha cabeça.

“Então por que você ainda não está me contando todos os detalhes?” Aquela mesma pessoa exausta, que mal conseguia ficar em pé, minutos atrás, se transforma em outra completamente diferente, agora alerta e curiosa.

Sorrio para ele, refletindo por onde devo começar.

“Estava quase te ligando no sábado, para almoçarmos juntos.”

Converso, enquanto sirvo duas xícaras de café, adicionando leite e açúcar no meu e apenas açúcar no de meu amigo.

“Por que não ligou?” Questiona chateado.

“Resolvi colocar em prática alguns conselhos que a dra. Silvana me falou.”

Minha resposta faz com que ele acene em entendimento. “Sobre apreciar pequenos momentos individuais.” Falo, levando a xícara fumegante até ele, que aceita agradecido. “No começo foi bem difícil, admito, mas depois tive uma ideia. Não sei como isso surgiu, mas me encheu de otimismo.” Sento ao seu lado, agora apreciando meu café.

“Que ideia, Isa?” Pergunta impaciente.

“Decidi me mudar.” Respondo simplesmente, calculando com calma a sua reação.

“Mas e as coisas da sua avó?” Sua pergunta machuca um pouco, mesmo sabendo que essa não é sua intenção.

Álvaro está preocupado, afinal, conhece bem minha história e sabe como a minha relação com a minha avó era complicada.

“Vou doá-las ou jogar fora. Ontem mesmo comecei uma arrumação. Acho que vai ser bom, sabe? Colocar um fim definitivo no passado, tentar ficar apenas com memórias boas.” Explico pensativa.

“Quer saber? Você está certa.” Concorde, agora que conseguiu entender melhor minha forma de pensar. “Vou te ajudar a arrumar tudo.” Ele segura minha mão, trazendo um pouco de conforto.

“Tem mais.” Adiciono, balançando levemente a cabeça, para colocar as emoções em seu devido lugar. “Descobri o que quero fazer nas minhas horas vagas.” Vejo meu entusiasmo refletido na expressão de meu amigo.

“Encontrei uma casa de repouso chamada Raio de Sol. Eles recebem idosos abandonados ou com vulnerabilidade social, com a intenção de promover uma qualidade de vida melhor a eles.” Beberico um gole do café antes de continuar. “A fundação é cem por cento beneficente, sem fins lucrativos.”

Estico minha mão até alcançar a sua, para fazê-lo entender o quão grandioso é tudo que encontrei lá. “Álvaro, você precisa ver como são as coisas por lá. Aqueles idosos passaram por um inferno ao longo de suas vidas, mas ainda

assim, os olhos deles ficavam franzidos de tanto sorrir enquanto falavam comigo.” Aperto mais firme sua mão, uma forma de controlar o turbilhão que está acontecendo dentro do meu peito.

“Uau!” Exclama, retribuindo o aperto que dou em sua mão. “Nunca vi você falar com tanta emoção de nada, além da Candy Color.” Assinto com a cabeça, percebendo o quão animada estou em fazer parte de algo que realmente faz a diferença.

A campainha toca, e Álvaro libera a minha mão para atender o cliente que acaba de entrar, me permitindo ficar refletindo sobre tudo.

Mudanças sempre foram um problema para mim. Começar de novo era um sinal de que tudo que ficou para trás foi em vão, e Deus sabe o quanto lutei ao longo da vida para que as coisas permanecessem como estavam, insegura pelo dia de amanhã, um medo que me corroía de ficar sozinha. Mas dessa vez é diferente. As mudanças acontecendo dia após dia, são um reflexo das escolhas que estou conscientemente fazendo por mim mesma, isso muda tudo. Me faz olhar para o futuro de forma otimista.

Meu amigo termina o atendimento, e se aproxima cautelosamente de mim, dando-me o tempo necessário para concluir o momento de reflexão.

Olho-o com um sorriso radiante, que ele retribui imediatamente.

“Eu estou muito feliz, Isa.” Fala, enquanto me observa. “Nunca vi você assim, mas depois de hoje, eu não vou aceitar nada menos que este sorriso.” Corro para abraçá-lo, sem conseguir conter a animação.

Após muitas risadas e brincadeiras, decidimos oficialmente iniciar o dia de trabalho. Partimos para extremos opostos da loja, decididos em nos ocupar com alguma atividade.

“Depois de conhecer a casa de repouso, você ficou o restante do final de semana encaixotando as coisas?” Questiona curioso, passando um pano umedecido em uma pilha de agendas.

“Eu também conheci um cara.” Respondo despretensiosa.

“Ah claro, sempre tem que haver um cara.” Diz, rolando seu olhos para cima.

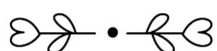
“Ei, você pode me dar ao menos um pouco de crédito?” Sento-me de frente para o computador, disposta a fazer uma placa indicando a venda da casa de minha avó. “Nós não ficamos, e nem passei meu telefone a ele.” Falo orgulhosamente.

“Estou impressionado, você está ficando boa nisso.” Seu comentário me faz rir. “Mas o que vocês fizeram, então?” Pergunta com curiosidade.

“Ah, nós flertamos, você sabe, coisas normais.” Minha tentativa de indiferença faz Álvaro gargalhar.

“Depois de conhecer você, ninguém no mundo poderá dizer que terapia não funciona.” Sua afirmação me faz refletir.

Meu amigo está coberto de razão.



Um mês inteiro após minha decisão de me mudar, finalmente, uma família se mostrou interessada na antiga casa de minha avó. Isso me deu a liberdade de marcar uma reunião com uma construtora que está prestes a inaugurar um prédio próximo ao centro, perto à minha loja.

“Pode ficar tranquila, Isa. Eu fecho a loja com a minha chave e envio uma mensagem no seu celular confirmando que o alarme está ligado.” Álvaro me tranquiliza momentos antes de eu me ausentar para o encontro que tenho com a representante da construtora.

“Desculpa deixar você sozinho, mas este era o último horário dela para essa semana e não quero levar mais tempo para decidir isso.” Repito pela terceira

vez, me sentindo culpada.

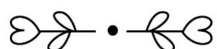
“Chefinha, eu dou conta de fechar a loja sozinho, você faz isso o tempo todo quando preciso sair mais cedo.” Aponta, deixando-me mais calma.

“Tudo bem, eu vou saindo então. Promete me ligar se precisar de qualquer coisa?” Meu pedido faz meu amigo gargalhar.

“Sim, da mesma forma que eu prometi nas duas últimas vezes.” Concorde, percebendo minhas paranoias bobas.

“Obrigada, Álvaro, fico te devendo essa.” Digo, pegando as chaves do meu carro dentro da bolsa e caminhando em direção a saída.

“Tenho certeza de que isso já está sendo pago no meu salário.” Grita, antes que eu desapareça na porta.



A Lima Construtora, é uma das maiores e mais antigas construtoras da cidade, além de possuir várias filiais ao longo do estado.

Levando em conta minha dificuldade com mudanças, optei por comprar e não alugar um novo espaço para mim. Isso torna a decisão do lugar perfeito ainda mais importante, já que não estou disposta a fazer uma nova mudança tão cedo. Por essa mesma razão, foi fácil decidir qual a empresa eu gostaria de contratar para me vender um imóvel, onde teria garantias a longo prazo.

Uma garota bem jovem me recepciona, no instante que adentro a porta do belo escritório da Lima Construtora.

Passo meus olhos ao redor, observando a arquitetura moderna, com grandes paredes de vidro fumê, uma cascata transparente no meio do hall de

entrada e verde por todo lado.

Não consigo encontrar uma extremidade sequer, que não esteja decorada com alguma planta. É tudo absurdamente lindo, mas ostentador demais para mim.

“Boa tarde, a senhora tem hora marcada?” Com simpatia, a recepcionista me traz de volta para o tempo presente.

“Boa tarde. Sim, tenho um horário com a Luciana.” Respondo, retribuindo seu sorriso.

Ela leva alguns minutos no telefone, entrando em contato com quem acredito ser a Luciana, pessoa com quem combinei esta reunião.

“A Luciana vai te receber agora em sua sala. Você pode me acompanhar, por favor?” Saindo de seu posto, ela toma a frente, nos direcionando a um novo cômodo, na parte interna do escritório.

“Você é a Isabela?” Uma mulher mais velha, com olhos simpáticos e sorriso radiante, estende a mão para mim.

“Isso mesmo, você é a Luciana, certo?” Pergunto, levando minha mão até a dela. “Conversamos por telefone.” Digo, acompanhando-a para dentro da sala, que segue os mesmos padrões de decoração do restante do edifício.

“Sente-se, por favor.” Sugere, enquanto ela mesmo se acomoda na parte de trás de uma mesa grafite. “Aceita um café?” Oferece, segurando o telefone em sua mesa.

“Não, muito obrigada.” Ela deixa o telefone de lado, antes de voltar sua atenção exclusivamente a mim.

“Você havia me dito que procura um lugar não muito grande, com três quartos, próximo ao centro, certo?” Suas mãos começam a digitar rapidamente no computador a sua frente.

“Sim, eu tenho uma loja no centro e seria ótimo se não fosse muito longe dela.” Confirmo, sentindo um frio de emoção na barriga começar a dar seus

sinais.

“Nós temos um prédio que será inaugurado em alguns meses, que fecha com todos os seus requisitos. Vou apresentar algumas fotos e, se você gostar, podemos ir hoje mesmo até lá para você conhecer. O que acha?” Aceno com a cabeça, dando um largo sorriso.

Passamos bons minutos com ela me apresentando todos os detalhes, explicando que a obra não está oficialmente terminada, faltando alguns detalhes, mas que eu já posso contratar serviço de mobília, para que me mude no período de liberação da obra, com meu apartamento completamente pronto.

Sei que essas condições não farão nenhum bem para minha constante ansiedade, mas as fotos que Luciana me apresentou parecem ser exatamente da forma como eu imaginei.

Além de tudo, conversando por um tempo a respeito de preços e condições, está dentro do que posso pagar, assim que concluir a venda da antiga casa de minha avó.

“Vamos conhecer o prédio, para você poder finalmente decidir, o que acha?” Questiona animada, enquanto levanta-se e pega uma tag no interior da gaveta em seu gabinete.

“Acho perfeito!” Exclamo, sem conseguir disfarçar meu próprio entusiasmo.

Luciana abre a porta de sua sala, e faz um movimento, me incentivando a ir na frente, sorrio agradecida e faço meu caminho para fora.

Uma porta a frente do mesmo corredor se abre e observo um corpo robusto, envolto por uma camisa xadrez vermelha.

Seguro minha respiração quando o dono daquele corpo captura meu olhar.

Samuel parece ficar sem reação, assim como eu. Ele me analisa por alguns segundos e vejo meus pensamentos voltando no tempo, ao dia em que

nos conhecemos. É impossível não relembrar cada parte de nosso diálogo, a conversa fácil e divertida, a forma como lidei com aquele misto de novas sensações, dando a volta por cima, sabendo que minha cabeça estava prestes a me puxar para baixo mais uma vez.

O corpo de Luciana se encontra desajeitadamente no meu, após minha parada abrupta e inesperada, fazendo-me tropeçar para frente, me aproximando um pouco mais de Samuel.

“Isabela?” Ele se adianta, chegando mais perto e segurando meu antebraço, para me estabilizar no lugar.

Olho para cima, e encontro-o me observando com intensidade e isso me fez esquecer o embaraço por um segundo.

“Me desculpe, você se machucou?” Luciana apressa-se em verificar, tirando-nos de nossos devaneios.

“Não, está tudo bem.” Respondo, afastando-me um pouco da proximidade de Samuel, para o meu próprio bem. “Eu que parei do nada.” Levo a mão até o bolso da calça jeans, tentando disfarçar o embaraço.

“Vejo que vocês já se conhecem.” Ela comenta, fechando um pequeno triângulo.

“Eu e Isabela nos encontramos há alguns meses atrás,” Samuel responde, com seus olhos fixos em mim.

“Então você vai gostar de saber que se tudo der certo, em poucos dias ela se tornará nossa cliente.” Me sinto uma criança, incapaz de proferir uma única sílaba.

“Você vai comprar um de nossos apartamentos?” Pergunta, me forçando a finalmente dizer algo.

“Eu não sabia que era seu.” Digo na defensiva, sem entender do que exatamente estou tentando me defender.

Samuel e Luciana dão uma risada tranquilizadora, que não funciona

tão bem quanto deveria.

“A Lima Construtora pertence à família de Samuel.” Luciana faz a frente em esclarecer tudo.

“Qual prédio você levará a Bela para conhecer?” Questiona, tirando por alguns segundos seus olhos de cima de mim e me deixando ainda mais aérea, utilizando o apelido que me deu.

“Ela precisa de um apartamento no centro, então vou levá-la para conhecer o Águas Marinhas II.” Ouvindo suas palavras, vejo a expressão de Samuel se fechar e suas sobrancelhas se retraírem.

“Você vai gostar de lá, Bela.” Disfarçando rapidamente a carranca de segundos atrás, sua atenção retorna a mim. “Será a primeira moradora e ainda terá a liberdade de mostrar como quer os móveis planejados.” Diz, de forma simpática, deixando-me confusa sobre o comportamento contraditório.

Assinto com a cabeça, ainda sem vontade de abrir a boca para falar algo e acabar passando algum constrangimento memorável.

“Lú, você pode nos dar licença, só um minutinho?” Pede educadamente, causando ainda mais nervosismo a mim.

“Claro, Sam.” Com um sorriso, ela se dirige a mim. “Isabela, já enviei a localização para você, então vou sair na frente e nos encontramos lá, pode ser?” Uma de suas mãos alcançam meu ombro, um gesto de solidariedade, que parece me dar um pouco de força.

“Ótimo, eu encontro você lá então.” Respondo, da melhor forma que posso.

Vejo-a se afastar, passando pelas portas automáticas, esperando que Samuel diga alguma coisa.

“Bom, acho que está na hora de você me passar o número do seu telefone.” Ele quebra o silêncio, me fazendo rir de puro nervosismo.

“Você não vai nem tentar puxar algum papo aleatório antes, dessa vez? Vai direto ao ponto.” Brinco, tentando aquietar a ansiedade.

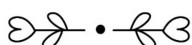
“Da última vez não deu muito certo, então estou testando uma nova abordagem.” Fala, com um sorriso lindo, de acabar com as estruturas de qualquer garota.

“Não é que não tenha dado certo, nós fizemos um combinado.” Digo, tentando levantar a guarda.

“Tudo bem, mas você prometeu e promessa é dívida. Você está em dívida comigo.” Insiste com a voz branda e bem humorada.

“Tem razão, eu prometi.” Reflito por um segundo, antes de dizer os números a ele.

“Nós vamos nos ver logo, Bela.” Afirma confiante, aproximando-se de mim e depositando um beijo lento em meu rosto. “Espero que você goste do apartamento.” Afastando-se de costas, ele segue seu rumo, sem tirar os olhos de mim, com um sorriso encantador nos lábios, tornando impossível que eu mesma não retribua aquele sorriso.



O apartamento é muito mais do que eu poderia sequer desejar. Quartos com tamanhos ideais, nada exagerado. Piso amadeirado, me fazendo desejar tirar o tênis para sentir a textura em meus pés. A cozinha integrada com a sala de jantar e estar dando uma amplitude perfeita e o aspecto moderno. Mas a minha parte favorita, sem a menor dúvida é a sacada. Com portas de vidro que ocupam toda a parede da sala, até o cômodo que se tornará o meu quarto, os raios de sol entram sem nenhuma barreira, iluminando todo o espaço, deixando-o com energias tão positivas, que se eu já estava contando os dias para finalmente me mudar, após conhecer meu

futuro lar, tudo só se intensificou ainda mais.

“Pelo sorriso radiante, ousou dizer que você gostou.” Luciana me traz de volta para o tempo presente.

“Parece que este lugar foi feito para mim.” Respondo sorrindo, ainda girando ao redor, tentando memorizar cada detalhe.

“Isso me deixa muito feliz, Isabela.” Diz, aproximando-se de mim.

“Vou enviar um e-mail com todas as informações e documentos que preciso que você entregue a mim e, após tudo concluído, entrego a sua chave, para que tenha a liberdade de providenciar os móveis.”

Todas as palavras que ela diz, parecem distantes para mim, como se eu estivesse observando de longe a vida de uma outra pessoa, já que não estou acostumada com algo assim tão maravilhoso acontecendo comigo.

Respiro fundo, fechando os olhos, inalando profundamente o cheiro limpo de casa nova e sorrio em concordância para Luciana.

Uma vozinha dentro de mim, a mesma que vem me dando instruções para dominar meus sentimentos, manda sua mensagem mais uma vez, dizendo para que eu aceite e agradeça, e é isso mesmo que vou fazer.

A caminho de casa, envio uma mensagem para Álvaro, questionando se ficou tudo bem na loja e ele me tranquiliza, informando que está tudo certo.

Chegar na casa de minha avó, após conhecer onde será o meu novo lar, faz com que eu deteste ainda mais este lugar.

Cada espaço vem carregado de memórias de solidão, com pouco diálogo e compreensão. Me sinto culpada por desejar que o tempo voe, mas desejo mesmo assim.

Nunca consegui me sentir confortável aqui. Parece que minha liberdade é podada, como se eu não fosse capaz de tomar decisões, já que elas já estão estabelecidas por outra pessoa.

A casa se parece menos ainda com um lar, agora que está com caixas espalhadas por todos os cantos e lugares vazios, com coisas que já me desfiz.

“Calma Isa, o tempo vai passar rapidinho, você vai ver.” Tranquilizo a mim mesma, bebendo um copo de água, antes de trocar de roupa e me sentar no sofá, esperando a hora apropriada para dormir.

Quando meu celular se acende, apontando uma nova mensagem, fico em estado de alerta imediatamente.

Sei quem é, antes mesmo de passar os olhos pela tela e ler a mensagem do número desconhecido.

- *Parece que finalmente o universo decidiu.*

Eu gostaria de negar, mas honestamente, eu estou muito feliz que ele tenha decidido.

-Quatro-

Novas perspectivas

Um novo dia de terapia e eu tenho tanto a dizer para a Dra. Silvana que decidi fazer uma lista dividida em tópicos. Era isso, ou eu não dormiria a noite toda refazendo a lista mentalmente ao menos umas mil vezes.

“Vejo que você fez uma lista.” Minha terapeuta inicia a sessão, apontando o óbvio, com um sorriso compreensivo.

“Eu tinha tantas coisas que gostaria de dizer para a senhora, que achei uma boa ideia criar uma lista para não esquecer nada.” Digo animada.

“Qual é o primeiro item da sua lista?” Pergunta, já fazendo alguma anotação misteriosa em seu *tablet*.

“Deixa eu ver aqui.” Olho para minha agenda, posicionando o indicador no tópico um. “Encontrei meu novo apartamento e já estou decidindo os detalhes para a mudança.” Volto a olhar para ela, demonstrando minha empolgação.

“Só vou poder me mudar oficialmente em um mês, mas estou tão ansiosa!” Levo a mão direita até o peito, para conter um pouco do entusiasmo.

“Estou vendo.” Diz sorrindo junto comigo. “Estou muito feliz com essa nova conquista na sua vida, espero que no fim da sessão você tenha fotos do seu novo lar para me mostrar.” Seu interesse me deixa radiante.

“Tenho, é claro.” Deixo a agenda em meu colo por um segundo, esquecendo por ora, dos outros tópicos da lista.

“Estou percebendo que essa mudança tem te deixado muito ansiosa. Me fale mais sobre o que você está sentindo.” Eu não preciso pensar muito antes de responder com sinceridade.

“Muito ansiosa é pouco.” Tomo uma respiração profunda, antes de continuar a falar. “Estou constantemente ansiosa, este foi o motivo de ter criado a lista. Acho que se não tivesse levantado da cama e listado tudo, eu não conseguiria dormir.” Observo-a fazer uma nova anotação.

“Fazer listas é uma boa estratégia, mas tente fazer isso ao longo do dia, não antes de dormir.” Esclarece com sua voz branda. “A ansiedade é uma emoção essencial ao ser humano. É ela que manda alertas necessários ao nosso corpo, em relação a situações de possível perigo.” Ouço atentamente tudo o que ela diz. “Então com todas essas mudanças ocorrendo em sua vida, é natural que você sinta algum tipo de ansiedade, por isso, você não precisa se sentir frustrada por não conseguir controlar completamente este sentimento. Mas se ela de alguma forma, tem atrapalhado diretamente o seu dia-a-dia, nós podemos trabalhar em um exercício que ajudará você a controlar sua respiração e conseqüentemente, lidar melhor com a ansiedade.”

Levamos um tempo repassando o exercício e isso toma mais tempo da consulta do que eu esperava. Mas a dra. Silvana me tranquiliza, dizendo que não há ninguém no seu próximo horário e podemos estender a sessão por alguns minutos, sem problema algum.

Conto a ela sobre a minha rotina na casa de repouso, que tenho passado duas noites por semana lá e que tem sido uma experiência muito gratificante.

“De um modo geral, é muito tranquilo, mas surpreendentemente eu me sinto melhor fazendo nada lá, do que fazer nada na antiga casa de minha avó.” Esclareço constrangida.

“É incrível você ter encontrado uma atividade que te conecta com sentimentos positivos dentro de você, Isa.” Diz animada, mas sinto um porém pronto a sair.

“Mas?” Me adianto em perguntar.

“Você não consegue lembrar de nenhuma memória positiva do tempo em que viveu na sua casa?” Ambas permanecemos em silêncio por um tempo, eu tentando buscar algo na memória, e a Dra. Silvana, me aguardando pacientemente. “Lembre-se que seu problema não é com a casa, ela é só uma estrutura física, erguida a base de tijolos. Seus problemas reais, são com as lembranças, e essas, estarão com você por onde você for.” Suas palavras são cortantes, mesmo que ela esteja falando da forma mais cautelosa possível. “Talvez se despedir com carinho, seja uma boa forma de encerrar este ciclo, aceitar o que ficou no passado e a partir de agora, trilhar um novo caminho. Um caminho escolhido apenas por você.” Finaliza com seus olhos brilhando.

Essa percepção me conforta, pois vejo o quanto é sincero tudo o que ela me diz.

“Eu vou tentar.” Me limito a dizer, limpando as lágrimas que não se contiveram em sair.

“Qual o próximo item da sua lista?” Após me deixar liberar as emoções em silêncio durante alguns minutos, ela me ajuda a retornar ao momento presente.

“Eu tenho um encontro essa noite.” Respondo enxugando as lágrimas. “Com aquele rapaz que conheci no bar mês passado.” Parada, espero por suas palavras de sabedoria, morrendo de medo que ela possa discordar dessa decisão.

“Como você está se sentindo a respeito disso?” Questiona, sem esboçar nenhuma reação.

“Eu estou nervosa, com medo de colocar tudo a perder.” Levo as mãos aos cabelos, frustrada. “Mas ao mesmo tempo, eu gostei tanto da forma como nossa conversa fluiu facilmente no dia em que nos conhecemos e isso me enche de vontade de ver no que vai dar. Sem grandes expectativas.” Me apresso em concluir.

Dra. Silvana me observa por um tempo sem falar absolutamente nada, esperando se eu tenho algo mais a dizer.

Isso faz com que meu coração dispare loucamente.

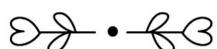
“Eu achei que a senhora me diria que essa não é uma boa hora para me envolver romanticamente com alguém.” Falo em tom de brincadeira, sem realmente estar brincando.

“Eu nunca vou dizer a você o que fazer, Isa.” Diz, aproximando-se de mim. Como sempre, sentindo quando eu preciso de amparo. “Meu trabalho é fazer você olhar para a sua vida e entender que se basta para ter momentos de felicidade. Quando isso acontecer, não importa a pessoa com quem você se relaciona, porque conhecer o que te traz alegria, fará com que você nunca mais aceite nada menos que essa paz interior.” As lágrimas voltam a cair, como um desabafo necessário.

Minha terapeuta me ajuda com seu silêncio e presença, entregando todo o consolo que eu preciso no momento.

Quando saio do consultório, me sinto forte e capaz.

Isso é tudo que quero sentir a partir de hoje.



Já troquei de roupa no mínimo seis vezes e ainda não me sinto pronta para este encontro.

Me consola o fato de que eu decidi ir em meu próprio veículo até o endereço indicado por Samuel.

Ele insistiu em me buscar e irmos juntos e, minha primeira reação obviamente, foi aceitar. Mas após debater internamente, e criar uma lista de

prós e contras, voltei a enviar uma mensagem a ele, recusando sua oferta.

Eu estou disposta a ter o mínimo de controle da situação.

Através do espelho, vejo minha imagem, com os cabelos loiros caindo naturalmente até o meio de minhas costas.

Visto um vestido branco soltinho, que vai até meus joelhos, em um comprimento *midi*, com alças finas.

A falta de informação do local em que vamos nos encontrar, torna ainda mais difícil decidir. Samuel se limitou a dizer para que eu não me preocupe com o que vestir e priorize o conforto. Com seu conselho em mente, calço sandálias de tiras finas sem salto, e torço para que seja apropriado ao local do encontro.

Respiro fundo algumas vezes, colocando em prática o exercício ensinado mais cedo por minha terapeuta, e dirijo na direção ao endereço indicado em meu celular.

Após consultar o ponto específico que ele me passou em sua mensagem, percebo que não existe estabelecimento algum naquela localização, deixando-me apreensiva e desconfiada. Mas no fundo eu sei que Samuel não é uma pessoa perigosa.

Chame isso de ingenuidade da minha parte, mas este pressentimento me dá coragem de seguir as coordenadas, com um misto de sensações e sentimentos, porém, medo, não é um deles.

Paro o carro em um estacionamento em frente à praia, observando ao redor, encontrando-a deserta e silenciosa. Compartilho minha localização por mensagem com Álvaro, mandando um alerta de que se eu não entrar em contato dentro de alguns minutos, ele deve vir atrás de mim. Apesar de não me sentir ameaçada, cautela nunca matou ninguém, muito pelo contrário.

Coloco os pés no chão, fora do carro, tomo uma nova respiração profunda e sigo em frente, esperando encontrar Samuel logo.

Avisto a fagulha de uma luz a minha frente e sigo-a instintivamente. Ao longo do caminho, pareço ter sido transportada para uma cena clichê de um filme de comédia romântica.

Um caminho de velas sobre a areia da praia me leva a uma toalha xadrez estendida. Uma cesta está disposta sobre ela, junto com duas taças e guloseimas variadas, que não sou capaz de observar atentamente, já que meus olhos encontraram Samuel, sentado sobre a toalha, de costas para mim, com a postura erguida, observando atentamente o mar calmo e tranquilo desta noite sem vento.

Ele escuta minha presença se aproximando e gira o corpo, encontrando meus olhos e mostrando um belo sorriso em seguida.

Retribuo seu sorriso, sem saber como segurar a emoção. Como não me apegar instantaneamente a um gesto como este?

Aproximando-se de mim, ele alcança minhas mãos, unindo-as e dando um beijo estalado, que reverbera dentro de mim.

“Você me deu muito tempo para pensar em como seria o nosso primeiro encontro.” Se limita a dizer, olhando em volta, como se este comentário justificasse a magnitude de tudo o que preparou para nós. “Samuel, nem sei o que dizer.” Respondo sem palavras, abraçando-o sem jeito, esperando que meu abraço consiga transmitir a ele um terço do meu real sentimento.

Ele me aperta em seus braços por um longo minuto, antes de se afastar um pouquinho. Segurando minha mão, me leva até a toalha posta sobre a areia.

“Se bem que na minha cabeça isso havia funcionado bem melhor.” Brinca reacendendo uma vela ao nosso lado, que teima em se apagar.

“Está tudo perfeito.” Me limito a dizer, agradecida.

Nossos olhos se prendem um ao outro, em uma comunicação

silenciosa, que de alguma forma, consegue dizer muito mais que qualquer diálogo cheio de profundidade.

“Eu trouxe espumante, mas como você fez questão de vir dirigindo, acho que teremos que guardar para uma próxima vez.” Disfarço o descompasso em meu peito, ao reparar que ele está planejando uma próxima vez.

“Eu estou numa fase de impor controle na minha vida.” Explico honestamente. “Por mais que seja algo tão pequeno, como voltar dirigindo para casa, mas por incrível que pareça, essas coisas minuciosas é que fazem a diferença no fim das contas.”

Olho mais uma vez ao redor, aproveitando para observar os sanduíches dispostos organizadamente em pratos de vidro, fatias de bolo de chocolate, que parecem tão apetitosas que sinto minha barriga roncar, com a vontade de experimentá-las.

“Não tem nada de pequeno em controlar sua própria vida.” Responde, com olhos sonhadores e isso me deixa intrigada. “Vamos comer? Eu que preparei tudo, espero que você goste de alguma coisa.” Muda de assunto, antes que eu tenha a oportunidade de questioná-lo.

“Você que fez este bolo de chocolate?” Pergunto chocada.

“De todas as coisas que eu trouxe, você tem que se surpreender justamente com a única coisa que não foi eu que fiz?” Brinca sorrindo, pegando um guardanapo e o entregando a mim, para que eu escolha por onde começar.

“Tudo que você preparou me surpreendeu muito, Samuel.” Admito, pegando um sanduíche no processo. “Eu acho que essa é a primeira vez que faço um piquenique na vida.” Analiso, surpresa com minha própria constatação.

“Você está falando sério?” Pergunta abismado. “Então minha responsabilidade para que seja especial é ainda maior.” Descontraído, ele me acompanha, pegando do mesmo sanduíche que eu.

“Você não precisa se esforçar muito.” Digo com sinceridade.

Meu celular toca dentro da bolsa, me fazendo lembrar da mensagem que enviei para Álvaro, sobre minha localização. Ele deve estar surtando agora, prestes a chamar a polícia, pronto para vir me salvar.

“Álvaro?” Atendo o mais breve possível, pedindo licença para Samuel.

“Eu preciso ir com a polícia?” Pergunta desesperado como resposta.

“Não, eu me esqueci de te mandar uma mensagem quando cheguei.” Sorrio descontraída, para convencê-lo de que está tudo bem.

“Isa, se tiver algo de errado, fale algo esquisito disfarçadamente para que só eu consiga entender.” Uma gargalhada escapa de minha garganta.

“Não, Álvaro, está tudo bem de verdade, eu estou segura, não precisa se preocupar.” Olho para Samuel que sustenta uma expressão confusa.

“Tudo bem, você promete que me liga se precisar de qualquer coisa?” Diz com a voz bem menos tensa agora.

“Prometo.” Respondo rapidamente.

“Tudo bem, divirta-se então.” Se despede e eu faço o mesmo, mandando a ele um beijo ao finalizar a ligação.

Olho para meu acompanhante, com sua expressão que é um misto de confusão e humor.

“O que acabou de acontecer aqui?” Ele finalmente verbaliza o óbvio.

“Álvaro é o meu melhor amigo, eu falei que mandaria uma mensagem para confirmar que estava em segurança.” Respondo sorrindo. “Mas fiquei tão embasbacada com toda essa preparação, que me esqueci completamente.” Escondo os olhos com as mãos, morrendo de vergonha.

“Então você ficou receosa que eu fosse um psicopata?” Diz, baixando delicadamente minhas mãos, para poder me olhar.

“Se você soubesse nas roubadas que já me meti, não ficaria surpreso.” Digo

simplesmente.

Ele assente, demonstrando entendimento e solidariedade.

“Eu garanto que você sempre estará segura comigo, tudo bem?” De forma tranquilizadora, ele aperta meus dedos, deixando-me ainda mais confiante em relação ao nosso encontro.

A conversa entre nós dois flui com tanta facilidade, que chega a ser assustador, como se já nos conhecêssemos há muito mais tempo. Me sinto segura em falar sobre meu passado, fazendo-me pensar que este tipo de profundidade tem relação com o meu transtorno e se isso de alguma forma pode atrapalhar minha terapia. Mas, visto pela forma como o próprio Samuel sente-se à vontade em falar sobre seus próprios ressentimentos, deixa claro que este sentimento não é unilateral.

“Você vai se mudar assim que os últimos detalhes da obra forem concluídos?” Estamos falando sobre meu novo apartamento e minha mudança.

“Este é o meu plano. Não vejo a hora de ir para meu novo lar.” Respondo pensativa. “Foi você quem desenvolveu o projeto do prédio?” Pergunto com curiosidade.

“Bem que eu gostaria.” Samuel se limita a dizer, deixando-me intrigada.

“E por que não?” Insisto, com medo de estar sendo inconveniente.

“Você quer mesmo falar sobre isso?” Ele parece disposto a me falar, mas preocupado com minha impressão em relação ao nosso primeiro encontro.

“Se você estiver disposto a contar, estou feliz em poder ouvir.” Toco sua mão delicadamente, para mostrar minha sinceridade.

“Não me leve a mal com o que vou dizer, certo?” Ele respira fundo algumas vezes antes de continuar. “Sei que tenho uma vida boa, uma família unida, eu

e minha irmã sempre tivemos tudo do melhor e na maior parte do tempo, me sinto um babaca em reclamar de algo.” Minha mão permanece na sua, motivando-o a continuar. “Desde que eu entendi o que a empresa do meu pai fazia, eu nunca sequer cogitei a possibilidade de fazer outra coisa.” Seus olhos brilham ao falar, me fazendo sorrir. “Eu gosto muito de ver famílias inteiras aproveitando momentos felizes, com segurança, e saber que nossa empresa de alguma forma colaborou para criar este cenário.” Observo-o olhar as ondas se quebrarem tranquilamente e seus dedos apertarem os meus, titubeando para dar prosseguimento à conversa.

“Mas?” Incentivo-o com um sorriso.

“Mas fazem seis anos, desde que me formei, fora especializações na área, e meu pai não me dá autorização de conduzir um projeto do início. Fico responsável por toda parte burocrática, compra de materiais, coisas que eu já não aguento mais fazer.” Sua voz se altera um pouco, mesmo que ele tente controlá-la.

“Por que não?” Pergunto confusa.

“Ele diz que eu preciso de experiência, antes de assumir uma responsabilidade tão grande.” Sua testa forma uma ruga, mostrando a delicadeza desse assunto para ele. “Eu entendo ele fazer isso no começo, mas após tantos anos me envolvendo de todas as formas possíveis, eu já estou pronto Bela, eu só preciso da oportunidade. Mas, sinceramente, não sei o que ele espera de mim.” O apelido que me deu sai de seus lábios, fazendo-me ainda mais consciente de sua angústia.

“Você já tentou contar para ele a forma como você se sente?” Sugiro prestativa.

“Praticamente todos os dias da minha vida.” Se limita em responder. “O discurso dele em resposta sempre é o mesmo. Para ajudar, minha mãe tem insistido para que ele se aposente, mas meu pai não dá o braço a torcer, nem

passa uma carga maior de responsabilidade para mim.” Samuel se mexe na toalha, girando o corpo de frente para mim. “Chega de falar dos meus problemas. Me conta mais sobre a sua vida.” Sua voz é calma e tranquila, disposto a encerrar o assunto anterior.

“Não tenho muito para dizer, na verdade.” Penso por alguns segundos.

“Estou vendendo a antiga casa da minha avó, por isso a mudança. Tenho uma loja de artigos de papelaria no centro da cidade, que se chama Candy Color.” Sorrio ao lembrar de minha loja e o quanto é fácil falar sobre ela.

“Seus pais não são daqui?” Samuel percebe minha reação a sua pergunta e se apressa em acrescentar. “Você não precisa falar sobre isso se não quiser.” Alcançando um fio de cabelo rebelde que insiste em voar, ele coloca-o com cuidado atrás de minha orelha.

“Não, tudo bem, eu não me importo em falar sobre eles.” Digo, com um sorriso casto. “Meus pais eram maravilhosos, pelo menos no que me lembro deles.” Volto meu olhar para a areia, pegando um punhado e observando-a escapar lentamente por minha mão, se misturando ao restante novamente.

“Eles morreram em um assalto, enquanto viajavam quando eu tinha oito anos. Eu vivi com a minha avó desde então.” Sinto os braços de Samuel me trazerem para junto de si, me aconchegando ao seu corpo. “Minha avó era uma boa pessoa, mas não sabia como demonstrar afeto por ninguém, então durante toda a minha vida, nossa única comunicação era através de exigências e disciplina. Quando ela faleceu quatro anos atrás, eu não soube como me sentir, porque mesmo antes, eu já me sentia sozinha.” Uma lágrima solitária escapa de meus olhos e não passa despercebida por Samuel.

“Eu sinto muito por você ter essa bagagem de sofrimento tão grande.”

Limpando minha lágrima, ele sustenta meu olhar com profundidade.

“Algumas pessoas têm dificuldade em expressar a forma como se sentem, mas isso não significa que falta amor. Eu tenho certeza que a sua avó te ama

muito e sente muito orgulho de você, onde quer que esteja.” Nosso abraço se torna mais apertado, junto com ele, minhas lágrimas caem livremente, trazendo um alívio imediato.

Quando meus soluços parecem cessar, e minhas lágrimas se secam, me afasto um pouco de seu corpo, constrangida com a situação.

“Transformei nosso encontro em uma sessão de terapia.” Brinco, esfregando os olhos, levando qualquer resquício de choro embora.

“Eu agradeço muito por se abrir comigo.” A seriedade em sua expressão me deixa inquieta. “Eu sei que parece loucura, Bela, mas eu estou orquestrando este dia, desde o momento que você me deixou plantado no Lisboa.” Seu sorriso mexe de tantas formas comigo, que eu esqueço por completo qualquer prudência que tenho tentado colocar em minha cabeça nos últimos meses.

“Eu não quero assustar você.” Uma risada do fundo da minha garganta escapa por meus lábios, com a ironia da situação.

“Espero que eu não assuste você, Samuel.” Nossos rostos estão tão próximos um do outro, que sua respiração faz cócegas onde alcança.

“Duvido muito disso.” Ele rompe a última barreira de espaço que ainda há entre nós e toca meus lábios com os seus.

Os movimentos de sua boca são lentos, e entrelaço seu pescoço rapidamente, para retribuir aquele toque. Sinto o seu gosto e não consigo evitar um pequeno gemido que escapa do fundo da garganta. Seu cheiro se mescla com a maresia e eu inalo profundamente. O beijo se torna mais intenso e sinto seu desejo sobre mim a cada avanço de seu corpo. Suas mãos contornam o meu rosto com devoção, fazendo-me ofegar.

Me afasto alguns centímetros a contragosto, procurando em meu âmago um resquício de sanidade para não recorrer a velhos hábitos destrutivos.

Mesmo que eu sinta que com Samuel eu não precise me preocupar,

decido manter o controle sobre a situação pelo máximo de tempo que eu conseguir.

“Podemos ir devagar?” Peço a ele, com um sorriso constrangido.
“No tempo que você quiser, Bela.” Responde, sorrindo de forma travessa, mas com carinho genuíno.

Ele esfrega o nariz em meu pescoço, despretensiosamente, eriçando os pelos dos meus braços, que nada tem a ver com o vento brando que sopra ao longo da praia, fazendo com que as velas ao redor se apaguem, deixando-nos em uma completa escuridão.

-Cinco- Novas memórias

É engraçado ser consciente de sua própria condição mental. A minha vida inteira achei que era normal ser assim, que todo mundo se sentia melhor por ter alguém especial ao seu lado e não havia nada de errado em ansiar por isso.

Não sei em qual momento eu entendi que precisava de ajuda, mas hoje é estupidamente óbvio de perceber quando uma coisa levará a outra.

Penso no quanto de sofrimento isso teria me poupado no passado.

O estranho é que mesmo identificando atitudes e tendo uma vasta experiência com comportamentos danosos à minha saúde mental, me pergunto se será assim para sempre. Se de agora em diante eu sempre saberei diferenciar quando minha carência afetiva estará falando mais alto que minha própria personalidade.

A dra. Silvana me falou uma vez, que amar intensamente faz parte de quem eu sou, isso a terapia não quer mudar, e eu posso abraçar o comportamento sem medo. Mas nós vamos trabalhar para que eu entenda que acima de tudo, o meu valor é maior que qualquer coisa. Que eu só posso oferecer a alguém, aquilo que existe dentro de mim.

Honestamente, minha cautela em relação a Samuel está me matando.

Por dentro, eu quero jogar tudo isso para o ar e entrar de cabeça no que ele me faz sentir. Não sinto que ele vai quebrar meu coração, dessa vez, o sentimento parece ser recíproco.

Mas não foram assim todas as vezes?

Fico tentando me recordar das sensações e realmente não consigo lembrar. Parece que tudo ficou em um passado distante, tornando muito difícil me blindar. Mas estou tentando mesmo assim, dando passos pequenos, seguindo padrões, me entregando aos poucos, quando por dentro desejo dar-me de corpo e alma.

“É muito confuso para mim.” Verbalizo meus pensamentos em voz alta.

Estou finalizando uma solicitação de compra de materiais através do sistema interno da loja e Álvaro se mantém ocupado, reorganizando uma prateleira, já impecável.

“Como assim?” Ele não para o que está fazendo, mas vejo sua atenção inteiramente voltada para mim.

“Eu sei que tenho que ser cautelosa, estou sendo, mas ao mesmo tempo tenho medo de estar me limitando a algo que eu não sou.” Paro de falar pensativa.

“Até que ponto entrar de cabeça é quem eu sou realmente ou é minha dependência falando mais alto?”

“Isa, sua dependência é quem você é.” Me responde, como sempre, esbanjando sensatez. “Você decidiu que não quer mais sofrer pela impulsividade que já te causou problemas, e agora está buscando ajuda. Isso te faz uma vencedora, então trabalhe para fazer funcionar. E se não conseguir, tudo bem também. Lembre-se de erguer a cabeça e tentar de novo. Nenhuma evolução é fácil, é um processo lento, na maioria das vezes doloroso, mas necessário.” Ele nem parece ser mais jovem que eu, dado a sua maturidade.

“O Samuel é bom demais para ser de verdade.” Suspiro sonhadora, com uma mão embaixo do queixo.

“Você que é boa demais para ser de verdade.” Responde, começando a se

irritar comigo.

“Como está o grupo de poesia?” Me apresso em deixar o assunto anterior de lado.

“Está ótimo. Um colega me convidou para participar de um outro grupo, só que esse de teatro.” Fala animado. “Na verdade, é um grupo de psicodrama, a intenção é a de trazer exercícios para fazer você se conectar consigo mesmo. Você poderia ir com a gente.” Sugere como quem não quer nada.

“Parece legal, mas para ser sincera, acho que eu morreria de vergonha. Não sei se funcionaria tão bem comigo.” A ideia de pessoas me olhando, enquanto tento improvisar alguma coisa, me dá calafrios só de imaginar.

“Você que sabe, o convite está feito.” Se limita a dizer, com um dar de ombros.

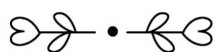
“E este colega que te convidou, é só um colega mesmo?” Ergo as sobrancelhas empolgada com a vida amorosa de meu melhor amigo.

“Você está parecendo a minha tia Marta, querendo saber dos *namoradinhos*.” Responde com um sorriso sacana no rosto.

“Você não respondeu a pergunta.” A insistência é uma das minhas características mais marcantes.

“Não vou dizer nem que sim, nem que não.” Se limita a dizer, me enchendo de expectativa por mais detalhes.

“Você não presta.” Brinco, com a barriga doendo de tanto rir de sua expressão blasé.



Passaram duas semanas desde meu primeiro encontro oficial com

Samuel. Nós tivemos outros encontros nesse percurso.

Sáímos para jantar, conheci a sua casa, visitamos a praia no último final de semana, desta vez enquanto ainda estava claro, em um dia lindo e ensolarado.

Eu sinto que estamos cada vez mais conectados um ao outro, em cada conversa, cada mensagem, tenho mais certeza disso.

- *Você prefere receber flores ou comida de presente?*

Suas mensagens estranhas sempre chegam do nada, cumprindo o papel de me deixar sorrindo à toa, igual uma boba apaixonada.

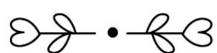
Que deve ser exatamente o que eu sou.

- *Não pode ser os dois?*
- *Anotado.*

Fico empolgada esperando-o lançar sua próxima situação hipotética.

- *Se a partir de hoje, você só pudesse ouvir músicas extremamente famosas, que tocam em todos os lugares ou apenas músicas desconhecidas, que ninguém nunca ouviu, o que você iria preferir?*
- *Eu posso apresentar as desconhecidas para as pessoas?*
- *Pode, mas se elas se tornarem conhecidas, você nunca mais poderá ouvir de novo.*
- *Então prefiro ouvir o que todo mundo ouve.*
- *Mas você vai deixar de conhecer coisas incríveis.*
- *- De que adianta, se não posso compartilhar com quem eu gosto?*
- *Tudo bem, você me convenceu.*

E assim, ele para de falar, deixando-me como sempre, com vontade de mais. Um pouco mais de qualquer coisa que ele possa me oferecer.



Em pleno sábado à noite, estou deitada no sofá da casa de Samuel, com ele envolvendo meu corpo em seus braços, enquanto assistimos a um filme.

Fazem duas semanas e um dia que tivemos nosso primeiro encontro e estamos cada vez mais próximos, incluindo um ao outro em nossas programações.

Não tivemos nenhuma conversa sobre exclusividade nem nada do tipo, mas não consigo sequer me imaginar com mais ninguém. Além disso, já visitei sua casa três vezes. Quatro, contando com hoje.

Samuel tem uma casa linda!

Ela é enorme, de dois pisos, moderna e muitos ambientes com conceito aberto. Tem uma pintura bem clara e luzes em todos os cantos, fazendo-a parecer ainda maior. Algumas obras de arte clássicas enfeitam as paredes, apontando seu bom gosto.

Quando ele me mostrou a casa pela primeira vez, pude observar o orgulho que sente por cada parte dela. Segundo o que me contou, ele projetou a casa do zero, algo que seu pai não poderia privá-lo, já que bancou tudo do próprio bolso.

Fico me perguntando o que mais o seu pai espera dele. Está muito claro para mim, o quanto ele é talentoso e comprometido com o trabalho.

Todos esses anos seguindo os passos do pai, deixaram-no experiente e cheio de bagagem. Me sinto triste em vê-lo frustrado, tenho vontade de fazer algo para tentar ajudá-lo.

“Você contratou alguém para fazer a decoração?” Desisto do filme, que não consegue prender a minha atenção, e pergunto.

“A parte dos móveis sim, mas as decorações menores, foi a Flávia quem me ajudou a pensar em tudo.” Uma pontada de ciúme surge inesperadamente e tento ignorar. “Você lembra da Flávia? Ela te atendeu no dia que nos conhecemos no Lisboa.” Me lembro dela imediatamente, do quanto ela foi simpática e como quis me tornar sua amiga na hora.

“Claro, ela parece ser uma pessoa maravilhosa.” Digo, abraçando-o apertado.

“Desde que contei a ela que estamos saindo ela está me infernizando para sair com você.” Ele retribui meu abraço e me aninho como um gatinho em seu colo.

“Eu não sabia que vocês eram tão próximos.”

“Sim, nós somos bem amigos.” Ele responde indiferente.

“Claro, vou adorar conhecê-la melhor.” Falo com sinceridade.

Vai ser ótimo fazer uma nova amizade e a Flávia mostrou no dia em que nos conhecemos, que é uma pessoa superdivertida.

Vai me fazer bem.

Levo meu olhar para cima, encontrando os seus, que também esqueceram do filme passando na TV em nossa frente e me encaram, deixando-me nervosa.

“O que foi?” Ele pergunta com um sorriso travesso, seu rosto agora a centímetros do meu.

“Eu estou louca para te beijar.” Respondo honestamente.

“E por que você não fez isso ainda, Bela?”

Não sei dizer de quem é a iniciativa, mas nossos lábios se unem

instintivamente.

Minha boca queima com o calor da dele, e sua mão segura meus cabelos de forma firme, guiando meu rosto para o lado contrário ao que ele está sempre alinhado e perfeitamente encaixado em mim.

Minhas pernas estão abraçando-o, assim como meus braços, que insistem em se mover para cima e para baixo, sedentos para ter mais contato com a sua pele.

Meu desejo por ele é intenso, e sinto a reciprocidade em seus gestos também. Me pergunto se este é o momento certo de me entregar de uma vez por todas à intensidade desse sentimento. Mas então, me lembro do processo de cura, das feridas que os outros relacionamentos me causaram, como eu preciso me curar e ser honesta com meu parceiro, se desta vez eu quero que seja diferente das outras.

Relutante me afasto um pouquinho dele, dando um último selinho com um sorriso embaraçado. Ele suspira frustrado, mas logo retribui meu sorriso.

“Posso conversar um pouquinho com você?” Falo com medo, me convencendo de que Samuel é diferente dos outros caras com quem me relacionei e não irá se importar em arruinar o clima, para ter uma conversa. “Claro que sim.” Responde compreensivo.

“Você se lembra da nossa conversa no dia em que a gente se conheceu?” Me endireito no sofá, sentando sobre os calcanhares e respirando profundamente, tomando coragem para ter essa conversa.

“Lembro de cada detalhe.” Esqueço o que tenho a dizer por um segundo, vendo a intensidade em seus olhos.

“Lembra que te falei que eu me apego fácil?” Ele assente. “Eu não estava brincando, eu realmente me apego fácil.” Espero sua reação, mas ela não vem imediatamente.

“Está tudo bem, Bela, eu também estou apegado a você.”

“Não é assim.” Levo as mãos à testa, pensando em como explicar isso a ele.

“Eu tenho um transtorno. Se chama Transtorno da Personalidade Dependente. O tipo de pessoa que gruda igual chiclete.” Percebo-o segurando o riso e isso me deixa nervosa. “Samuel, leva a sério, estou tentando te alertar aqui.”

“O que você quer que eu diga, Bela? Eu não vou sair correndo e desistir de você.” Suas palavras me tranquilizam, mas me sinto na obrigação de esclarecer tudo.

“Eu estou fazendo terapia e sinto que estou melhorando, mas é difícil para mim. Para ser honesta, este não é o melhor momento para eu me envolver com alguém, mas você apareceu e não pude evitar.” Ele aperta minha mão, trazendo-me um pouco de conforto.

“Eu fico feliz por você ter se arriscado.” Samuel me abraça e eu retribuo feliz, sentindo-me mais leve agora que as coisas estão esclarecidas.

“Se você realmente tem a intenção de permanecer comigo, você precisa entender que talvez eu passe da conta, com ciúme excessivo, ou eu posso colocar as suas vontades acima das minhas, e eu não quero mais passar por isso de novo. Eu entendo que é complicado e eu não quero te impor isso, mas não é fácil me manter sã.” Ele me aperta e se afasta um centímetro, apenas para me olhar.

“Lembra que eu te falei que você sempre estaria segura comigo?” Eu aceno de forma positiva com a cabeça. “Isso vale para a sua mente também. Eu sempre vou te proteger, de todas as formas que eu puder.” Sinto as lágrimas caírem livremente por meu rosto, sentindo o alívio por saber que ele está do meu lado.

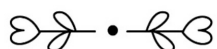
“Você acha que esses problemas, são devido a sua relação com a sua avó?” Permanecemos na mesma posição por longos minutos, quando Samuel quebra o silêncio.

“Sim, segundo minha terapeuta, eu procuro o afeto e atenção, que não encontrava em minha casa, nos outros, colocando isso como prioridade na minha vida.” Voltamos a ficar em silêncio e sinto sua respiração através do peito pressionado a mim.

“Tem uma coisa que preciso fazer antes de me mudar.” Lembro do que a dra. Silvana me falou, sobre a minha relação com a antiga casa de minha avó.

“Você pode ficar do meu lado enquanto faço isso?” A insegurança deixa minha voz fraca, mas sei que a sua presença me ajudaria a dar este próximo passo.

“Será uma honra para mim.” A sua segurança em concordar, é exatamente o que eu preciso para me encher de coragem.



Chegamos na antiga casa de minha avó no carro de Samuel. Ele estaciona rapidamente na calçada em frente ao terreno e aperta minha mão antes de sairmos corajosamente de dentro do veículo.

Antes de forçar a chave no portão da frente, observo silenciosamente os detalhes do lugar. É uma casa antiga, onde morei durante praticamente toda a minha vida.

Minha avó se preocupava muito com a limpeza da parte interna, então era sempre tudo impecavelmente limpo, mas a parte externa deixava a desejar no quesito cuidado. A tinta que cobria as paredes na cor salmão, descascava em várias extremidades. Um pequeno jardim, recebia apenas o cuidado que a própria natureza concedia, sem muita atenção.

Após quatro anos em que minha avó Matilda se foi, considero-me culpada por não ter transformado este lugar em algo melhor, algo que de uma maneira se pareça comigo. Mas o lugar, inconscientemente, sempre foi

considerado como um dormitório para mim.

Eu não tinha o direito de modificá-lo, já que ele nunca me pertenceu de verdade.

Respiro fundo, e de mãos dadas com Samuel, passo pela porta, tentando observar tudo ao redor de uma forma diferente.

Minha mudança já está quase completamente encaixotada, restando alguns poucos móveis, que resolvi deixar para que os novos moradores decidam o que fazer com eles.

“Eu não sei o que fazer.” Digo em voz alta, mais para mim mesma que para Samuel.

“Me conte um pouco sobre vocês, tente recordar alguma boa lembrança.” Caminhamos juntos até a sala, nos acomodando ao redor da mesa de centro, sobre um grande tapete com estampa antiga.

“Vovó sempre foi uma pessoa de poucas palavras. Mesmo antes de meus pais morrerem, ela foi uma mulher silenciosa.” Começo a contar, com a voz rouca. “Nunca soube muito sobre a sua história, mas lembro de adorar vir nos finais de semana visitá-la, porque ela sempre preparava comidas deliciosas.” Lembro-me do seu livro de receitas, e levanto rapidamente para procurar onde o deixei.

Vasculho nas gavetas da cozinha, mas elas estão completamente vazias. Samuel está me acompanhando com os olhos, quando me lembro da caixa de livros que separei para doações.

Alcanço uma tesoura e removo toda a fita ao redor para conseguir procurar na parte interna. Volto a me sentar no chão, agora com o livro em mãos.

“Apesar do silêncio constante, ela amava cozinhar. Se eu tivesse consciência disso na época, talvez eu poderia ter reparado em coisas pequenas, por exemplo, quando me sentava aqui mesmo onde nós estamos

agora, fazendo o dever de casa.” Apoio as duas mãos sobre a mesa, com o seu livro de receitas entre elas. “Ela se levantava do nada, sem nenhum aviso prévio e preparava um delicioso bolo de laranja. É o bolo mais delicioso que já experimentei na vida, e eu acho que ela preparava quando gostava de algo que eu fazia. Como tirar uma nota boa, ou manter meu quarto limpo. Era uma forma de agradecimento por eu estar me esforçando.” Minhas lágrimas caem livremente.

Me sinto triste por não ter pensado em observar gestos assim antes, que talvez mudassem completamente a forma como eu me relacionava com ela. Mas ao mesmo tempo, minhas lágrimas tem um misto de felicidade também, já que dentro da nossa história, também existe demonstrações de afeto que eu vou poder guardar em minha memória enquanto eu viver.

“Este caderno vale ouro Bela, é uma recordação para a vida toda.” Assinto, abraçando a lembrança junto ao peito.

“Eu vou guardá-lo e quem sabe passá-lo para minhas próximas gerações.” Folheio o caderno, olhando com carinho para as receitas que ela deixou.

A letra rasurada, feita com uma caneta azul, que vem desbotando a cor, devido a gastura do tempo.

“Talvez uma criança que perdeu os pais muito cedo, exigia uma quantidade maior de atenção, mas ela fez o melhor que pôde. Eu sou grata por ter convivido com ela e espero que ela esteja sendo acolhida e se sentindo feliz comigo, onde quer que ela esteja.” Os braços de Samuel me amparam, enquanto as lágrimas escorrem sem parar de meus olhos.

Permanecemos assim durante alguns minutos.

Reflito sobre tudo, cada momento ao longo da minha vida que esperei que minha avó demonstrasse carinho ou aprovação pelo que eu fazia. Os sinais estavam ali o tempo todo, em pequenos gestos, só que eu não consegui ver.

“Eu vou dormir aqui hoje, pode ser?” Me afasto um pouco de seus braços para olhá-lo.

“Eu posso ficar junto com você?” Pergunta timidamente.

Um largo sorriso, em meio às lágrimas, surge em meus lábios e eu levo-os até os dele, carinhosamente.

“Obrigada.” Me limito a dizer.

Samuel me aperta em seus braços até que sinto que meu choro cessa. Até que a exaustão por colocar tantos sentimentos reprimidos para fora cobram seu preço.

Observo-o cuidar de mim de uma forma que nunca fui cuidada antes.

Ele me leva até o banheiro e me senta sobre a pia, alcançando em meio as minhas coisas, alguns lenços umedecidos, os quais ele passa sobre meu rosto gentilmente, sem nunca perder meus olhos de vista. Depois me leva ao meu quarto e pergunta onde ficam minhas roupas de dormir. Eu aponto as coordenadas a ele, que as entrega a mim. Não espero que ele se vire para começar a me despir e fazer a troca.

Percebo-o ofegar, mantendo uma distância respeitosa, mas me envolvendo com sua atenção a cada peça que se vai e é substituída por outra.

Deito-me em meu lado na cama de casal e dou uma pequena batida no lado oposto, chamando para que ele me acompanhe.

E ele vem.

Aproxima seu corpo do meu, depositando um beijo delicado em minha testa e me trazendo para perto de si.

Suas mãos permanecem fazendo um carinho gostoso em meus cabelos, até que minhas pálpebras ficam muito pesadas e me vejo caindo em um sono profundo.

-Seis-

Um horizonte só nosso

Me desperto inquieta e levo um certo tempo para conseguir assimilar o que se passa ao meu redor. Meu corpo está suando e sinto um peso diferente sobre mim.

Me movo alguns centímetros para o lado, e observo os braços de Samuel que me envolvem protetoramente se mexendo junto.

Um sorriso involuntário surge em meu rosto, apesar do desconforto. Ele não foi embora.

Permaneceu comigo a noite toda. Mais do que isso, além de todo o cuidado dedicado a mim no dia anterior, mesmo dormindo, ele continua agindo de forma protetora comigo.

A emoção incontida me impede de permanecer em meu lugar até a hora em que Samuel acordar.

Observo as cortinas brancas, que permanecem em um breu, fazendo-me ter uma noção do horário.

Com muito cuidado para não acordá-lo, removo seus braços de cima de mim e saio o mais silenciosamente possível. Ele resmunga algo incompreensível, me fazendo segurar o riso.

Alcanço meu celular na cabeceira, e caminho na direção do banheiro, onde constato que ainda são três horas da manhã.

De uma coisa eu estou certa, não existe a menor possibilidade de que eu consiga voltar a dormir, desta forma, uma ideia brilhante toma forma em minha mente.

Faço um coque alto para não molhar os cabelos e tomo um banho rápido, levando embora o suor que tirou o meu sono.

Conforme sinto a água levar embora as gotículas de transpiração, vejo a mudança que ocorre em meu interior. A sensação de alívio, de satisfação com o rumo que tenho levado minha vida.

Finalizo o banho e com uma toalha envolvendo meu corpo, caminho sorrateiramente até meu armário, a fim de colocar uma roupa.

Visto um biquíni azul claro, coberto por flores cor de rosa e por cima, uma camisa fininha branca de botões.

Solto meus cabelos, ajeitando-os com as mãos deixando suas ondas caírem livremente sobre meus ombros com um aspecto bem praiano.

Dentro de uma bolsa, coloco uma toalha enorme e me sinto preparada para por em prática meu plano.

Vou até a cama, onde o corpo de Samuel permanece na mesma posição que estava quando saí. Ele dorme pacificamente e isso quase me faz mudar de ideia em relação a acordá-lo. Mas minha tenacidade fala mais alto, e coloco um joelho na beirada da cama, levando meu rosto mais perto de sua orelha, onde deposito um beijo delicado.

“Bom dia, lindo.” Sussurro para não assustá-lo, e o observo abrir os olhos preguiçosamente. “Eu quero fazer uma coisa.” Digo, agora com os dois joelhos em cima da cama, vendo-o ser trazido lentamente para a realidade. “Hum, gostei disso.” Seus braços me envolvem, colando meu corpo ao seu e beijando-me apaixonadamente.

Não consigo resistir ao seu toque, e retribuo seus beijos intensamente.

Uma última gota de sanidade me traz uma sobriedade que está prestes a se perder em meio ao nosso contato, lembrando-me de que para que meus planos funcionem, nós precisamos sair dali o quanto antes.

“Depois nós continuamos isso, eu prometo.” Vejo-o afastar um pouco

seu rosto, a contragosto, para me observar. “Eu quero ir em um lugar, você pode se arrumar rapidinho?” Peço da maneira mais amável que posso, piscando meus cílios para dar ênfase ao meu pedido.

Ele concorda, levantando-se preguiçosamente e indo em direção ao banheiro.

Poucos minutos depois, Samuel está pronto e parece me olhar pela primeira vez.

Ele vê minhas pernas nuas, e a camisa, com vários dos seus botões sem fechar, expondo meu biquíni. Isso faz seus olhos brilharem, trazendo-me para mais perto de si.

“Eu não estou com vontade de ir a lugar nenhum.” Sua voz é abafada, um sinal de sua agonia, que é um reflexo da minha própria.

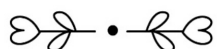
“Eu prometo que vai valer a pena.” Respondo, fechando meus olhos, passando meu nariz sobre seu pescoço para sentir seu cheiro, com um carinho silencioso.

“Vamos lá então.” Se limita a dizer, pegando minha mão e indo para a porta de casa, e de repente, é ele quem está com as rédeas da situação.

Pego as chaves de meu carro, coloco a bolsa no banco de trás, enquanto Samuel se encarrega de fechar toda a casa.

Ele se senta ao meu lado, no banco de caroneiro e alcança minha mão direita, que está em cima do cambio de marcha do carro.

Sorrimos um para o outro, e dou partida para o nosso próximo destino.



Chego na praia, exatamente no ponto que Samuel escolheu para ser o nosso primeiro encontro.

O dia ainda está escuro, mas uma luz tímida, começa a apontar no céu, fazendo que Samuel entenda minhas intenções e me olhe com um belo sorriso, que cumpre sua função de deixar minhas pernas bambas.

Encontro um espaço em que a areia está seca, devido a ressaca, que faz as ondas quebrarem próximas a orla, deixando boa parte da praia úmida, e estendo a toalha que trouxe dentro de minha bolsa, permitindo que ambos nos sentemos sobre ela.

“Eu pensei em vermos o sol nascer.” Digo timidamente, de repente um pouco insegura de que Samuel ache a ideia boba.

“Que bom que você pensou nisso, Bela, é uma forma inesquecível de recomeçar.” Ele me puxa para si, envolvendo seus braços ao meu redor.

Nós aceitamos o silêncio de bom grado e ficamos longos minutos assim, observando a noite se tornar dia.

Os raios de sol vão crescendo cada vez mais intensamente, separando as nuvens que antes ficavam amontoadas naquele mesmo local. Um laranja acentuado começa a dominar toda a área em que o sol encosta, como se ele fosse capaz de contagiar com cor qualquer coisa que toque.

Desejei poder ser assim em minha vida.

Ser tão confiante sobre mim mesma, que não importa o quanto eu queime, minha luz continuará evidente e dando cor ao que estiver ao meu redor.

Quando o espetáculo termina, restando apenas a luminosidade de um dia encantador de sol, levo minhas mãos ao rosto de Samuel e beijo-o com vivacidade. Ele não se demora em retribuir meu toque, beijando-me de volta.

O beijo se aquece e intensificamos os movimentos com sofreguidão. Desejando mais, exigindo por mais.

Separando-se alguns centímetros de minha boca, Samuel traça um caminho sedutor por meu pescoço, o lóbulo da minha orelha e cada nova área de contato, causa um novo tremor, que se externaliza em pequenos gemidos.

Buscando por ainda mais contato, ele se deita lentamente sobre a toalha, trazendo-me junto no processo. Nossos corpos tentam buscar mais proximidade, com suas mãos explorando minhas pernas, sempre impondo seu desejo sobre mim. Me explicando com seus gestos, que me quer da forma mais primitiva de nossa existência.

Nós deveríamos nos preocupar com a cidade que em poucos minutos vai começar a acordar e que podemos ser flagrados a qualquer momento, mas inconsequentemente, isso nem se passa por nossas cabeças e continuamos a nos tocar.

Ele ergue a minha camisa, expondo a calcinha de meu biquíni, onde ele massageia minha intimidade, fazendo-me gemer em seus lábios, ansiosa por mais.

Minhas mãos levantam sua camiseta, e ele se afasta o suficiente para que eu a remova. Aproveito este momento para observar seu corpo robusto, o abdome forte e bem construído, me fazendo cobiçá-lo ainda mais.

“Essa luz de alguma forma consegue deixar você ainda mais linda, Bela.” Suas palavras me deixam sôfrega de desejo, deste modo, alcanço o botão de sua calça, apressada em senti-lo mais intensamente.

“Eu quero sentir você, Samuel.” Imploro ofegante.
“Eu também quero sentir você, então teremos que fazer uma coisa de cada vez, tudo bem?” Responde bem /humorado, removendo para o lado a parte de cima de meu biquíni, expondo meus seios, iniciando uma deliciosa tortura com sua boca.

“Samuel.” Minha voz clama seu nome deliberadamente.

“O que foi?” Ele interrompe os movimentos, com um sorriso safado nos

lábios, deixando-me à beira do sofrimento físico.

“Para de brincar comigo.” Minhas sobrancelhas estão franzidas, demonstrando minha frustração.

Ele não precisa me responder, para confirmar que já teve divertimento o suficiente e alcança um preservativo.

Sua invasão vem cautelosa no começo, percebo-o tentar manter seus olhos em contato comigo o tempo todo, mas em algum momento os instintos falam mais alto, fazendo-o fechá-los e intensificar os movimentos. Deixando-me em êxtase e agonia, fazendo-me tremer a cada investida e passar as unhas por suas costas, desejando que de alguma maneira nosso contato se acentue.

Meus murmúrios são incompreensíveis até mesmo para mim, que não consigo organizar nada que vem e vai em minha mente, então um calor vívido começa a tomar forma em meu ventre, levando-me ao ápice do prazer. Samuel me sente apertá-lo ainda mais e isso é o suficiente para fazê-lo alcançar seu próprio deleite.

Nossas respirações levam um bom tempo para normalizar.

Samuel continua sobre mim, olhando no fundo dos meus olhos, um sorriso encantado nunca deixa seus lábios e tudo isso faz com que eu me sinta brilhar, como se cada célula do meu corpo queimasse em uma explosão tão forte e arrebatadora de euforia, que eu me tornara incandescente, como o sol.

Estico o rosto para dar um beijo suave em seus lábios, que ele retribui carinhosamente.

O dia está cada vez mais ensolarado e isso faz com que nos desenrosquemos com o lembrete que estamos em um lugar público e podemos ser flagrados a qualquer momento.

“Este é o nascer do sol mais lindo que eu já vi na minha vida.” Diz, trazendo-me para perto, após nos ajeitarmos e ficarmos decentes, caso algum olhar curioso passe por nós.

“Eu nunca vou me esquecer desse dia.” Digo, sem medo algum de ser mal interpretada, ou de que Samuel fique acuado após perceber o quão entregue estou a este relacionamento.

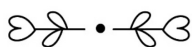
Algo no fundo da minha consciência me diz que ele não é esse tipo de pessoa.

Pode ser minha cabeça um tanto quanto problemática tentando novamente pregar uma peça em meu coração? Sempre existe essa opção, mas eu não vou me permitir deixar de viver intensamente algo que, até agora, só tem me feito bem, devido aos meus erros do passado.

Já são quase oito horas, quando temos coragem de reunir nossas coisas e voltar para casa de minha avó, a fim de nos prepararmos para o trabalho, para o qual ambos já estão atrasados.

Nossa despedida é de cortar o coração, já que a vontade de aproveitar o momento ao lado um do outro está falando mais alto.

Cada um em seu carro, prometemos nos reencontrar na casa de Samuel, assim que encerrarmos o expediente.



Chego na Candy Color, alguns minutos atrasada e Álvaro já está na porta da frente me aguardando.

“Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa?” Questiona preocupado, vendo-me chegar apressada, forçando a *tag* de segurança e desativando o alarme para que possamos entrar.

“Está tudo perfeito Álvaro, nunca esteve melhor.” Não consigo disfarçar o

sorriso escancarado em meu rosto, deixando meu melhor amigo extremamente curioso.

Entramos na loja, fazendo nossos movimentos rotineiros, enquanto Álvaro tenta adivinhar o que está me deixando tão animada.

“Você vai se mudar antes do esperado?” Tenta na primeira vez. “Bem que eu gostaria, mas já está quase tudo pronto, na sexta-feira que vem já posso me mudar oficialmente e, no sábado haverá um evento de inauguração no salão de festas do prédio.” Lembro, conseguindo ficar mais empolgada ainda.

“Então, foi o Samuel que te pediu em namoro?” Sua segunda tentativa é um balde de água fria, mas mantenho a expressão de antes, determinada em não deixar isso me abalar.

Depois de hoje, tenho certeza que isso é só uma questão de tempo, afinal, por que nós precisamos nos apegar a esses rótulos de qualquer forma?

Estamos juntos e eu me sinto feliz e segura como nunca me senti antes, isso é tudo que importa.

“Não foi isso.” Respondo, sentando-me em minha cadeira giratória, e virando alegremente, até a cadeira dar uma volta por completo e parar de frente para ele, que me olha com curiosidade.

“Com essas bochechas vermelhas, e o sorriso desse tamanho, só pode ser uma coisa.” Ele me analisa por completo, me deixando encabulada por um segundo. “Vocês transaram!” Exclama, com expectativa pela minha resposta.

Me limito a fazer um breve aceno com a cabeça e desabar em uma gargalhada, que Álvaro acompanha imediatamente.

“Anda, desembucha, me conta como foi.” Ele se aproxima, aproveitando a falta de movimento na papelaria, para saber de todos os detalhes que eu puder fornecer.

“Foi perfeito, Álvaro, você não faz ideia.” Falo sonhadora. “Ontem eu

decidi seguir mais um conselho da dra. Silvana, de me despedir da antiga casa de minha avó e tentar canalizar as coisas boas que eu vivi lá, e o Samuel foi incrível, ficando ao meu lado, me apoiando e incentivando a colocar as emoções para fora.” Minha mente retorna para o dia de ontem e no quanto foi importante eu conseguir encerrar um ciclo. “Depois disso, ele cuidou de mim com tanto carinho. Não esperou nada de mim, mesmo que estivesse afim, ele ficou do meu lado da forma mais respeitosa que qualquer pessoa ao meu lado jamais fez.” Seguro minhas emoções o melhor que posso, para não começar a chorar ali mesmo.

“Isso é incrível, Isa e eu estou morrendo de vontade de conhecer ele, para ver com os meus próprios olhos se ele é realmente merecedor de ter minha chefinha como namorada.” Diz em um tom divertido. “Mas você precisa saber, que tudo isso que ele fez, é o mínimo que alguém digno faria. Eu não estou querendo desmerecer o cara, nem nada do tipo, mas você precisa entender que não tem uma dívida com ele só porque esteve do seu lado de uma forma que ninguém nunca esteve.” Suas palavras são firmes e, como sempre, cheias de maturidade.

“Sim, eu sei.” Concordo, mudando e dando continuidade ao assunto rapidamente, por não querer refletir muito sobre o que Álvaro acaba de dizer. “Depois disso, nós dormimos juntos de conchinha, você precisava ver, foi extremamente fofo.” Sua expressão fingida de nojo me faz sorrir.

“Não, muito obrigado. Estou ótimo assim.” Caímos na risada juntos, como sempre.

Após um longo minuto, quando nossas risadas cessam, volto a ficar séria, para dar prosseguimento ao assunto.

“Eu decidi chamá-lo de madrugada para vermos juntos o nascer do sol na praia, e lá mesmo, banhados pelas luzes do sol e as ondas rebeldes, nós fizemos amor pela primeira vez.” Digo dramaticamente, tendo uma leve

noção do quão boba apaixonada estou parecendo neste momento, mas permito que o olhar sonhador permaneça em meus olhos por mais um tempo. “Só você mesmo, Isa, para conseguir transformar uma noite de sexo em um conto de fadas.” Brinca, mas claramente alegre por me ver feliz.

Dou um tapinha descontraído em seu braço, pedindo que ele leve a sério, escondendo a risada prestes a me denunciar.

“Ei, não estraga o meu momento.” Falo, tentando soar ofendida. “Eu? Nunca! Estou até pensando na minha lista de contatos em quem eu posso levar essa noite na praia para reproduzir essa cena.” Álvaro é um palhaço. Não consigo ficar cinco minutos conversando com ele, sem sair com a barriga doendo de tanto rir.

Fomos interrompidos por um cliente, e após isso, seguimos nossa rotina normalmente, com atendimentos e organização.

Estamos quase encerrando o expediente, quando recebo uma mensagem de um número desconhecido em meu celular.

- *Oi Isa, é a Flávia, amiga do Samuel. Nos conhecemos no Lisboa, lembra de mim?*

O Samuel havia me perguntado se poderia passar o meu número para sua amiga.

Fiquei feliz por ele ter passado e assim, eu teria a oportunidade de me aproximar um pouco mais da sua vida.

- *Mas é claro que eu lembro! Como você vai?*
- *Eu estou ótima e você? Ei, eu pensei em combinarmos um café, para nos conhecermos melhor, o que você acha?*
- *Tudo bem. Eu acho uma ótima ideia, quando você pode?*

Após algumas trocas de mensagens, combinamos de nos encontrarmos um lugar aqui perto da minha loja, logo após o horário de fechamento.

- *Vou me encontrar com a Flávia assim que eu sair aqui da loja.*

Envio uma mensagem para Samuel, já que havíamos planejado de nos encontrar em seu apartamento mais tarde.

- *Tomara que vocês gostem da companhia uma da outra. E tentem não confabular contra mim, se possível.*
- *Isso eu não posso garantir, haha.*

As coisas têm caminhado de uma forma tão natural, que algumas vezes sinto que é tudo muito bom para ser verdade, não estou acostumada a ter isso em minha vida. Mas vou aceitar e torcer para que não seja algo passageiro.

-Sete-

Entre o querer e o poder

Me encontro com a Flávia, poucas horas depois, em um dos meus cafés favoritos da cidade, dentro de um *outlet* que vive lotado.

“Oi Isa, que bom encontrar você de novo!” Exclama animada, dando-me um abraço de urso, que retribuo carinhosamente.

“Eu adorei que você me procurou, Flávia. Desde aquela noite no Lisboa, fiquei pensando que nossa amizade poderia dar super certo.” Respondo honestamente, encontrando um lugar para sentar.

“Eu pensei a mesma coisa. Confesso que na hora fiquei morrendo de medo que o Sam tivesse te assustado e acabado com as chances dele, e automaticamente as minhas, de fazer uma nova amiga.” Uma risada do fundo da garganta me escapa e Flávia me acompanha bem-humorada.

Se ela soubesse, quantas vezes eu recriei aquela noite na minha cabeça, pensando e refletindo um milhão de vezes, se eu havia feito a coisa certa em me afastar dele.

“Vamos dizer que minha vida é um tanto quanto complexa, não sei se aquele era o melhor momento para me envolver.” Me limito a dizer, com um sorriso constrangido.

“Mas, então, agora é o momento?” Sua pergunta me faz pensar por alguns segundos, mas sou poupada de responder seu questionamento, já que um atendente vem até nossa mesa para anotar nossos pedidos.

Nem preciso passar meus olhos pelo cardápio para decidir o que vou pedir, já que é o meu pedido padrão, sempre que venho até aqui.

“Um cappuccino com caramelo e uma fatia de bolo *red velvet*, por favor.” Entrego o cardápio, antes mesmo de abri-lo e isso faz com que Flávia sorria.

“Ela parece estar certa disso, né?” Brinca com nosso atendente, que se limita em sorrir para a sua cliente simpática. “Vou querer o mesmo.” Diz, entregando a ele o cardápio.

Ele se retira nos deixando novamente sozinhas.

Por um momento, acho que ela pretende retornar o assunto de onde paramos, mas apesar de ser uma pimenta ambulante, espevitada e alegre, Flávia parece ser o tipo de pessoa que captura as reações no ar e faz seu trabalho em respeitar o espaço do outro.

Fico extremamente grata a ela por isso.

Ela logo emenda automaticamente um assunto fácil, contando sobre sua vida, deixando nossa reunião descontraída e animada.

“Eu estou quase terminando a faculdade de direito e é por isso que eu trabalho no Lisboa.” Ela para o que está falando por um segundo, como que se dando conta que falou algo errado. “Não que eu não goste de trabalhar lá, porque eu amo, de verdade. Mas meu sonho seria me dedicar inteiramente ao meu curso, só que meu pai é aposentado e minha mãe sempre foi responsável em cuidar do lar. Apesar deles se esforçarem como podem, não conseguiriam me ajudar com a faculdade, então é por isso que eu trabalho no Lisboa, para conseguir pagar os meus estudos. É por isso que eu ainda moro com meus pais também.” Fico observando-a falar sem parar, impressionada como ela consegue verbalizar tantas palavras por segundo, sem nem ao menos parar para respirar. “Eu falo demais, né? Desculpa.” Isso me faz rir sem parar, adorando cada vez mais a sua companhia.

“Fala mesmo e eu estou adorando saber tudinho da sua vida.” Respondo animada.

Ela parece ver que estou sendo sincera, e me dá um belo sorriso, que deixa seu rosto ainda mais bonito.

Nossos pedidos chegam, e o atendente coloca-os organizadamente em nossa frente. Agradecemos a ele em uníssono, fazendo-nos rir mais uma vez, enquanto começamos a devorar nosso bolo.

“Meu Deus, é o melhor bolo que eu já comi na minha vida.” Diz, com seus olhos fechados, experimentando pela primeira vez a experiência desse bolo no paladar.

“Eu te falei.” Me limito a dizer, pegando um pedaço com o garfo e apreciando a textura amanteigada e o creme com uma leve acidez que faz com que ele seja meu bolo favorito.

Enquanto comíamos, desenvolvemos uma conversa tranquila e agradável.

Contei a ela sobre minha loja e o quanto eu amo aquele lugar, também que não tinha familiares próximos, sem entrar em grandes detalhes referente a isso. Flávia, se provando mais uma vez ser uma ótima ouvinte, respeitou minha reserva em não expor tanto sobre a minha história.

“Sabe, eu nunca vi o Samuel assim.” Ela arrasta seu prato vazio para o lado, quando traz um tópico completamente diferente da nossa conversa anterior. “Ele sempre é muito cauteloso a respeito dos sentimentos e demora para se relacionar, mas eu percebo que é diferente dessa vez. Ele está entrando de cabeça na relação de vocês.” Se limita a dizer, observando atentamente minha reação.

“Eu não sei o que dizer.” Tento refletir sobre o que temos de diferente, a ponto de Samuel agir assim em relação a mim, mas não consigo pensar em nada.

Eu sou comum, não tenho nada de especial.

“Não sei o que faz nossa relação ser diferente de outras, mas eu

também estou muito envolvida. Espero não fazer nada de errado e estragar tudo.” Vejo-a me olhar com cautela, antes de um belo sorriso brotar em seus lábios, e uma de suas mãos alcançar a minha, de forma reconfortante.

“Este nosso encontro me fez entender o porquê de ele estar tão encantado, Isa. Basta continuar sendo você mesma e isso é o suficiente.” Suas palavras são tão especiais, que preciso segurar as lágrimas para não fazer uma cena e chamar a atenção de todos os clientes.

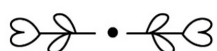
“Obrigada, Flávia.” Com meus olhos brilhando, emocionada e com a voz embargada, digo agradecida.

Após mais um longo período de conversas banais e descontraídas, nos despedimos, criando um compromisso de sair juntas mais vezes.

Chego em meu carro, com um sorriso em meu rosto, sem nem ao menos tentar conter a felicidade que é estar nessa posição.

Minha vida está fazendo uma mudança drástica e dessa vez para melhor, com direito a uma casa, namorado e amigos novos.

Eu não poderia estar mais animada com essa nova fase.



Os últimos dias foram uma loucura, entre conciliar todo o processo de mudança, trabalho na Candy Color e envolvimento com a casa de repouso.

Tudo exatamente do jeito que eu gosto, resultando em vários dias sem nenhum problema para dormir e o pouco tempo que conseguia abdicar das minhas responsabilidades, dedicado em aproveitar com Samuel, que inclusive, foi extremamente prestativo em me auxiliar com a mudança.

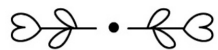
Ele e Álvaro finalmente se conheceram, ao longo da semana, quando

nos reunimos para receber o caminhão de mudança em meu novo lar. A Flávia também se prontificou em ajudar, e formamos um grupo espetacular.

Finalizamos o dia pedindo pizza, para oficializar o primeiro jantar no apartamento novo.

Quando o Álvaro e a Flávia decidiram voltar cada um para sua própria casa, a dor na barriga de tanto rir, era maior que a dor pelo corpo todo, devido à exaustão de carregar caixas de lá para cá ao longo do dia.

Para deixar o momento ainda mais perfeito, tomei um banho longo e demorado pela primeira vez em meu novo banheiro, ao lado de Samuel, que se dedicou em cuidar de mim, sobre o jato potente de água morna, que eliminava lentamente a tensão que carregava sobre meus ombros, como uma massagem relaxante.



Apesar de já estar morando em meu novo cantinho desde o dia oficial da mudança, hoje é o dia da inauguração do prédio e eu não poderia me sentir mais animada.

Em meu quarto, termino de me arrumar, esperando por Samuel, que se comprometeu em subir para me buscar, mesmo que eu só precise descer o elevador para chegar ao evento.

Estou usando um vestido midi brilhante, rosa claro, com seu comprimento compensando o decote que se estende ao longo de meu colo, se aproximando ao abdome. As costas também permanecem nuas, com apenas duas alças finas, sustentando o peso dele.

Meus cabelos estão alinhados para o lado, com alguns fios soltos e

ondulados, mantendo a produção casual, sem tirar o protagonismo do decote nas costas.

Decido colocar uma maquiagem leve e delicada, deixando a produção ainda mais límpida e iluminada.

Através do espelho, vejo meu reflexo, que tantas vezes me causou melancolia, mas hoje, me sinto bonita e pronta para este novo momento.

A campainha toca e caminho a passos largos, decidida, em direção a porta. A sensação de inquietação no estômago, antecipando a reação de Samuel ao me ver, trazendo ainda mais emoção a essa realidade.

Abrindo a porta, observo os seus olhos atentos varrerem todo o meu corpo, abalando completamente qualquer preparo que tenha me condicionado a ter ao encontrá-lo.

Na tentativa de compensar sua falta momentânea de léxico, ele atrai meu corpo para junto do seu, passando o nariz por toda a extensão, desde o início de minha nuca, até chegar em meus ombros, fazendo com que meus olhos se fechem, na medida em que ele aspira meu cheiro, como se de alguma forma essa fosse a sua prioridade.

“Como foi que eu não vi você antes nessa cidade?” Percebo seus olhos brilhando de desejo, deixando-me incitada em pura agonia.

“Vai ver você não estava prestando atenção.” Me limito a dizer, esboçando um sorriso tímido.

“Não tem a menor chance de que a gente já tenha se esbarrado antes. Bela, porque assim que eu colocasse meus olhos em você, eu nunca mais te deixaria em paz.” Ele sustenta uma expressão bem humorada, mas no fundo, consigo sentir a veracidade em suas palavras.

Sem saber o que dizer em resposta, fico nas pontas dos pés, mesmo em meus saltos, e segurando cuidadosamente o seu rosto, encosto meus lábios nos seus, provando o seu sabor e amando vê-lo tão afetado por mim,

quanto eu me sinto por ele todos os dias.

“Nós precisamos mesmo descer?” Brinco, morrendo de vontade de arrastá-lo para dentro de meu apartamento e deixar o coquetel de inauguração para mais tarde.

“Eu prefiro ficar aqui com você do que em qualquer lugar do mundo.” Diz, esfregando a ponta de seu nariz no meu. “Mas meus pais já chegaram e estão lá embaixo aguardando para conhecer você.” Suas palavras me deixam em estado de alerta imediatamente.

Por um momento, eu tinha me esquecido completamente que como o prédio pertence a construtora da família de Samuel, logicamente, seus pais estariam presentes em sua inauguração.

“Samuel, e se eles não gostarem de mim?” Minha insegurança é quase palpável com o estremecimento de minha voz.

“Isso é impossível, Bela. Não tem como não gostar de você.” Ele pega minha mão, tomando a frente em fechar a porta atrás de si, mas a confiança que adquiri poucos minutos atrás, é completamente substituída por hesitação.

“Olha a minha roupa, Samuel.” Ele faz exatamente o que digo, demorando-se mais uma vez com o olhar, fazendo-me revirar os olhos e pegar seu rosto para me encarar. “Que pai e mãe vão gostar de ver a possível namorada do filho com uma roupa tão exposta assim?” Meus pés param no lugar e estou tentando voltar para minha casa, a fim de trocar de roupa.

“Bela, você está linda. Essa é a única coisa que meus pais vão achar, além de ficarem felizes por saber o quão bem você tem feito para mim. Pare de se sobrecarregar com esses pensamentos, por favor?” Com seus braços envolvendo minha cintura e fixando o fundo dos meus olhos, ele consegue me tranquilizar.

Assinto em concordância, separando-me um pouco de seu corpo, alinhando a postura e segurando firme sua mão, que não deixa a minha por

nenhum segundo, até chegarmos no salão de festas.

O salão está começando a se encher, estando quase no horário de início do evento.

Uma decoração minimalista e sofisticada se estende no interior do recinto, com toalhas grossas e acetinadas, chamando a atenção para os poucos arranjos de flores pontuais e estratégicos ao longo do local.

Garçons bem vestidos transportam bandejas carregadas de taças com espumante borbulhando e belíssimos canapés, que sinto até pena de comê-los.

Um casal mais velho está acenando em nossa direção, e fico instantaneamente ansiosa, constatando que se trata dos pais de Samuel.

Ele dá mais um aperto sutil em minha mão, ajudando-me a ter um pouco mais de segurança em cada passo que nos leva para mais perto deles.

“Mãe, pai, essa é a Isabela.” Sua voz é animada e os olhares analisadores de seus pais, são simpáticos, tranquilizando-me um pouco.

“Bela, minha mãe Liliana e meu pai Gilberto.” Nos apresenta e tomo a frente para cumprimentá-los.

“É um grande prazer conhecer vocês.” Me limito a dizer, com meu melhor sorriso, admirando a postura clássica dos dois.

Sua mãe ostenta um belo sorriso, e vejo sinceridade nele. Seu vestido longo é simples e clássico, assim como tudo nela, com joias extravagantes, que complementam perfeitamente a simplicidade do vestido.

Os cabelos são impecavelmente tingidos de loiro, da forma mais natural possível, mostrando que ela só utiliza do recurso, para disfarçar os fios brancos.

Seu pai é alguns bons centímetros mais alto que a sua esposa, assim como o filho. Observo atentamente, e vejo o quanto Samuel se parece com ele. As rugas em torno dos olhos entregam a sua idade, mas a expressão

simpática e solícita deixa-o ainda mais bonito.

“Isabela querida, você é lindíssima.” Liliana se solta de seu marido, ficando próxima a mim, pegando docemente minhas mãos com as suas. “Os comentários de Sam não fizeram jus a você.” Observo Samuel, que revira os olhos sem graça, me fazendo trocar um olhar cúmplice com minha futura sogra em potencial.

“Então você falou de mim para os seus pais, foi?” Pergunto, sem nem tentar conter o sorriso de orelha a orelha que se forma em meus lábios.

Samuel me traz novamente para perto de si, dando um beijo carinhoso no topo de minha cabeça, fazendo seus pais olharem encantados para nossa interação.

“Desculpem o atraso, eu perdi alguma coisa?” Uma linda moça, com o corte de cabelo *chanel* e postura elegante se aproxima, antes que Samuel possa responder, dando um abraço no casal a nossa frente com intimidade.

“Não, ainda estamos aguardando algumas pessoas chegarem.” Gilberto responde, dando um beijo no rosto da beldade.

“Isabela, essa é a minha irmã, Samira.” Ele se adianta em esclarecer as coisas para mim.

“É um prazer conhecer você Samira.” Digo, fazendo a frente para dar um beijo em seu rosto.

Ela retribui, mas passa seus olhos de forma analisadora sobre mim.

“Prazer.” Responde castamente, sem necessariamente parecer grossa, mas também sem dar nenhuma brecha para intimidade.

Isso me deixa instantaneamente preocupada.

Eles engatam em algum papo de família e me aproveito para cochichar no ouvido de Samuel.

“Sua irmã não foi com a minha cara.” Ele se afasta um pouquinho, com um sorriso despreocupado no rosto.

“Samira só se solta com quem ela conhece. Esse é o comportamento padrão dela. Mais algumas reuniões de família, e ela vai entender a pessoa incrível que você é.” Cada uma de suas palavras, são promessas tão importantes para mim, que mandam alertas para o meu cérebro imediatamente.

“Sam.” Seu pai o chama, interrompendo nossa troca de olhares. “Eu quero que você faça o discurso, antes de oficializarmos a abertura do prédio.” Os olhos de Samuel ficam confusos com as palavras do pai.

“Por quê? O Lucas não pôde vir?” Questiona intrigado.

“Eu falei para ele não vir e deixar as formalidades por nossa conta.” Gilberto diz, simplesmente. Meus olhos ficam indo e vindo, tentando entender o claro conflito que se trava entre eles, apesar das vozes tentarem permanecer calmas.

“A obra não é minha.” Fala contido, e percebo suas bochechas ficarem vermelhas, a ponto de explodir.

“A empresa é sua, então logicamente a obra é sua também.” Não consigo entender, como aquele mesmo senhor simpático que me cumprimentou minutos atrás, de repente se transformou nessa pessoa exigente, tornando o clima, anteriormente agradável, em uma disputa de proeminência.

Observo Samuel permanecer impassível, travando com o olhar uma batalha silenciosa.

“Então da próxima vez, ao menos uma vez na sua vida, dê a porcaria da responsabilidade para mim e me deixe de fato ser encarregado pela obra, assumindo-a desde o início. Porque não adianta de nada ser o dono da porra dessa empresa, se eu não tenho autoridade nenhuma nela.” O olhar furioso de Samuel é capaz de incendiar a sala inteira.

Ele se retira, deixando a nós quatro com expressões chocadas, obviamente a surpresa de sua explosão não é só minha, mostrando que não é um hábito comum nele.

“Me deem licença, eu vou ver como ele está.” Digo brevemente, saindo em busca dele, para tentar tranquilizá-lo.

Encontro-o entrando no banheiro masculino, por isso fico posicionada ao lado da porta, para estar ao seu lado, assim que ele sair.

Poucos minutos depois, vejo-o sair, apesar de tentar disfarçar, ainda é perceptível seu aborrecimento.

“Ei, sinto muito por isso.” Digo, pegando suas mãos, e levando até meus lábios, para dar um beijo de conforto.

Observo-o respirar algumas vezes, não sei se para tentar se acalmar, ou sentindo um pouco de alívio. Fico torcendo que seja a segunda opção e que, de alguma forma, eu seja um pouco responsável por isso.

“Eu não sei o que ele quer de mim, Bela.” Ele me abraça, trazendo-me para perto de si, nos recostando na parede. “O que ele está tentando me provar, fazendo que eu me responsabilize pela obra de outra pessoa?” Fico por um tempo assim, apenas afagando suas costas, tentando trazer algum conforto, sem saber como responder.

“Vocês precisam conversar com calma e clareza, Samuel.” Dou um selinho em seus lábios, fazendo-o fechar os olhos. “Pergunte a ele exatamente isso que acabou de me perguntar.” Ele assente, dizendo que vai tentar.

Juntos, de mãos dadas, nos desencostamos da parede e caminhamos como uma bela dupla para socializar com os novos moradores do prédio, pegando duas taças de espumante nesse processo.

Todos os olhares estão voltados para Samuel, assim que o chamam até o púlpito, para discursar no microfone.

A forma como ele se movimenta, com confiança e propósito, não demonstra de maneira alguma como eu sei que ele realmente se sente por dentro. Deste modo, me permito admirar sua convicção ao iniciar o discurso.

“Boa noite a todos.” Abre sua fala, enquanto ajeita o microfone para

ficar posicionado corretamente em sua boca. “Sempre antes de iniciarmos um novo empreendimento, nós da Lima Construtora fazemos uma grande pesquisa. Sobre os estabelecimentos ao seu redor, a facilidade no transporte, a posição em que o sol nasce ou se põe, para que cada apartamento tome a quantidade necessária de luz diária. Essa preocupação é porque o nosso maior prazer é ver famílias construírem uma história em um verdadeiro lar. É para garantir que, após um dia suado de trabalho, o seu apartamento será o seu refúgio, ao lado das pessoas que vocês mais amam.” Observo-o olhar a todos, mostrando que cada uma de suas palavras são verdadeiras, sempre falando em nome da empresa, e não como o responsável pelo edifício, tornando-o ainda mais honrado aos meus olhos. “Nós estamos felizes em conhecer cada um de vocês, e esperamos que a partir de hoje, este seja seu lugar preferido, porque cada um dos tijolos erguidos, foi pensando nisso.” Finaliza, erguendo sua taça. “Tenham uma ótima noite.” Uma salva de palmas se estende ao longo do salão e eu acompanho, encantada com seu discurso.

Samuel vira de uma só vez seu espumante, e vem ao meu encontro decidido.

“Podemos encerrar a noite, por favor?” Pergunta extasiado e eu assinto com a cabeça, trazendo-o comigo na direção do elevador.

Seus pais nos interceptam no caminho, com sorrisos orgulhosos nos rostos.

“Este é o porquê de eu querer que você faça o discurso, Sam. Foi maravilhoso!” Gilberto diz, ignorando completamente o confronto anterior.

“Essa é a última vez que eu faço o discurso de outra pessoa.” Responde de forma grosseira. “Se você não confia em mim para tocar essa empresa, então eu estou fora dela.” O elevador chega e ele me puxa para dentro, sem olhar para seu pai, que ostenta uma expressão de surpresa.

Tento mostrar através de meus olhos que eu sinto muito, antes do

elevador se fechar, deixando-nos a sós, com um clima pesado dentro desse cubículo.

Fico de frente para Samuel, para tentar fazê-lo encontrar meu olhar, e quando ele faz, me traz para junto de si com firmeza, levando meus lábios aos seus.

Entendo que ele não está pronto para conversar no momento e que precisa extravasar seus sentimentos conflituosos de alguma forma. Por isso me ofereço para ajudá-lo com isso, entregando a ele meu corpo. A conversa pode ficar para depois.

O elevador apita, avisando que chegamos no andar certo, e com nossos corpos unidos, trocando beijos tórridos, caminhamos ao longo do corredor, até chegar na porta de meu apartamento.

Dentro de casa, Samuel nos arrasta para o sofá. Me posiciono sentada em seu colo, com as duas pernas ao seu redor. Ele vem deslizando sua mão ao longo de minhas coxas nuas, colocando um pouco de pressão, fazendo-me desejá-lo e esquecer o conflito anterior, devido ao prazer inebriante, difícil demais para resistir.

Nos afastamos um pouquinho para respirar, e isso parece me fazer ter uma última lufada de sanidade e tentar confortá-lo sobre o que aconteceu.

“Ei, Samuel.” Sussurro, observando seus olhos cobertos por uma sombra de ressentimento que eu nunca vi ali antes. “Vamos conversar sobre o que aconteceu.” Passo meus dedos por seus cabelos, tentando acalmá-lo.

Ele parece ignorar o que eu digo, descendo seus olhos pelos vários centímetros de pele exposta, que se estendem ao longo do decote de meu vestido. Baixa uma das alças e percorre meu ombro com os lábios, a língua desenhando um caminho que me faz ofegar.

“Ei.” Tento mais uma vez, preocupada com ele.

Seus olhos se fecham impacientes e por um momento, penso que ele

vai se chatear com a minha insistência.

“Bela, você pode esquecer essa história por enquanto, por favor?”
Pede, claramente segurando sua frustração para não descontá-la em mim.

Pondero se devo insistir, mesmo que ele não vá gostar nem um pouco disso, mas um medo de deixá-lo ainda mais chateado me faz agir de forma contrária a isso.

Levo minha mão até sua calça de alfaiataria, sentindo a pressão que seu desejo transparece através dela. Abro o fecho e sinto-o quente e pulsante ao meu toque.

Ele ofega, incentivando-me a continuar. Fico acariciando-o durante um longo período, analisando sua expressão de desejo, travando uma espécie de competição, sobre quem vai ceder primeiro.

Apesar de querê-lo intensamente e desejá-lo dentro de mim o quanto antes, sinto que já estou cedendo mais do que eu deveria, dando a ele o que ele diz precisar, não o que eu realmente acredito que ele precise. Por isso, aguardo pacientemente, apesar da necessidade, fazendo-o se derreter em minhas intenções através do prazer.

“Você é tão gostosa.” Acometido pelo desejo, vejo seu autocontrole por um fio.

Passo minha língua no contorno de sua boca, vendo-o sucumbir através de um grunhido de agonia. Ele me levanta, afastando-se apenas o suficiente, para conseguir remover suas roupas e ficar preparado para mim. Meu vestido também vai ao chão, e em pouco tempo, estou sentindo-o irromper-me.

Nossos corpos são uma confusão de movimentos, cada um perseguindo a satisfação do outro. Me comprimo em deleite com sua invasão, cada vez mais intensa e poderosa.

As ondas de prazer surgem, percorrendo meu corpo, ele parece

perceber, aproveitando para apertar com mais força seu toque sobre mim, levando-me ao limite.

Cravo minhas unhas em seus ombros, ronronando de tanta luxúria. Tenho a sensação dos olhos de Samuel absorvendo minhas reações, mas sem a capacidade de sentir um pinga de constrangimento com toda a nossa entrega.

“Nossa, Bela.” Sua voz é um murmúrio, indicando que também está entregue ao momento tanto quanto eu.

Com nossos rostos colados um ao outro, o meu corpo, acomodado e perfeitamente encaixado ao seu, parece ter vida própria quando ambos rompemos a última barreira da lascividade e alcançamos juntos nosso desejo.

-Oito-

A dor dentro de um adeus

Em algum momento da noite, nos mudamos da sala para o quarto e é onde me acordo, no meio da madrugada. Sei que ainda não é de manhã, porque me sinto tão sonolenta, como se não tivesse dormido nem por algumas horas. Claro que isso pode se dar ao fato de que minha interação com Samuel exigiu todas as minhas forças.

Um barulho insistente não para de macular o silêncio do quarto, e levo um tempo para me dar conta de que é o celular de Samuel.

Observo-o dormindo profundamente, alheio ao barulho irritante, e passo por cima dele, a fim de alcançar o aparelho.

Vejo o nome de Samira na tela, fazendo-me sair do estado de sonolência imediatamente, substituindo por preocupação.

O celular para de tocar por poucos segundos, para em seguida voltar a soar novamente.

Chacoalho Samuel algumas vezes, até que seus olhos finalmente se abrem. Me apresso em colocar o telefone em seu campo de visão.

Quando ele finalmente se dá conta da realidade, e pega o aparelho da minha mão, tenho a impressão de que tudo está acontecendo em câmera lenta, me impedindo de compreender as coisas com clareza.

“Samira?” Sua voz sonolenta é carregada de preocupação.

“Onde?” Minha ansiedade me matando, sem ouvir o outro lado da conversa.

“Estou indo.” Se limita a dizer, levantando-se com um salto da cama, deixando para trás qualquer vestígio da sonolência anterior.

Espero que ele me dê alguma explicação enquanto se veste, mas ele

permanece em um silêncio sepulcral, com seu maxilar cerrado.

“O que houve?” Pergunto em agonia.

“Meu pai sofreu uma parada cardíaca.” É só o que ele diz, e sinto meu coração doer em desespero.

Levanto-me imediatamente para me trocar e irmos ao encontro de sua família o mais breve possível.

Fico pronta com o primeiro vestido e tênis que encontro na frente, e o acompanho porta a fora.

“Você não precisa vir junto.” Me intercepta abruptamente, quase fora do apartamento.

“Você está louco? É claro que eu vou junto.” Seu olhar está vazio como nunca vi antes, e isso faz meu coração sofrer ainda mais por ele.

Samuel apenas assente com a cabeça e saímos taciturnos, com a apreensão palpável, ao longo de todo o caminho.

Chegamos ao hospital e apesar de perceber que Samuel não está conseguindo prestar muita atenção nas coisas ao redor, entrelaço minha mão na sua, na tentativa de dar-lhe um pouco de conforto.

Antes mesmo de chegarmos na recepção para dar o nome do paciente, Samira surge, em meio às portas automáticas, com um olhar devastado.

Percebo quando ela encontra os olhos de Samuel, no mesmo momento que sua mão perde a força que segura a minha, e entendo que isso ocorreu com o resto de seu corpo, assim que me dou conta do que aconteceu.

Samira o abraça, e eu me sinto uma espectadora do sofrimento alheio. Percebo minhas próprias lágrimas escorrerem pelo meu rosto desenfreadamente, com a impotência de vê-los sentindo essa dor que é tão familiar na minha vida, mas ainda assim, não posso fazer nada para poupá-los, para impedir que passem por isso.

Apesar de tudo continuar acontecendo ao meu redor e saber que a

vida de todas as pessoas no mundo continua normalmente, não consigo ouvir nada em volta.

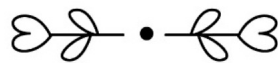
Vejo quando um médico vem até os dois, amparando dona Liliana, que chora copiosamente. O sofrimento que encontro dentro de seus olhos, me faz perder o ar, e me esforço para me manter discreta e não interromper o luto da família.

Uma família ao qual não pertenço.

Eu não tenho o direito de consolá-los, já que minha vida inteira foi um compilado de impulsividade e pena de mim mesma.

Não sei quanto tempo passou, mas em algum momento Samuel deixa a mãe e a irmã sozinhas, sem nem ao menos me olhar, e sai para algum lugar hospital adentro.

Eu sei que não estou sendo útil aqui, e que talvez Samuel precise de um tempo sozinho para assimilar o que aconteceu, considerando como foi sua última conversa com o pai, por isso não vou atrás dele. Mas permaneço aqui, esperançosa que quando ele volte, minha presença seja capaz de absorver um pouco de sua dor.



Três dias se passaram após a morte do senhor Gilberto, e de tempos em tempos, me vejo relembrando cada parte de seu enterro, mas de uma forma desconexa, porque minha mente insiste em mesclar com lembranças do passado.

Ora minha avó está com uma mão em meu ombro, com seu olhar sóbrio e ilegível. Em outro momento, estou ao lado de Samuel, tentando

trazer a ele um pouco de conforto, porém, ele permanece em silêncio absoluto. Essa confusão mental se encerra, com a lembrança do velório de minha avó, onde eu me encontro inteiramente sozinha. É nessa parte que as lágrimas voltam a surgir, e de alguma forma eu não sei se choro por mim mesma ou por essa família que acabou de sofrer uma perda terrível.

Decidi não abrir a Candy Color por alguns dias, para que possamos sofrer o luto. Embora eu não tenha tido a oportunidade de conhecer muito bem o senhor Gilberto, este era o correto a fazer.

Samuel me falou que gostaria de descansar um pouco sozinho e fiz o que pude para não me ressentir com o fato dele se sentir melhor sem mim ao seu lado.

Álvaro, sendo o amigo perfeito que é, está desde o primeiro horário da manhã ao meu lado, em minha casa, não me abandonando nem por um segundo, forçando que eu me alimente e barrando todos os pensamentos depreciativos que eu ousa verbalizar.

O problema é que eu não tenho forças para verbalizar nada, mas meus pensamentos estão a todo vapor, me fazendo ver com bastante clareza que nada pode ser tão bom durante tanto tempo.

Meu celular vibra na mesinha de apoio ao lado da poltrona em que estou afundada na sala de estar e pego-o imediatamente, esperando ver o nome de Samuel no identificador de chamadas. Me decepciono por alguns segundos ao ver o nome de Flávia no lugar, mas atendo imediatamente, pensando que talvez ela tenha notícias a seu respeito.

“Oi.” Atendo sem conseguir expressar uma reação.

“Oi Isa, como é que você está?” Sua pergunta é cautelosa, me fazendo cair no choro mais uma vez.

“Eu não tenho o direito de estar sofrendo assim, Flávia.” Minha voz é um borrão e tenho que dar muito crédito a ela, por conseguir me entender.

“Ei, você pode se sentir como precisar se sentir. Ninguém sabe como é estar na pele do outro.” Suas palavras me ajudam a segurar os soluços e observo o Álvaro vir da cozinha, sentando-se no tapete no chão, bem próximo a mim, pronto para me dar ainda mais suporte.

“Eu gostaria de ser força para o Samuel nesse momento, mas ele prefere ficar sozinho.” Seco minhas lágrimas ao desabafar como me sinto.

“Foi por isso que te liguei, Isa.” Ouço sua respiração do outro lado da linha, me deixando apreensiva. “O Sam não quer receber, nem conversar com ninguém. A mãe dele está ficando preocupada, porque a Samira já foi até a casa dele, mas ele não atende a porta. Eu acabei de vir de lá e não teve jeito dele me atender. De repente você pode tentar também.” A confirmação do quanto de sofrimento que ele está nutrindo dentro de si, me deixa ainda mais preocupada.

“Ele me falou que quer ficar sozinho.” Respondo impotente.

Ouço-a suspirar irresignada com a situação, assim como eu.

“Eu achei que ao menos a você ele daria abertura.” Suas palavras são um balde de água fria, mesmo que essa não seja a sua intenção.

“Desculpe.” Digo e sinto a mão de Álvaro apertar a minha em sinal de apoio.

“Não se culpe, Isa.” Fala enfática. “Logo ele vai colocar os pensamentos no lugar, procurar por você e pela própria família.”

“Eu espero que sim.” A minha vontade de acreditar no que Flávia diz, chega a doer.

“Pode acreditar. Vamos nos encontrar essa semana, tá bom?” Sugere solícita na despedida e eu concordo por mera formalidade.

Permaneço em silêncio por um longo tempo após encerrar a ligação, com minhas ideias divagando nas várias possibilidades.

“Acho que eu deveria estar com o ele nesse momento.” Comento em voz alta, mais para mim mesma.

“Ele que pediu para ficar sozinho.” Álvaro fala cauteloso.

“Eu sei, mas ele precisa saber que eu estou aqui por ele.” Decidida, me levanto em direção ao banheiro, para lavar as lágrimas de meu rosto embora.

“Toma cuidado para não se machucar tentando provar isso, tudo bem?” Não consigo entender o que meu amigo está querendo dizer com isso, mas não tenho forças para questioná-lo.

“Isso não é sobre mim, Álvaro.” Pego minha bolsa e chaves do carro, pronta para sair.

“Este é o problema, Isa, você nunca é a prioridade para você mesma.” Ele não espera que eu responda, enquanto reúne suas coisas para ir embora comigo. “Me chame se precisar, combinado?” Sua voz é carinhosa e eu assinto agradecida.

Fico durante longos minutos dentro do carro, olhando a casa de Samuel.

Através da fachada de vidro, percebo que ela está completamente fechada, como se ninguém aparecesse por ali há um tempo. Mas eu consigo sentir que ele está lá dentro, enviando uma energia cheia de sofrimento que eu compreendo muito bem.

Pratico o exercício de respiração ensinado pela minha terapeuta algumas vezes, até ter coragem de ir ao interfone no portão e chamar por ele.

O sistema de segurança da casa de Samuel é todo conectado ao seu celular, então, eu sei que ele pode ver através da tela do aparelho as imagens da câmera de vigilância.

Este conhecimento me deixa ainda mais temerosa de ser ignorada por ele.

Quando estou quase desistindo, sentindo que estou fracassando mais uma vez, o portão automático se abre, trazendo um pouco de alívio.

Samuel está me esperando na entrada. Seus pés estão descalços e ele

veste uma bermuda surrada. Parece não ter cogitado a possibilidade de vestir uma camisa e seu rosto está vermelho, ostentando a marca da costura do travesseiro.

“Oi.” Digo a ele timidamente enquanto me aproximo.

“Oi, Isabela.” A forma como ele fala meu nome, enquanto dá um passo para trás, disposto a manter uma distância entre nós, faz com que eu me encolha no lugar, envolvendo os braços ao meu redor, como se isso de alguma forma pudesse proteger o meu interior.

“Eu quero ficar do seu lado, Samuel, tentar te ajudar a passar por isso.” Tenho vontade de gritar, para que ele olhe para mim, mas seu olhar permanece em um ponto fixo na rua, atrás de mim.

“Eu prefiro ficar sozinho, você pode respeitar isso, por favor?” Sua voz carrega uma dor tão grande, me fazendo ignorar suas palavras e tomar coragem de me aproximar dele, apesar de sua relutância.

“Ei, vamos passar por isso juntos.” Seguro seu rosto carinhosamente com as duas mãos, forçando-o a me olhar. “Eu estou aqui por você.” Enfatizo, vendo-o fechar seus olhos por alguns segundos e isso me faz pensar que eu consegui convencê-lo.

“Eu gostaria que você fosse agora.” O tom cortante de sua voz, e seus dedos tirando minha mão do caminho lentamente, são um balde de água fria.

As lágrimas caem livremente por meu rosto e ele não perde um segundo para observar, dando um passo para trás e fechando a porta, deixando-me sozinha, sem conseguir conter os soluços desesperados.



Em algum momento, eu precisei voltar com a minha rotina normal.

Apesar de me manter sempre presente de forma física, Álvaro foi quem tomou conta da loja para mim nas semanas que seguiram. Sempre me incentivando a falar sobre meus sentimentos e a seguir em frente.

Flávia tem me visitado bastante. Ela sempre me traz uma fatia de bolo *red velvet* para tentar me alegrar, mas durante todas as suas visitas, eu fico tentando extrair o máximo de informação sobre o Samuel.

“Ele está na mesma. Não tem ido trabalhar, apenas permite que a Liliana visite-o. A Samira me contou que ele não disse isso em palavras, mas que sabe que ele se culpa pela morte do pai.” Ouço tudo que ela tem para dizer, cada palavra me traz mais sofrimento por ele.

“Gostaria que ele me deixasse ajudá-lo a passar por isso.” Digo, segurando o peito em agonia.

“Tenha um pouquinho de paciência, Isa. Eu sei que logo ele vai conseguir passar por isso e vir correndo atrás de você.” Sua segurança me faz dar um pequeno sorriso.

“O problema é que a Isa não pode ficar esperando a vida toda por ele.”

Álvaro esteve quieto o tempo todo, organizando algum canto da papelaria, mas se introduz na conversa, mostrando que estava prestando atenção em tudo.

“Não é a vida toda, é só até essa dor se tornar um pouco mais suportável.” Flávia rebate, em nome do amigo.

“Olha, eu sinto muito pelo que ele está passando, de verdade, mas a Isa já passou por coisas ruins demais na vida e não faz bem para a sanidade mental dela ficar esperando por ele.” Ver meu amigo cuidar de mim com fervor, aquece meu coração, mostrando que apesar de tudo, nunca mais estarei sozinha.

Faço um carinho no braço de Álvaro em agradecimento.

“Obrigada por se preocupar tanto comigo, mas vai ficar tudo bem. Eu entendo pelo que ele está passando e eu sei que ele precisa de mim, do mesmo modo que eu precisava de alguém quando minha avó faleceu. Daqui a pouco ele vai perceber isso.” Digo com convicção.

“Tudo bem, Isa.” Fala derrotado, segurando minha mão com carinho. “Só tente analisar, se você está procurando justificativas para as atitudes dele e não para as suas.”



As palavras de Álvaro me fizeram refletir durante um longo tempo. Eu quero ver o Samuel bem. Essa é uma certeza.

Mas também quero encerrar esses dias intermináveis de sofrimento que tenho passado. E sinto que eles vão acabar quando nós dois estivermos bem de novo, como era no começo.

Quero estar ao lado dele, pelo seu bem e o meu próprio.

Isso seria a minha dependência se apoderando de mim mais uma vez?

Eu espero que não.

Havia um lugar onde eu me desapegava um pouco de tudo e conseguia manter minha mente sã e distraída por algumas horas.

A casa de repouso Raio de Sol me acolheu com tanto carinho, que apesar de estar trabalhando como voluntária há apenas alguns meses, me sinto pertencente àquele lugar de uma forma muito natural.

Hoje é uma das noites em que eu fico de plantão, para auxiliar os idosos e enfermeiras em todas as tarefas noturnas, e estamos servindo o

jantar.

O cheirinho delicioso de macarrão a bolonhesa invade minhas narinas e observando ao redor, consigo entender o porquê todos parecem comer com tanta vontade.

Estou deixando os pratos cheios nas mesas do refeitório, em frente aos moradores da casa, e todos estão preparados para iniciar uma boa conversa sempre que eu me aproximo.

Este é um dos motivos que me faz tão bem dedicar o meu tempo a este lugar. Todos estão sempre dispostos a compartilhar suas histórias, jogar conversa fora, ou conhecer profundamente sobre a vida de todos nós que trabalhamos ali.

Sinto no coração que eles se importam de verdade, e não se trata apenas de conversa retórica, assim como na maioria das pessoas que encontramos ao longo do dia-a-dia.

“Estou vendo que seus olhos ainda estão tristes.” Coloco a última bandeja de comida em frente a uma mesa que acomoda um grupo muito querido de idosos.

“Imagina, eu estou ótima.” Minto, dando um sorriso aos três que me olham de volta.

“Você pode tentar, mas não consegue enganar a percepção de três curiosos e experientes velhotes.” Diz João, um simpático senhor que tem por volta de setenta e nove anos.

“Fale isso por você, eu me sinto bem mais jovem que a minha idade.” Jandira interrompe, me arrancando um sorriso verdadeiro.

Ela realmente aparenta muito mais jovem que os seus setenta e sete anos, já que está sempre muito bem arrumada e impecavelmente maquiada.

“Por que você não se senta um pouco com a gente?” Sugere o terceiro integrante do grupo, chamado Moisés. “Sua companhia vai fazer bem à nossa

noite.” Sorrio de seu tom formal e educado.

Reflito por um tempo sobre minha lista de afazeres e constato que preciso esperá-los terminar o jantar, para recolher os pratos e depois acompanhá-los aos seus quartos. Por isso, aceito o convite, me acomodando ao lado de Moisés, onde tem um espaço vago.

“Conte para nós, criança, o que está acontecendo e deixando você tão *borocoxô*?” Sorrio da forma como Jandira se refere ao meu estado de espírito. “Eu achei que estava disfarçando bem.” Coloco uma mão embaixo do queixo, suspirando desanimada.

“Ah querida, você sempre pareceu um passarinho por aqui. Sorrindo o tempo todo, voando para lá e para cá, procurando o que fazer. Agora vejo você tentando disfarçar, caminhando de uma função para outra, mas nós não estamos mais vendo as suas asas, porque você está escondendo elas de nós.” Fala e vejo o quanto me identifico com as palavras de Jandira.

“Tem uma pessoa que eu amo muito que está passando por um momento difícil, de muita dor.” Desabafo, suspirando alto. “Eu quero estar ao seu lado, para ajudá-lo, mas ele me afastou da sua vida.” Vejo como eles me observam atentamente, com seus olhos experientes. “Eu não paro de pressioná-lo, para fazê-lo entender que estou aqui por ele, mas, para ser sincera, não sei se, fazendo isso, estou pensando no bem dele ou no meu, de não aguentar mais ficar sozinha.” Coloco para fora as palavras mais honestas das últimas semanas, sabendo que não haverá julgamentos vindo deles.

“Querida, infelizmente nós não podemos impor nossas vontades aos outros.” Moisés, que está ao meu lado, pega minha mão cuidadosamente. “Tenha certeza que essa pessoa saiba que você está lá por ela, mas cuide bem da sua alma enquanto isso.”

“Mas como que se cuida da nossa alma?” As dúvidas são como um carrossel na minha cabeça.

“Nada que te faz mal, vai fazer bem para outra pessoa.” Fala enigmático, mas de alguma forma me fazendo entender. “Sabendo disso, você vai poder cuidar da sua alma.” Dito isso, ele se vira para o seu prato e coloca uma porção generosa de macarrão na boca.

Os outros integrantes do grupo estão parados, assim como eu, pensativos com as palavras de Moisés.

“Mas, no fim das contas, conselhos são só conselhos.” Jandira quebra o silêncio, capturando minha atenção. “Ouça sim o que nós que somos mais experientes temos a dizer, mas no fim das contas, converse com o seu coração e saberá o que te faz bem.” Conclui, ganhando aplausos dos demais na mesa.

Sorrio e imito-os, feliz com a boa conversa.

“Prometo que vou tentar, mas eu sou meio maluquinha e tenho medo de pegar as dicas erradas do meu coração.” Minha frustração vira alvo de risada e em pouco tempo estamos todos gargalhando juntos.

“Não tem problema, criança.” João se manifesta pela primeira vez. “Errar é mais importante que acertar, porque é ele que te leva ao acerto, então você não precisa ter medo.”

Cada palavra dita por eles, me traz mais força para lidar com tudo que virá pela frente. E se as coisas não forem como eu espero, ao menos tentarei não exigir determinados comportamentos de mim mesma.

“Não sei o que seria de mim sem vocês.” Falo agradecida e eles sorriem amavelmente. “Agora comam logo, para não esfriar a comida.” Peço, mas permaneço ali, pensativa durante todo o período, até eles finalizarem o jantar.

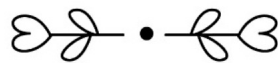
Mais tarde naquela noite, quando todos já estão nas camas, eu me sento de prontidão na poltrona da sala de estar.

Antes de fazer uma ronda pelos quartos, decido enviar uma

mensagem de texto para o celular de Samuel.

- Caso você não saiba disso, eu estou pronta quando você estiver, tá bom?

Espero um bom tempo passar, disfarçando a expectativa de mim mesma, mas como o esperado, não recebo nenhuma resposta.



Mais uma semana de trabalho acabando, e eu não sei se me sinto feliz ou triste por isso.

Não ter Samuel alegrando o final de semana, faz com que as coisas sejam complicadas, mas não como antes. Agora na minha casa as coisas são mais tranquilas e não passo por um processo de autojulgamento toda vez que decido fazer algo que provavelmente desagradaria minha avó.

Estou rindo sobre isso, caminhando para minha loja, agora que moro perto o suficiente para ir a pé todos os dias, quando esbarro em alguém, devido a minha distração.

“Me desculpe.” Peço, alcançando a bolsa que caiu de meu ombro com o impacto.

“Não tem problema, a culpa foi minha.” Uma voz grave, levemente familiar chama a minha atenção.

Quando observo a pessoa em questão, meus pensamentos voltam para meses atrás, onde tive meu primeiro lapso de consciência e dispensei um cara que demonstrou interesse em mim.

“Isabela, que prazer te reencontrar.” Diz, estendendo a mão em minha

direção. “Eu me chamo Douglas.” Estico minha mão, simpática, mas ao mesmo tempo desconfiada, já que não recordo de ter falado meu nome a ele. “Uau, você sabe o meu nome.” Respondo, dando um passo atrás, assim que ele libera minha mão.

“Eu não me esqueceria.” Se limita a dizer, e a intensidade em seu olhar me deixa nervosa, não no bom sentido.

“Foi bom te ver Douglas, mas preciso ir.” Corto qualquer possibilidade de dar continuidade na conversa e me afasto. “Até mais.” Saio dali, dando os últimos passos que me levam à minha loja, mas sem conseguir evitar a sensação esquisita de que Douglas continua me observando.

-Nove-

Esperando por você

Apesar do encontro inesperado com aquele cara, que agora sei se chamar Douglas, eu estava tentando demonstrar para as pessoas ao meu redor, que eu estou me sentindo melhor.

Não falei nada sobre o acontecido para Álvaro, porque ele já deve estar cansado dos dramas da minha vida.

Lembro-me das amizades que perdi no passado, por sempre colocar meus relacionamentos amorosos em primeiro lugar, e se tem algo que eu aprendi ao longo de toda a minha vida, é em valorizar as pessoas que se importam comigo.

Hoje, sem a menor dúvida, o Álvaro é a minha família. Uma pessoa que me conhece tão bem, a ponto de falar o que eu preciso ouvir, não apenas o que eu quero.

“Eu já falei que você é o melhor amigo da face da terra?” Digo, entre uma mordida no croissant de queijo que estamos devorando.

“De onde veio isso?” Ele sorri, surpreso com meu comentário repentino.

“É que em outros tempos, se eu não tivesse você aqui, já teria feito coisas constrangedoras.” Falo tranquilamente, em paz de poder falar sobre qualquer coisa com Álvaro.

“Tipo o quê?” Pergunta curioso.

“Nossa, eu consigo imaginar mil possibilidades diferentes.” Penso por um tempo antes de começar a listar. “Me mudar para o meu carro e fazer acampamento na frente da casa do Samuel, até ele me atender. Tentar me

tornar próxima da sua família, para ficar mais perto dele. Tentar colocar um espião no seu celular, para ver se ele está se comunicando com alguém. Inventar uma máquina do tempo para mudar o que aconteceu e voltar tudo ao que era antes.” Enumero com os dedos cada uma das opções, fazendo uma brincadeira na última.

Álvaro sorri, tomando um gole de seu refrigerante.

“A máquina do tempo parece uma boa ideia.” Se limita a dizer. “Você está com vontade de fazer alguma dessas coisas?” Ele fica sério de repente, perguntando cautelosamente.

Assinto levemente com a cabeça, antes de falar em voz alta.

“Todo dia eu travo um conflito interno comigo mesma, mas hoje eu sei que isso beira a insanidade.”

“O problema não é beirar a insanidade, Isa. O problema é que não funciona e só fará mal a você.”

“Você está certo.” Concorro. “Mas é confuso para mim. Sempre ouvi que não tem nada de errado em amar incondicionalmente, mas ainda assim, tenho que conter meus sentimentos, para não recorrer a impulsividade.” Termino de comer e enrolo o guardanapo para jogá-lo no lixo.

“Não tem problema em amar incondicionalmente, desde que este amor não consuma quem você é.” Suas palavras ficam martelando na minha cabeça por um longo tempo.

Acho que tudo o que Álvaro e minha terapeuta estão tentando me fazer ver esse tempo todo, é a grande questão de cultivar amor próprio. Não é fácil gostar de mim mesma, quando não tem outra pessoa que goste, para afirmar isso. Talvez um dia eu chegue lá, mas hoje ao menos gosto do que me cerca, das pessoas que estão entrando na minha vida, minha loja, meu envolvimento com a Raio de Sol, e claro, meu novo lar. Acho que apesar de ainda ter muito caminho pela frente, ao menos eu estou indo na direção certa.

Meu celular desperta com uma mensagem, nos tirando do silêncio em que nos afundamos.

- *Estou de folga hoje à noite, vamos em uma festa?*

Vejo a mensagem de Flávia e fico pensando por um tempo o que devo fazer.

Fazem mais de dois meses, que o senhor Gilberto faleceu. Desde aquele dia, tenho me preocupado com a reação de Samuel em relação a qualquer atitude que tomo no meu dia-a-dia.

Talvez essa seja a hora de ser eu mesma, como na conversa que estava tendo com meu melhor amigo, minutos atrás.

“Flávia está nos convidando para uma festa hoje, vamos?” Pergunto ao Álvaro antes de respondê-la.

“Não posso, hoje tenho um encontro.” Fala animado.

“Por que você não me contou isso antes? Com quem?” Faço um bombardeio de perguntas sobre a vida amorosa dele.

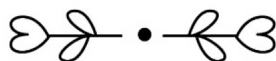
“É que não é nada sério.” Responde sem graça. “É aquele rapaz do grupo de poesia que te contei.”

“Promete ir lá em casa amanhã me contar como foi?” Imploro empolgada.

“Prometo.” Diz, com um belo sorriso travesso em seu rosto.

- *Eu topo.*

Respondo à Flávia, torcendo para que a noite seja produtiva e me tire um pouco da minha miséria.



Flávia já está esperando na sala de meu apartamento, tomando um drink que se prontificou a fazer, enquanto termino de me arrumar.

Após um pequeno desfile, em que provei dezenas de peças, para que minha amiga me ajude a decidir o que usar, estou vestindo uma saia de veludo preta, com bordados florais espalhados por toda a sua extensão, um top curto da mesma cor e coturnos para finalizar. Aplico um batom clarinho e estou pronta para ir.

“Uau, você ficou linda!” Exclama ao ver a produção completa.
“Você também está linda.”

Observo com mais atenção minha amiga, que veste um macacão curto vermelho, com as mangas fluidas, mas com um decote estrondoso, que merece ser admirado.

Agradecida com meu elogio, ela me entrega a taça de gin tônica que vem segurando. Pego de sua mão e viro todo o conteúdo de uma vez só, como uma espécie de coragem líquida.

“Vamos lá.” Fala, pegando minha mão e me levando para fora.
“Vamos.” Respondo em voz alta, mais para mim mesma, que qualquer outra coisa.

O lugar que a Flávia nos trouxe, se chama Outsider e apesar de nunca ter vindo conhecer, é um lugar bem conhecido em Porto Belo.

Uma fila enorme se forma no lado de fora, e começo a me desanimar com a possibilidade de ter que ficar esperando.

“Vem, um dos seguranças já trabalhou lá no Lisboa e vai nos colocar para dentro.” Ela me traz para o início da fila e após uma conversa rápida com um cara enorme na porta, estamos dentro da festa.

A escuridão do lugar é camuflada, através das luzes coloridas e piscantes que vêm de todas as direções.

Ao redor, observo vários grupos formando pequenas aglomerações,

fechando sua própria turma, que dança ao som de músicas conhecidas, tocadas por um DJ em um palco elevado no centro do salão.

A primeira coisa que fazemos é ir até o bar. Minha amiga não me pergunta o que eu quero e pede duas tequilas que são imediatamente postas em nossa frente, acompanhadas de sal e limão.

Nós dançamos o tempo todo, parando apenas para pedir uma nova rodada de tequila, que a essa altura, estávamos dispensando o limão, já que nosso paladar há muito estava comprometido.

Tivemos a impressão de receber cantadas ao longo da noite, mas todos os caras eram completamente ignorados com nossas gargalhadas efusivas.

“O Samuel tem que ver o que ele está perdendo. Deixa eu tirar uma foto sua.” Diz, tirando o celular da bolsa.

“Não, Flá, essa não é uma boa ideia.” Abaixo o celular na sua mão, mas ela insiste.

“Se ele não quer voltar para você e para a própria família pelo amor, então que seja pela dor.” Diz, apontando a câmera para mim mais uma vez.

“Vai, faz uma pose aí.”

Certa de que não tenho nada a esconder dele, faço o que ela me pede. Viro meu pescoço de lado, encostando em meu ombro e coloco uma mão embaixo do rosto, em uma pose boba, mostrando um pouco do nosso divertimento.

“Pronto, ele vai ficar maluco.” Fala, com um sorriso sacana em seu rosto.

“Ele não está nem aí, isso sim.” Respondo tristemente.

“Ah não, nem vem. Vamos, você precisa de mais tequila.” Ela puxa meu braço em direção ao bar mais uma vez.

Quando terminamos de colocar uma nova dose para dentro, sinto a

vibração em meu quadril, onde minha bolsa de ombro está posicionada, indicando que meu celular está tocando.

Tiro o aparelho de dentro e sinto meu coração tropeçar ao ver o nome de Samuel na tela.

Viro o aparelho para minha amiga, precisando controlar a respiração com urgência.

“Você vai atender?” Grita entusiasmada.

“É claro que sim.” Digo de volta, saindo para o banheiro em busca de um espaço mais silencioso, em que possa ouvi-lo.

“Alô?” Atendo insegura, sentando-me na pia do banheiro feminino. “Você está em uma festa.” Ele fala e fica bem óbvio que não é uma pergunta.

“Estou.” Respondo mesmo assim, contornando o braço livre em torno de mim mesma, em uma tentativa de segurar meu corpo trêmulo.

“Eu queria estar com você.” Sua voz é um sussurro, quase como se ele não quisesse realmente falar essas palavras.

“Você só não está porque não quer Samuel.” O esgotamento quase me faz perder a paciência. “Eu não posso parar minha vida por você.”

“Eu sei que não, eu não quero que você faça isso.” Tudo que ele profere me deixa mais confusa. “É que eu preciso de um tempo, para colocar minha cabeça no lugar. Não quero que você fique infeliz enquanto isso por minha causa.” Fecho os olhos, sentindo junto com ele, o sofrimento em sua voz.

Se ao menos ele se desse ao trabalho de saber como está sendo difícil para mim.

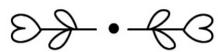
“Eu gostaria de dizer que eu não estarei aqui esperando quando você estiver pronto, mas isso seria uma mentira.” Eu não sei se teria a coragem de falar tudo isso, não fosse a quantidade excessiva de álcool que consumi ao longo da noite, mas espero não me arrepender disso amanhã.

“Vou me ajeitar Bela, prometo a você.” Fala, após um longo período de

silêncio.

Fecho meus olhos, ouvindo sua respiração e depois a ligação se encerrando.

Permaneço assim durante um tempo, até que sinto Flávia me trazer de volta de dentro dos meus pensamentos e me levar para casa, decidindo, por fim, encerrar a noite.



No dia seguinte, a festa se transformou em um borrão na minha vida.

Assim que acordo, percebo que Flávia dormiu em meu apartamento mas, que já se prepara para retornar a casa dos pais.

Ela coloca uma xícara de café na mesa de centro da sala, onde eu me sento no chão, com a maior cara de ressaca e um robe azul.

“Eu preciso ir, mas te ligo mais tarde, tudo bem?” Fala, recolhendo suas coisas espalhadas pelo apartamento.

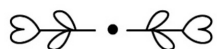
Apenas aceno em concordância, evitando fazer qualquer esforço para falar, já que isso faz minha cabeça doer.

“Tome este café e durma mais um pouco. Quando acordar você vai se sentir melhor.” Enviando um beijo no ar para mim, ela abre a porta de entrada e vai embora.

Faço exatamente o que Flávia me recomendou, termino o café escaldante lentamente, e quando coloco a cabeça em meu travesseiro, fico esperando o sono vir, mas ele nunca chega.

Permaneço repassando tudo o que Samuel me disse na noite anterior. Destrinchando cada sílaba e tentando entender o porquê dele não estar aqui

comigo agora, se é o que ele quer.



Na segunda-feira, sigo meu caminho de manhã cedo para abrir minha loja, com os pensamentos ainda a todo vapor.

Álvaro precisou cuidar da sobrinha e por isso não conseguiu passar na minha casa ontem, e isso está me matando de tanta curiosidade para saber como foi o seu encontro.

Começo o processo de abrir a loja, tirando todas as travas, colocando a senha de segurança, redirecionando a posição das câmeras e todos os movimentos rotineiros, quando Álvaro chega, com sua habitual expressão de segunda-feira.

“Bom dia para você também.” Tiro sarro do seu mal humor.

“Bom dia, chefe.” Se limita a dizer, enquanto entra, colocando suas coisas no guarda volumes e enchendo sua garrafa de água, sem nem me olhar. “Ei, você está mais ranzinza que o normal hoje, o que aconteceu?” Pergunto seguindo-o até os fundos da loja.

“Experimenta ficar o domingo todo cuidando da sua sobrinha de sete anos, para ver se você não estaria no limite da irritação também.” Ele fala, me deixando com uma pulga atrás da orelha.

“Isso você já está acostumado, tem mais coisa aí.” Afirmo confiante. “Pode começar a falar.” Termino de acender todas as luzes, e pego sua mão, trazendo-o para nossa mesa de café, antes que comecem a aparecer clientes na loja.

“O encontro foi horrível.” Ele coloca uma mão na testa, escondendo os olhos,

demonstrando sua frustração.

“Mas o que aconteceu?” Minha curiosidade ficando mais sedenta por informações.

“Tudo de mais desastroso que você possa imaginar. Parecia até roteirizado para dar errado.” Inquieto, Álvaro começa a preparar o café na cafeteira.

“Primeiro, o Cauê se atrasou muito no restaurante que marcamos. Ele pediu mil desculpas, explicou que a sua irmã está grávida e ligou para ele, dizendo que estava com contrações, por isso ele foi até ela correndo, mas era um alarme falso.”

“Ah, ele teve um bom motivo.” Defendo o rapaz que ainda nem tive a oportunidade de conhecer.

“Eu também achei, por isso continuamos o encontro normalmente. Foi a partir daí que tudo deu errado mesmo. Nós não conseguimos engatar uma conversa decente sequer, parecia uma longa lista com tópicos banais e sem sentido. O que é inacreditável, porque nós já saímos outras vezes como amigos, e a conversa sempre fluiu muito bem.” A alteração em sua voz, mostrando estar cada vez mais irritado com a situação.

“Mas isso é porque vocês estavam nervosos.” Aconselho da melhor forma que posso.

“Depois de todos os nossos pedidos virem trocados e termos que reclamar com o garçom, fazendo o jantar ficar ainda mais demorado e constrangedor, convidei ele para ir na praia, em uma tentativa de construir um ambiente romântico, que nem o seu.” Meu amigo me olha com as sobrancelhas erguidas cheio de ironia. “Mas havia tanto vento, que quando percebemos, nós estávamos comendo areia toda vez que tentávamos conversar.” Coloco a mão na boca, para disfarçar a vontade de rir. “E para ajudar, quando ele decidiu me beijar, pra ver se ao menos isso salvaria a noite, nossos dentes se chocavam o tempo todo e nossas bocas não se alinhavam. Naquele momento,

nós desistimos de vez, esperamos o mínimo para não parecer falta de educação e nos despedimos. Eu não sei com que cara vou olhar para ele na terça no encontro com o grupo de poesia.” Termina sua história, escolhendo a maior caneca que temos disponível, para preparar uma espécie de balde de café.

“Calma, Álvaro. Vocês estavam com muita expectativa e o nervosismo impediu que deixassem as coisas fluírem naturalmente.” Digo, enquanto observo com uma careta ele tomar aquele café extraforte sem nem uma colher de açúcar sequer. “Encontre com ele normalmente, deem risada do que aconteceu e quando as coisas voltarem a ser como antes, vocês podem tentar de novo.” Concluo animada, já que os problemas dos outros são sempre muito mais fáceis de resolver que os nossos próprios.

“Deus me livre, nunca mais vou tentar um encontro de novo na vida!”
Exclama exagerado, me fazendo gargalhar.

A campainha da porta toca, anunciando um novo cliente, e vejo meu amigo recuperar a compostura para fazer o atendimento.

“Vim para falar com a Isabela.” Eu estou virada de costas, distraída pela conversa anterior, mas ao ouvir aquela voz, um frio na espinha estremece meu corpo.

“Posso te ajudar de alguma forma?” Álvaro questiona educadamente, tentando me tirar dessa.

“Seu nome não é Isabela, eu presumo.” As palavras são frias, fazendo-me levantar e ficar ao lado de meu amigo.

“O que você precisa?” Questiono sucinta, desesperada para que Douglas vá embora da minha loja o quanto antes.

“Eu não paro de pensar em você, desde o dia em que nos reencontramos na rua, na semana passada.” Sinto o olhar questionador de Álvaro se voltar para mim, sem saber do que ele está falando. “Pensei em vir aqui e te convidar

para sair.” Fala com doçura, o extremo oposto de como falou com Álvaro, instantes atrás.

“Olha, obrigada pelo convite, mas eu não estou interessada.” Digo o mais firme possível.

“Me dê o seu telefone ao menos.” Ele tenta novamente, e sinto o estresse de meu amigo ao meu lado se elevar.

“Cara, ela disse que não está interessada. Acho melhor você dar o fora daqui.” Álvaro toma as rédeas da situação e isso me deixa assustada.

Observo Douglas olhar para meu amigo ameaçadoramente, e depois voltar seu olhar para mim, mais uma vez.

Sem proferir uma única palavra, vemos ele virar as costas e ir embora.

Sinto os braços de Álvaro me abraçarem, espelhando minha confusão, além de uma sensação desesperadora de medo.

“Será que devemos chamar alguém?” Pergunto a ele.

“Vamos ficar em estado de alerta, principalmente você.” Se limita a dizer.

Eu aceno com a cabeça em concordância, e rezo para que eu nunca mais encontre com esse maluco novamente.

-Dez-

Linha cruzada

Estou a caminho da terapia, preocupada com o que a dra. Silvana vai pensar dos últimos acontecimentos.

Eu sei que o trabalho dela não é me julgar, mas é difícil falar as coisas em voz alta, quando o julgamento vem de dentro.

Viu só? Estou tão boa nisso que já estou exercendo a função de terapeuta em mim mesma. Eu reconheço meus déficits, na teoria eu sei o que fazer para melhorar, mas conseguir de fato agir, é outra história.

“Boa tarde, Isa. Fiquei preocupada que você desmarcasse mais uma sessão.” Ela me cumprimenta, deixando-me envergonhada em relação às últimas semanas.

Tem sido particularmente difícil manter as consultas, agora que sinto as coisas desmoronando um pouco. Minha mente está sobrecarregada com este sentimento de esperar que o Samuel retorne para mim logo e me segurar para não ficar correndo atrás dele, igual a um cachorrinho carente. Segurar este instinto, abrir a Candy Color todos os dias e seguir com a rotina de horários na casa de repouso, está sugando tudo de mim. Cancelar as consultas das últimas semanas foi um respiro necessário, eu acho. E por muito pouco eu, de fato, não cancelo a consulta de hoje. Mas o Álvaro está no meu pé há dias, falando sobre as desculpas que estou procurando para mim mesma e esquecendo que, apesar de tudo, eu tenho um grupo de apoio.

A grande questão é que este grupo de apoio consiste nele mesmo, e só. Não que meu melhor amigo não dê conta do recado, porque uma pessoa

como ele ao meu lado, vale mais que uma centena de bons amigos, mas no fim do dia Álvaro é só um e eu não posso sobrecarregá-lo com os meus problemas.

Eu costumava ter o Samuel, mas agora ele prefere ficar sozinho.

“Desculpe, dra. Silvana, meus dias têm sido uma loucura.” Digo a ela, enquanto me acomodo no *futon*, ao centro do consultório.

“As coisas entre você e o Samuel ainda estão complicadas?” Como sempre, sua voz branda e compreensiva, demonstra todo o interesse no assunto.

“Sim, não temos nos falado.” Me limito a dizer, omitindo o dia em que saí com a Flávia e ele me ligou, após ter enviar uma foto minha a ele.

Vejo que minha terapeuta aguarda por mais informações, já que nunca precisei de muito incentivo para me abrir, mas hoje estou me sentindo particularmente introspectiva.

“Como você está lidando com tudo isso?” Ela faz suas habituais anotações antes de se voltar para mim e perguntar.

“Me sinto melhor.” Olho ao redor antes de continuar a responder. “A vida tem que continuar, não é?” Minhas mentiras são tão deslavadas, que eu duvido muito que eu enganaria alguém que nunca nem falou comigo, imagina minha terapeuta.

“Mas você tem lutado com a vontade de procurar por ele?” Ela tenta novamente, obviamente, não comprando nenhuma das minhas respostas anteriores.

“Os primeiros dias foram mais difíceis, mas eu sei que se ele quiser ficar comigo de verdade, ele é quem deve me procurar.”

Continuo minha leva de omissões. Não somente em relação ao fato de que não se passa nem um dia sequer em que eu não envie uma mensagem dizendo que eu estou aqui por ele, que ele pode se abrir comigo, ou que estou me sentindo muito sozinha, como também o fato de entender que é ele quem

deve me procurar.

É tão fácil unir as palavras e construir frases que são exatamente o que você gostaria de dizer. A forma como você pensa e age, vão além das palavras, mas no fim das contas, são esses comportamentos que moldam quem você realmente é. Para ser bem honesta, eu odeio quem eu sou no momento, porque tudo que eu enxergo é fraqueza e carência, que de alguma forma, eu tenho a petulância de comparar isso com amor.

“Tudo bem, Isa, você pode escolher o que deseja me contar. Lembre-se que meu papel aqui é ouvir as contradições que existem dentro da sua cabeça.” Suas palavras são como punhais e desconfio se ela não tem um dispositivo secreto que consegue identificar exatamente o que se passa na minha cabeça. “Se preferir, podemos falar de coisas mais neutras que não exijam tanto de você, e quando você se sentir confortável em ser honesta comigo e consigo mesma, nós voltamos a falar sobre isso, tudo bem?” Pede com sua calma, que é uma peleja comparada a vontade desesperada de gritar que me assombra.

O decorrer da sessão foi calmo quando as questões atuais não eram a pauta principal.

Focamos em tópicos do passado, por exemplo, como estava sendo morar em um lugar novo e como estava lidando com essa sensação de liberdade.

Tirando as vezes em que, inevitavelmente, alguns tópicos conflitavam com as questões anteriores, eu me senti à vontade em ser honesta.

Estou retornando para minha loja, refletindo sobre tudo o que foi dito e não dito ao longo da consulta e decido fazer um trato comigo mesma.

Vou até a casa de Samuel e falar tudo o que está entalado na minha garganta.

Não posso mais viver dessa forma, com expectativa que o próximo

dia será diferente, comprometendo todo o avanço que tive para chegar até aqui.

“Álvaro?” Ligo para ele, mudando a rota da loja para o meu novo destino.

“Oi Isa, está tudo bem?” Pergunta preocupado.

“Está sim, eu só preciso que você feche a loja sozinho hoje para mim, pode ser?”

“Claro que pode, mas o mundo está acabando para você fazer isso, por acaso?” Ele faz graça, com a minha mania compulsória de sempre estar presente no fechamento da loja, mesmo confiando piamente em Álvaro para fazer isso.

“É só que eu tenho alguns assuntos para resolver.” Prefiro não entrar em grandes detalhes, mas isso não passa despercebido por meu amigo.

“Você está indo atrás dele, né?”

Este é um dos problemas em ter uma pessoa que te conhece tão bem no seu convívio social. Ela sempre vai captar as coisas nas entrelinhas antes mesmo que você fale algo.

“É a última vez, Álvaro, quero deixar as coisas esclarecidas de uma vez por todas.” Minha insegurança é palpável, mesmo através do telefone, deixando meu amigo ainda mais preocupado, obviamente.

“Você pode fazer o que sentir que deve, Isa, mas por favor, tome cuidado para não dar tudo de si, a ponto de não restar nada de você.” O silêncio na linha me deixa ainda mais receosa.

“Tudo bem.” Respondo em um sussurro. “Se precisar de algo, é só me ligar.” Ele concorda do outro lado e nós desligamos.

Respiro fundo e mantenho meus planos.

Vou dizer ao Samuel tudo que preciso falar e ele irá me ouvir.

Em casa, visto um conjunto de shorts e top floral, amarro o cabelo em um rabo de cavalo despojado e aplico uma maquiagem leve. Contando que uma boa aparência possa ajudar Samuel a ser mais receptivo a tudo o que eu tenho a dizer.

Sou mesmo uma idiota.

Todo este tempo cuidando da minha mente e a forma como eu me enxergo, para na primeira oportunidade recorrer aos velhos hábitos.

Minha cabeça está uma confusão. O conflito sobre fazer o que eu quero e o que eu devo está me desgastando, e eu já não sei mais diferenciar um do outro.

Meu telefone toca, e vejo um número desconhecido brilhando na tela. Isso me tira dos devaneios com um sobressalto.

“Alô?” Pergunto com o coração disparado, tendo um mal pressentimento.

“Você é a Isabela Oliveira, dona da papelaria Candy Color?” Uma voz masculina desconhecida questiona e isso já faz com que meus olhos fiquem úmidos com as lágrimas prestes a começar a cair livremente.

“Sim, sou eu.” Respondo com a voz trêmula.

“Meu nome é Paulo Afonso, sou cabo da polícia. Você poderia comparecer ao local, por favor? Ele acaba de sofrer um ato de vandalismo.”

“Meu Deus! Mas e o Álvaro?” Estou me movendo com velocidade, embora não consiga prestar atenção em nada, com os olhos embaçados das lágrimas que não param de cair.

“A ambulância já está a caminho.”

As palavras do desconhecido me deixam enjoada, mas seguro o desconforto e entro em meu carro para chegar rapidamente em minha loja.

O percurso que é para ser rápido, já que comprei meu apartamento tão próximo, justamente por este motivo, parece levar uma eternidade. Os carros

param na minha frente, impedindo que o fluxo de veículos siga normalmente e a cada parada, eu sinto um desespero maior. Por pouco, não deixo meu carro no lugar e sigo o restante do caminho andando.

Quando finalmente chego, avisto uma ambulância na porta e as lágrimas que já caíam involuntariamente, se transformam em soluços descontrolados.

“Eu sou a dona da loja.” Me identifico ao policial que faz vigilância na porta de entrada. “O que foi que aconteceu?”
“Isabela, por favor me acompanhe.” Diz me levando para o interior da Candy Color, que não se parece em nada com o lugar que eu construí.

Todas as bancadas de vidro estão estilhaçadas no chão, os cadernos e agendas rasgados e espalhados por toda a parte. Vejo marcas de tinta e cola formando uma gosma espessa no chão e um cheiro azedo no lugar. Mas uma marca profunda e inconfundível de sangue é que leva minhas mãos à boca, intensificando ainda mais minha agonia.

“Alguém que entrou na sua loja, viu o estado em que ela se encontrava e chamou a polícia. O seu funcionário estava desacordado no chão, a ambulância fez o primeiro atendimento e já está levando-o ao hospital.” Ele fala formalmente, com cautela.

“Meu Deus, eu preciso acompanhar o Álvaro, como ele está?” Nem consigo reconhecer minha voz, com a preocupação e desespero falando mais alto.

“Ele tem várias lesões, e vai precisar passar por uma série de exames, por isso está sendo levado com urgência pelos paramédicos. Tem alguém que você queira avisar do que aconteceu?” Vendo meu estado, ele pergunta solícito.

“Eu tenho que ligar para os pais dele, eu preciso ir ver como ele está.”

“Por favor senhora, ligue para os pais dele, e antes que você vá encontrá-los, eu preciso de um depoimento rápido seu para darmos início a investigação de quem fez isso. Depois disso, você estará liberada por hoje.”

Eu não sei como isso é possível, mas tudo me faz chorar ainda mais. A preocupação com meu melhor amigo, a agonia, a tristeza em ver o maior sonho da minha vida, arruinado.

Quem seria capaz de fazer algo assim?

Passo os próximos minutos tentando manter a calma. Ligo para os pais de Álvaro, que ficam tão consternados quanto eu mesma estou. Depois disso, ligo para Flávia, sabendo que preciso de um ombro amigo ao meu lado, para lidar com isso também.

Penso em ligar para o Samuel, mas o medo dele me ignorar em um momento em que já me sinto tão fragilizada, me faz mudar de ideia.

Longos minutos após minha chegada, e uma série de perguntas, as quais não consigo prestar atenção devido à preocupação com meu melhor amigo, eu só quero sair daqui e estar ao lado dele.

“Senhora Isabela, eu só preciso que você tente responder essas perguntas, para termos um ponto de partida, após essa conversa, você poderá ir ver seu funcionário.” O policial está fazendo o seu trabalho de forma profissional, mas eu não consigo pensar com clareza.

“Bela?” Escuto a voz de Samuel me chamar e o pouco da atenção que o policial estava conseguindo ter de mim, acaba naquele instante.

Viro-me para encontrá-lo e a preocupação em seu rosto me faz cair em um choro desesperado mais uma vez.

Corro até ele, e nos encontramos no meio do caminho.

Ele envolve seus braços ao meu redor, fazendo com que eu me sinta segura pela primeira vez em meses.

Aperto seu corpo junto ao meu, sem me importar com a distância que ele impôs entre nós nos últimos dias, apenas aceitando minha necessidade de ter ele cuidando de mim.

“O que aconteceu aqui, Bela?” Percebo que sua voz carrega

sofrimento também.

“Destruíram tudo, Samuel. Destruíram o meu sonho e, não satisfeitos, machucaram o Álvaro também.” O seu abraço se torna mais forte e ele beija o topo da minha cabeça, me consolando.

Um pigarro indiscreto nos traz de volta desse momento íntimo e vemos o policial Paulo Afonso me aguardando.

“Olá senhor, me chamo Samuel Lima, sou namorado da Isabela. Posso saber as informações que vocês possuem até o momento?” Samuel estica a mão para cumprimentar o policial.

Me sinto instantaneamente aliviada por vê-lo tomando as rédeas da situação e tirando-as das minhas costas.

“Me chamo Paulo Afonso, e sou o responsável que conduzirá o caso.” Respondendo ao cumprimento de Samuel, ele continua. “Não temos muitas pistas até o momento, porém sabemos que não foi um assalto, já que o dinheiro em caixa está intocado.” Ele se volta para mim, buscando mais uma vez por qualquer resposta que eu possa fornecer. “Isabela, tem alguém que você conheça que poderia fazer isso?”

Penso por um longo tempo, conseguindo refletir com um pouco de clareza, agora que não me sinto mais tão sozinha.

“Eu acho que não, não consigo pensar em ninguém que poderia ter feito isso...” O volume de minha voz vai baixando, conforme uma lembrança se mostra para mim.

Não pode ser, ninguém faria algo assim por tão pouco.

“Bela, qualquer coisa que você se lembre pode ajudar na investigação.” Samuel é a voz da razão, me incentivando a falar.

“Não quero acusar ninguém injustamente.” Respondo, sentindo o coração disparar exaltado novamente.

“Garanto que tudo será investigado com muita cautela e de forma sigilosa.”

Paulo me tranquiliza, falando profissionalmente.

“Faz um tempo que nós tivemos um cliente. Ele pediu meu telefone e eu neguei, pareceu inofensivo naquele momento, mas eu voltei a encontrá-lo outro dia na rua e ele insistiu, tendo uma negativa da minha parte mais uma vez. A última vez que ele esteve aqui, foi há algumas semanas e o Álvaro tomou a frente da situação pedindo que ele se retirasse. O nome dele era Douglas, essa é a única informação que nós temos e que usava uma aliança de casamento, provavelmente casado.” Termino de falar e os braços de Samuel me apertam, mostrando sua frustração.

“Não tem nenhuma câmera de segurança?” Samuel questiona com sua voz exasperada.

“O indivíduo que cometeu o vandalismo se certificou em quebrá-la para destruir as provas.” O policial responde, mas uma pequena luz de esperança surge em mim pela primeira vez.

“Nossa câmera de vigilância, envia simultaneamente as imagens para um servidor na nuvem. Portanto todas as imagens antes dele quebrá-la devem estar salvas.” Respondo eufórica. “Eu vou ligar para a empresa de vigilância e passar o contato do senhor.” O olhar de Paulo Afonso parece mais otimista e isso me faz sentir um pouco melhor.

Faço a ligação, deixando tudo nas mãos do policial responsável para que resolva por mim.

“Agora eu posso, por favor, ir ver meu amigo?” Imploro.

Ele me autoriza, enviando uma onda de alívio dentro de mim. Samuel passa suas informações a ele e pede que entre em contato assim que possível.

Após todas as recomendações, Samuel captura minha mão e me guia até o seu carro, levando-me ao hospital, para finalmente ver a situação de Álvaro. E a cada minuto em que me aproximo mais de finalmente vê-lo, o medo e a culpa por tê-lo deixado sozinho para sofrer tudo isso, faz com que

seja cada vez mais difícil respirar.

-Onze-

Saudade que aperta

Encontro com os pais de Álvaro na sala de espera e não consigo disfarçar a vergonha de ser a responsável pelo que aconteceu, especialmente se Douglas for o causador de tudo isso.

Eu que demonstrei interesse nele, em sua primeira visita na Candy Color e, na segunda vez, eu deveria ter tomado alguma providência, me precavido de alguma forma. Mas nunca pensei que ele poderia ser de fato um psicopata.

“Eu sinto muito, eu deveria ter estado lá com ele.” Choro ao encontrar Helena e Thiago, os pais de Álvaro.

“Não é sua culpa querida, se você estivesse lá também, Deus sabe o que poderia acontecer aos dois.” O carinho de Helena ao ver meu sentimento de culpa, me faz entender o porquê de meu amigo ser tão maravilhoso como ser humano.

“Existe um suspeito, Helena. A polícia está com acesso às imagens de vigilância, a pessoa responsável por isso vai arcar com as consequências.” Minha voz fica mais firme agora, com uma fúria que eu mesma não reconheço em mim.

“Vocês têm alguma novidade da situação de Álvaro?” Samuel se põe ao meu lado, mais uma vez me amparando.

“Ele não tem nenhum osso quebrado, graças a Deus, apenas uma luxação no ombro e sangramento no olho, devido ao rompimento de alguns vasos, mas que provavelmente não causarão sequelas permanentes. Encaminharam-no

para realizar uma tomografia agora, para eliminar a possibilidade de algum trauma.” Thiago responde, segurando a esposa em seus braços que, assim como eu, não consegue parar de chorar.

“Por favor, que não tenha acontecido nada mais grave.” Oro com as mãos no peito, apertando essa angústia que não cessará, enquanto não ver meu amigo bem.

Uma eternidade depois, recebemos notícias do estado de Álvaro, informando que sua tomografia está normal, mas que sua noite será monitorada, antes de ser liberado amanhã.

O alívio que me consome é tão grande, que nem percebo quando recebemos autorização para vê-lo.

“Nós podemos entrar com vocês?” Samuel pergunta educadamente. “É claro que sim, venha, Isa.” Helena, pega minha mão e, juntas, vamos até o quarto de Álvaro.

Não importa quanto tempo eu poderia ter para me preparar, eu nunca estaria pronta para ver o estado de meu melhor amigo.

Manchas que se mesclam entre o roxo e o verde cobrem todo o seu rosto, uma camada espessa de algum produto amarelado foi passado em cima dos ferimentos. Uma marca horrorosa envolve seu pescoço e me desespero em pensar no que mais poderia ter lhe acontecido.

Seus olhos nos avistam e um deles está injetado de sangue, com uma vermelhidão que reveste todo o globo ocular.

Me encolho no canto do quarto, observando de longe a interação dele com seus pais, incapaz de dizer qualquer coisa, com a culpa esmagando meu coração.

“Eu estou tão feio assim, que você não pode nem ficar perto de mim?” Apesar de todos os hematomas, toda a dor física que ele deve estar sentindo, Álvaro consegue brincar com a situação, como sempre.

“Álvaro, o que fizeram com você?” Me aproximo, pegando sua mão, trazendo-a gentilmente até meu rosto, enquanto minhas lágrimas caem livremente.

“Foi ele Isa, foi aquele Douglas.” A confirmação do que eu já desconfiava, me deixa consumida com uma mistura de sentimentos, entre tristeza, raiva e culpa.

“A culpa foi toda minha, eu não tomei nenhuma providência depois da última visita dele...” Começo a falar, mas ele me interrompe.

“Pare com isso! Não tinha como nós sabermos que ele era um psicopata.”

“Eu não deveria ter deixado você sozinho.”

“Isa, ele estava indo determinado a ver você.” Sua voz tem um resquício de pavor. “Eu não quero nem pensar no que ele poderia ter feito se você estivesse lá também.” Sem saber o que dizer, levo meus braços ao seu redor, cuidando para não tocar onde ele está machucado.

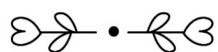
“Me desculpe, me desculpe...” Imploro incontáveis vezes, e apesar do seu estado, quem me consola é ele, dando-me o que eu preciso.

“Shhh, fique tranquila. A polícia vai encontrá-lo e nós nunca mais vamos precisar vê-lo de novo.” Álvaro retribui meu abraço e suas palavras me acalmam um pouco, juntamente com a certeza de que ele ficará bem.

Quando as enfermeiras vieram gentilmente nos convidar a ir embora, fui obrigada a me retirar.

Eu e Samuel ainda não trocamos nenhuma palavra sobre nossa relação, e apesar de querer entender como as coisas estão entre nós dois, o esgotamento emocional do dia cobrou seu preço e adormeci dentro do carro, a caminho de meu apartamento.

Tenho a impressão de ser carregada e colocada cautelosamente em minha cama, antes de cair em um sono profundo cheio de pesadelos.



O celular tocando na mesa de cabeceira me desperta com um susto e sinto meu coração quase sair do peito em desespero com a sensação déjà vu.

Acho que este cenário me traumatizou para o resto da vida.

Dessa vez é o Samuel que toma as rédeas da situação, pegando ele mesmo o celular.

“Pois não, aqui é o Samuel.” Atende com a voz firme. “Sim, estamos na casa dela.” Não consigo ouvir a pessoa do outro lado, mas imagino ser o policial Paulo Afonso. “Obrigado Paulo, estamos a caminho.” Encerra a ligação e vem até a mim com cuidado.

“Eles identificaram o cara Bela, vamos na delegacia dar um basta nessa história.” Concordo, ainda meio grogue.

Tomo um banho, me visto ligeiramente e saímos juntos até o carro de Samuel.

“Eu preciso buscar o meu carro no estacionamento da Candy Color.” Falo, observando as pessoas na rua através da janela do carro.

“Eu já trouxe ele para casa enquanto você dormia.”

“Ah, obrigada por isso.” Um silêncio constrangedor invade o espaço interno do veículo, repleto de palavras não ditas esperando o momento certo de serem colocadas para fora.

Quando chegamos na delegacia, precisamos aguardar vários minutos na sala de espera, até finalmente sermos atendidos.

“Olá Isabela, com você está?” O policial Paulo Afonso estende uma mão para me cumprimentar.

“Melhor, obrigada.” Me limito a dizer, desesperada para encerrar isso logo. “Nós assistimos as imagens e conseguimos identificar o infrator, ele se chama Douglas Almeida.” Fala, e fico na expectativa de saber o que irá acontecer. “Ele foi detido essa manhã e poderá pegar de um a cinco anos de prisão, por tentativa de homicídio ao seu funcionário Álvaro Diaz. Mas, antes disso, ele poderá responder em liberdade.”

“Como assim? Nós temos um vídeo dele quase matando o Álvaro, ele destruiu a minha loja.” Minha voz pacífica fica perdida em algum lugar, enquanto começo a chorar mais uma vez, indignada com a situação.

“Eu entendo a sua frustração, mas infelizmente são assim que as coisas funcionam.” As têmporas de Samuel estão franzidas, comprovando que não sou a única exasperada com as medidas legislativas.

“Mas o que garante que ele não irá persegui-la novamente? Ou machucar o Álvaro mais uma vez?” Ele fala pela primeira vez.

“Aconselho que vocês encontrem um advogado e solicitem uma medida protetiva de proibição de aproximação e contato.” Ele abre sua gaveta pegando nela um cartão. “Fico à disposição de vocês se precisarem.” Nos entrega seu contato e encerra a reunião, me deixando ainda cheia de dúvidas e receios.

Saio com passos largos daquele lugar, com a raiva e o medo tomando conta de mim de uma maneira tão intensa, que as lágrimas secam em meu rosto, tomado pela fúria.

“Eu não acredito que ele destruiu minha loja, quase matou meu melhor amigo e vai ficar no máximo cinco anos na cadeia, se tivermos sorte.” Entro no carro, batendo a porta nervosamente.

“Assim que chegarmos na sua casa eu vou entrar em contato com o advogado da Lima Construtora e nós vamos tomar todas as medidas protetivas contra ele. Vou solicitar que investiguem a vida desse desgraçado, deve haver mais

alguma coisa que possa incriminá-lo ainda mais e garantir que ele apodreça na prisão.” Diz, com a voz branda, deixando sua frase ainda mais ameaçadora, e eu gosto disso.

Faz parecer que ele se preocupa, que se importa.

“Você não precisa se envolver, Samuel, não é um problema seu.” Falar isso machuca em algum lugar dentro de mim, mas a mágoa por seu afastamento ainda é muito recente.

Eu nem sei se ele pretende ficar na minha vida para valer dessa vez.

“Se envolve você, é da minha conta, Bela.” Seus olhos penetram os meus, acalmando um pouco minha pulsação acelerada. “Eu te disse que te manteria segura, lembra?”

Então onde é que você estava quando eu precisei?

A pergunta paira no ar, evidenciando uma dor que formiga dentro de mim, mas mantenho minha boca fechada, com receio de afastá-lo mais uma vez com cobranças.

Vamos para minha casa em silêncio. Samuel mantém sua mão protetoramente em minha perna todo o caminho enquanto dirige e isso me conforta um pouco.

“Você quer descansar mais um pouco?” Samuel pergunta assim que chegamos.

Ele se senta ao meu lado no sofá, me observando com cautela.

“Não, eu não estou cansada fisicamente.” Respondo, com um sorriso casto.

“Então podemos conversar um pouquinho?” De alguma forma, suas palavras são capazes de me encher de expectativa e receio ao mesmo tempo.

Assinto calmamente, tentando disfarçar meus medos e inseguranças, apertando a almofada em meu colo.

“Ensaiei umas mil vezes tudo que quero te dizer, mas ficar aqui

olhando para você, me fez esquecer tudo.” Respira fundo antes de continuar. “A maneira como falei com o meu pai a última vez que o vi não sai da minha cabeça desde o momento que nós recebemos a notícia.” A agonia em seu tom de voz é palpável, me fazendo querer abraçá-lo. “Fico lembrando de novo, e de novo, da expressão dele na hora que o elevador se fechou e me odeio ainda mais, porque apesar de tudo o que disse, eu ainda não sei o que ele queria de mim.” Lágrimas brotam dos cantos de seus olhos e eu me aproximo, tentando confortá-lo. “Fico pensando que nunca vou conseguir tocar a empresa da forma como ele queria, que ele estará decepcionado comigo para sempre, sabendo que eu não sei lidar com meus problemas, dado a forma que o tratei naquela noite.” Meus braços o envolvem, tentando acalmar um pouco suas mágoas, mesmo que minhas próprias lágrimas não parem de cair.

Samuel não perde tempo e me aperta forte, trazendo-me para mais perto de si, enquanto chora em meu ombro, colocando para fora dias e dias de sofrimento acumulado.

“Agora cabe a mim ser o presidente da empresa, algo que eu quis durante toda a minha vida, mas não sei o que fazer. Tudo parece errado, como se não fosse a forma como ele faria.” Minhas mãos sobem e descem em suas costas, tentando trazer um pouco de conforto.

“Samuel, ele te conhecia melhor do que ninguém. Sempre soube que você faria um trabalho impecável assim que assumisse a Lima Construtora. A maneira como ele te olhou após o seu discurso, só existia orgulho e confiança.” A forma como Samuel olha fundo em meus olhos é tão intensa, que preciso engolir em seco, para conseguir continuar. “Ele podia ter uma maneira diferente de expor isso, sempre testando você, mas você mesmo me falou que algumas pessoas têm dificuldade de mostrar como se sentem. Porém, eu vi. Posso ser meio boba e avoada a maior parte do tempo, mas o

que vi nos olhos do seu pai no dia que o conheci, era pura admiração e confiança.” Observo-o vulnerável, com as lágrimas caindo por seu rosto, esperando que ele possa colocar toda a sua angústia para fora.

“E então eu me afastei, e não consigo acreditar que havia um maluco obcecado por você. Se ele te machucasse, eu nunca me perdoaria, Bela.”

Apesar do ressentimento e o abandono que passei ao longo desses últimos dias, me desespero com o seu sofrimento.

“Tudo bem, Samuel, você precisava de um tempo, até voltar a se sentir bem.” Digo, desviando o olhar, sabendo muito bem que não respeitei este espaço da forma que deveria.

“Não, Bela, é totalmente o contrário disso.” Minha expressão confusa, o faz dar um pequeno sorriso sem humor. “Você só me faz bem. O tempo todo, basta eu colocar meus olhos em você e já me sinto bem, esse é o tipo de poder que você tem sobre mim. Mas eu não quero ficar bem, não mereço, não depois da forma como agi com o meu pai, e agora com você.” Suas palavras aquecem meu coração tão profundamente, que não resisto ao desejo de abraçá-lo forte mais uma vez, misturando as sensações entre o alívio e tristeza pela maneira como ele se sente. “Me desculpa, por favor. Deixa eu compensar você pelo tempo que me mantive longe, deixa eu te proteger de verdade, como eu deveria ter feito a partir do momento que você entrou na minha vida.” Sua voz está esganiçada, provando um pouco da sua agonia.

Faço apenas um leve maneio de cabeça, deixando que a chama dentro dos meus olhos, se encarregue de mostrar a ele que estou do seu lado, que o entendo e perdoo, nunca houve a possibilidade de ser de outra maneira.

Sua mão acaricia suavemente meus cabelos, descendo lentamente sobre meu braço e o contato de seu toque em minha pele, causa um arrepio por todo meu corpo.

Seu movimento continua explorando, como se contasse uma história,

uma história cheia de saudade, de pesar, que tenta me explicar que não teve um dia em que não se perdeu na vontade de correr até mim, tirando-me do eixo, sendo um espelho exato da maneira como me sinto.

“Samuel.” Gemo em protesto, com a voz irreconhecível em meio ao desespero de saciar a prostração.

“Eu estava tentando me punir, Bela, me colocando longe de você por tanto tempo.” Suas palavras alcançam um lugar de sofrimento dentro de mim. “Sou um idiota.” A mesma mão que explorava meu corpo, alcança a minha nuca, trazendo-me para junto de si. “Jamais conseguiria permanecer tanto tempo longe disso.” Sua língua faz o contorno dos meus lábios e me remexo inquieta dentro do seu controle. “Não conseguiria replicar na minha imaginação, nada nem perto do seu cheiro.” A ponta do seu nariz percorrendo minha cerviz, causando ainda mais frenesi em mim.

“Você não precisa mais ficar longe agora, eu estou aqui.” Tento manter minha voz mais firme possível, dado a mistura de sensações que estou experimentando no momento.

Sem tirar seus olhos de mim, ele remove minhas roupas do caminho e encontra meu ventre, me arrancando um suspiro. Tento trazê-lo para perto de mim, mas ele mantém uma pequena distância, apenas o necessário para se embeber na visão de me ter entregue a ele.

Seus movimentos continuam a me castigar, me envolvendo em uma névoa desconexa, cheia de excitação e agonia.

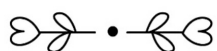
Grito seu nome, fechando meus olhos, desesperada em encontrar alívio, mas ainda conseguindo sentir seus olhos cravados em mim, como se ele estivesse assistindo seu programa de TV favorito.

Quando chego ao ápice do prazer, e as palavras que saem de meus lábios são desconexas, ele se aproxima, levando seus lábios aos meus. Nossas línguas se tocam e finalmente sinto o alívio de que as coisas voltaram a sua

órbita.

Nossas bocas não se cansam de roçar uma na outra, enquanto Samuel remove suas peças de roupa, com seu corpo tão próximo ao meu quanto se julga fisicamente possível.

Ele tira do bolso um preservativo e aquela ansiedade finalmente é preenchida em meu interior, sentindo-o mostrar dentro de mim o quanto sentiu minha falta, que não tem a intenção de se afastar de mim novamente, que precisa disso que nós temos. E a cada nova investida eu concordo com todas as suas palavras não ditas.



Estou quase dormindo, com seus braços ao meu redor, fazendo um carinho suave em meu ombro, após nossa entrega cheia de intensidade.

“Eu amo você, Bela.” Fecho meus olhos, absorvendo o efeito que essa frase carrega, o valor que a reciprocidade desse sentimento tem em minha vida.

Respiro fundo em meio a sonolência, antes de respondê-lo, com o maior sorriso do mundo no rosto.

“Eu também amo você, Samuel.”

-Doze-

Duas partes inteiras

Após meu retorno oficial com Samuel, as coisas seguiram para um caminho mais seguro.

Álvaro ainda está se recuperando do acontecido, mas já se sente muito melhor.

Nós formamos um grupo entre mim, ele, Samuel e Flávia, que tem sido uma novidade maravilhosa.

Samuel está assumindo a direção da Lima Construtora, e apesar de sua mãe e irmã constantemente o tranquilizarem de que confiam nele para administrar tudo da maneira que julgue correto, vejo-o ainda sofrer com a insegurança.

Ao menos desta vez, eu sou a primeira pessoa a quem ele recorre quando precisa de conforto e eu estou sempre disponível, de braços abertos no momento em que ele me chama.

Minha loja está fechada, em um período de reforma.

Graças a Deus, eu segui o conselho da minha contadora, ainda no início, quando estava começando a Candy Color, de fechar com uma seguradora, porque se tivesse que esperar pela indenização que Douglas precisa me pagar, devido a todos os danos causados e dependendo da justiça, eu estaria chorando em posição fetal no meu quarto agora mesmo.

Minhas sessões de terapia têm sido cada vez mais produtivas, agora que não sinto necessidade de esconder nada da dra. Silvana. Não que houvesse essa necessidade antes, mas de acordo com as suas próprias

palavras, eu posso parar de exigir coisas de mim mesma agora que alcancei uma pequena consciência sobre meus atos, e não devo me sentir constrangida de ter recaídas.

Bom, estamos trabalhando nisso.

“Eu odeio que eu só gosto de mim, quando outra pessoa também gosta.” Confesso cabisbaixa no meio da consulta.

“Pode me dar um exemplo do que te desagrada?” Pergunta, me observando com cautela.

“Nem sei por onde começar.” Digo, respirando fundo.

Antes de continuar, observo-a fazendo um novo registro em seu *tablet* e minha cabeça divaga, imaginando o que encontraria em meio as suas anotações.

“São algumas coisas físicas, por exemplo, quando estou com Samuel, me acho linda. A forma como me olha faz com que me sinta dessa forma. Não me importo com meu cabelo indefinido, nem em esconder este sinal em minha bochecha.” Aponto a pequena marca de nascença com as mãos. “Às vezes são alguns traços de personalidade. Eu me sinto fraca.” Minha voz perde a força, ficando cada vez mais baixa, e percebo que dra. Silvana se aproxima um pouco para poder me escutar melhor. “Quando estou com ele, isso nem passa pela minha cabeça, acho que é por isso que é tão bom tê-lo comigo. A carga fica mais leve.” O silêncio que se instala me deixa desconfortável, me fazendo pensar se é proposital.

“Isa, vamos fazer um rápido exercício, pode ser?”

Assinto intrigada com onde isso irá nos levar.

“Se você precisasse fazer uma lista, o que diria que está completamente diferente na sua vida, desde que decidiu procurar ajuda profissional?” Olho para ela surpresa, enquanto faço uma autoanálise.

“Eu vendi a casa de minha avó.” Respondo a primeira coisa que vem a minha

mente.

“Muito bem. Mais alguma coisa que se recorda?” Incentiva mais uma vez.

“Iniciei um projeto social na casa de repouso Raio de Sol.” Um calorzinho gostoso no meu peito se manifesta, apenas de falar sobre isso.

“Talvez seja uma boa ideia olhar para essas coisas quando você se sentir fragilizada novamente. Procurar os pontos em que está dedicando suas forças.”

Cada uma de suas palavras ficam martelando sem parar dentro de mim, ecoando para vários lugares.

“Você está encontrando, a cada dia que passa, a sua força. E isso não torna as suas lutas mais fáceis, nunca será fácil, mas elas farão com que você não duvide mais que é capaz.”

Encerramos a sessão, mas fico com suas palavras fixas em minha mente o resto do dia.

Vou para casa, e tento focar em qualquer coisa ao meu redor.

Não poder retornar para minha loja é como um martírio para mim e o ócio é um perigo para quem não tem o hábito de semear pensamentos muito saudáveis,

Tento assistir a um filme, mas na metade dele, percebo que eu não faço a menor ideia do que se trata, de tanto que minha mente viaja no processo até ali.

Faço uma limpa em meu closet, tirando várias peças para doação, disposta a aderir uma política de consumo mais consciente.

Mesmo após tudo isso, ainda há muito tempo disponível antes de ir para a casa de repouso no final do dia, então decido preparar um bolo do caderno de receitas de minha avó, e dividi-lo para dar um pedaço ao Álvaro, Flávia e outro ao Samuel.

Levo meu tempo, fazendo uma verdadeira bagunça em minha

cozinha. Misturando a farinha e os ovos, deixando meus pensamentos irem para qualquer lugar com total liberdade, algo que eu sempre tento evitar.

Por incrível que pareça, minha linha de pensamentos passou por muitos lugares saudáveis, sem considerar as pessoas ao meu redor, apenas eu mesma.

Como a ideia de um projeto de angariação de fundos para uma reforma na Raio de Sol, que está limitada ao número de pacientes, devido à escassez de espaço.

Penso também na vontade de conhecer outros lugares do mundo.

Nunca saí de Porto Belo. Viajei apenas para cidades próximas e para o estado vizinho em uma excursão do ensino médio.

Decido conversar com Samuel sobre a possibilidade. Claro que agora que ele assumiu a presidência da empresa fica bem mais difícil, e quando a Candy Color voltar a funcionar precisarei ajustar tudo e garantir a segurança de Álvaro, que apesar do ocorrido, mesmo após meu extenso questionário, garantiu que não pretende parar de trabalhar comigo.

Desenformo o bolo, acrescento a generosa calda de chocolate, o divido em três partes, colocando cada uma em um refratário diferente. Acrescento um recado de agradecimento em cada um e deixo a cozinha organizada, antes de me arrumar e ir em direção aos meus destinos.

O bolo de Flávia fica em meu apartamento para entregar depois, já que sei que neste horário ela está na universidade.

Passo rapidamente na casa de Álvaro, interrompendo seu sono da tarde. Me sinto culpada, e deixo o bolo em seu quarto, dando um beijo em seu rosto, recomendando que ele volte a dormir, antes de me retirar rapidamente dali.

Após concluir o itinerário, dirijo em direção a empresa da família de Samuel, torcendo para não atrapalhá-lo em seu trabalho.

Me sinto nervosa, como se estivesse fazendo algo errado, enquanto espero a recepcionista avisá-lo da minha presença.

Poucos minutos depois, ela me encaminha com simpatia para a sala de onde vi Samuel sair na primeira vez que estive aqui.

No dia em que nos reencontramos.

A recepcionista nos deixa sozinhos e seus olhos me fitam com tanto calor, que aperto o recipiente em minha mão, sem saber muito bem o que fazer, agora que estou realmente aqui.

“Trouxe um bolo.” Falo pateticamente para quebrar o silêncio.

Samuel se limita a sorrir, levantando-se de sua mesa ampla, de cor acinzentada, que contrasta perfeitamente com a decoração moderna que o edifício todo ostenta.

Ele vai para frente da bancada, recostando-se sobre ela, conservando seu sorriso torto, que me deixa apreensiva em antecipação.

“Vem aqui, Bela.” Sua voz reverbera por toda a sala, fazendo os pelos de meus braços eriçarem.

Caminho em sua direção devagar, observando-o atentamente ao me aproximar.

“Eu espero não estar atrapalhando você.” Minha voz está cada vez mais trêmula, conforme chego mais perto.

“Já que você me trouxe um bolo, eu posso ceder alguns minutos na minha agenda antes da minha próxima reunião.” Seu sorriso contido se torna mais amplo, transformando minha insegurança em excitação.

Seus lábios tocam os meus, e aproveito o contato para soltar a vasilha em minha mão na lateral da mesa e largar o peso do meu corpo sobre o dele.

Suas mãos apertam meus quadris, pressionando sua pelve a mim, demonstrando o quanto está feliz em me ter ali.

O beijo se aquece, ficando mais árduo, fazendo o coração em meu

peito sacolejar, como sempre faz com a menção de seu toque.

Ele desce um pouco, explorando meu pescoço e ombros, tirando minha blusa fina do caminho e desabotoando minha saia para fazer o mesmo com ela.

“Hum.” Ele geme, removendo minha calcinha. “Você trouxe o bolo na hora perfeita.” Sinto que ele não está se referindo ao bolo de chocolate.

Samuel me apoia sentada na bancada, completamente nua, e passa um longo período apenas me observando, como se ele precisasse capturar aquela imagem. Sem um pinga de constrangimento abro um pouco mais as minhas pernas, entregando-me a ele.

Seu olhar se aquece ainda mais, aproximando-se da curvatura dos meus seios, onde ele lambe e desce até encontrar minha intimidade. Seus movimentos são precisos por um longo período, me levando até o limite diversas vezes, apenas para trocar a boca por seus dedos. Meus protestos são ignorados e ele persiste em sua doce tortura, tomando de mim tudo que eu estou disposta lhe dar.

Estou no ápice do prazer mais uma vez, quando o telefone em seu escritório me traz de volta a realidade. Tento sair dali, mas Samuel me segura no lugar, com sua mão cuidando de mim e impedindo que a excitação vá embora.

Ele alcança o telefone e escuto-o murmurar algo para a secretária.

“Sim Vanessa, peça para esperarem, por favor, não vou demorar aqui.” Suas últimas palavras são com os olhos voltados para mim, me roubando um sorriso travesso, deixando-me ainda mais em êxtase em saber que minha satisfação é prioridade na lista importante de afazeres dele.

Finalmente, ele desce até meu centro mais uma vez, tecendo seu objetivo, fazendo-me inquieta ao sussurrar o grito contido na garganta, para não passar por nenhum constrangimento mais tarde.

Ele absorve cada um dos meus espasmos, apreciando hipnotizado meu rosto corado e cabelo fora do lugar.

Um período em que tento normalizar minha respiração se passa, quando ele se acomoda na minha frente, ajudando-me a vestir minhas roupas, e dando um beijo delicado em meu rosto, após cada peça recém colocada no lugar, tornando tudo muito especial, como sempre.

“Obrigado pela visita, Bela.” Diz abraçando-me, quando já estou recomposta.

“Estou atrasando você.” Envolver meus braços em seu pescoço, sem realmente me sentir culpada por isso.

Não após a forma como fui recebida.

“Acho que valeu a pena.” Ele diz, beijando a ponta do meu nariz.

“Eu tenho que ir. Hoje vou passar a noite na Raio de Sol.” Me despeço, sem a menor vontade de me desprender daquele abraço.

“Posso buscar você amanhã de manhã, antes de vir para o trabalho?”

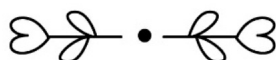
Pergunta, fazendo meu coração bater mais forte com o gesto.

“Claro que sim, eu vou de táxi para te esperar amanhã.” Dou um último beijo de despedida, antes de ir até a porta.

“Eu amo você.” Ouço-o dizer, assim que abro a porta.

Me viro, com o maior sorriso do mundo e os olhos brilhando de alegria.

“E eu amo você.” Respondo, jogando um beijo no ar, antes de seguir para o saguão de entrada e ir embora, sentindo que as coisas estão exatamente onde deveriam estar.



Mais tarde, quando chego na casa de repouso, vou correndo procurar por Ana para lhe contar sobre a minha ideia de fazer um evento beneficente, com o intuito de expandir a Raio de Sol.

“Pensei em conversar com a prefeitura e pedir que eles autorizem fazer o evento em algum local externo.” Falo tudo tão rapidamente que preciso parar e tomar uma respiração profunda antes de continuar. “Posso fazer alguns banners de divulgação, para pedir ajuda de bandas locais, então o evento será puro entretenimento para quem for assistir, mas, no local, podemos implementar várias tendas em prol da casa. Como comida, rifas solidárias, os artesanatos que eles produzem, imagina como seria incrível.” Vejo minha animação contagiando Ana a cada nova sugestão.

“É perfeito, Isa! Além disso, nós podemos aproveitar a professora de culinária, para pedir que eles produzam algum doce que possamos comercializar no dia.” Diz, comprando de vez a minha ideia. “Eu preciso conversar com a Maria, mas duvido que ela se oponha.”

Maria é a atual responsável pela Raio de Sol. Encontrei com ela pouquíssimas vezes ao longo da minha permanência na casa, mas ela se mostrou uma pessoa extremamente educada, que acredita genuinamente em seu projeto.

“Você pode preparar alguns dos banners que mencionou para chegar até ela com algo mais concreto?” Dou-lhe um largo sorriso antes de responder.

“Eu meio que já deixei boa parte pronto. Amanhã de manhã quando chegar em casa encaminho tudo a você.” Começo a me movimentar e colocar meus pertences em um grande balcão na recepção, antes de iniciar minhas funções. “Você não existe, Isa.” Ana me pega de surpresa, puxando-me para um abraço agradecido.

“Eu tenho a impressão de que só agora eu estou existindo de verdade, Ana.”
Respondo, retribuindo seu abraço.

Apesar de amar muito meu trabalho na casa de repouso, algumas noites são particularmente mais difíceis do que outras.

Hoje foi uma delas.

Jandira, uma das moradoras da Raio de Sol se sentiu nauseada ao longo do dia todo e estou de prontidão velando seu sono.

Eram três da manhã, na primeira vez que ela acordou suando em febre e a ajudei a se levantar e ir até o banheiro, onde ela colocou todo o seu jantar para fora.

Chamei apressadamente Cíntia, a enfermeira que aferiu sua temperatura, pressão e deu-lhe um medicamento para atenuar a febre.

“Aparentemente é só uma virose, mas a médica virá na parte da manhã para examiná-la e passar instruções.” Assinto, preocupada, antes de observá-la sair do quarto.

“Será que não é melhor levarmos ela ao hospital agora mesmo?” Pergunto aflita.

“Ela vai chegar em poucas horas, não vai mudar muita coisa.” Responde, tocando meu braço carinhosamente, tentando me tranquilizar.

Depois disso, se tornou muito difícil ficar calma.

Permaneci o restante da noite ao lado dela, sempre checando a sua temperatura, ou se sentia frio. A preocupação era tanta que em algum momento, era a própria Jandira quem estava me consolando.

“Não se preocupe, Isa, essa não é a primeira vez que eu pego uma virose.” Fala, fazendo pouco caso de sua situação.

“Bom, eu vou parar de me preocupar na hora que a médica me confirmar isso.” Respondo nervosa, fazendo com que ela segure minha mão para abrandar minha inquietação.

“Isa, tem um rapaz aqui querendo falar com você.” Viro-me para a porta e vejo Samuel parado, ao lado de Cíntia e percebo que já é de manhã.

Corro em sua direção e jogo meus braços ao redor de sua cintura, repousando meu rosto em seu peito, sentindo um alívio momentâneo.

“Ei, está tudo bem? Você não atendeu no celular e eu fiquei preocupado.” Sinto-o dar um beijo tranquilizador no topo da minha cabeça.

“Desculpa, é que a Jandira não passou muito bem essa noite e fiquei ao lado dela.” Explico, virando-me para trás e vendo-a nos observar com um sorriso travesso, apesar da palidez causada pela noite atribulada.

“Tem algo que eu possa fazer para ajudar?” Pergunta solícito.

“Uma médica deve chegar em poucas horas para examiná-la.” Nego com a cabeça, mostrando em meus olhos toda a minha gratidão. “Mas eu vou ficar aqui e esperar por ela, pode ir para o seu trabalho, que depois eu chamo um táxi para me deixar em casa.” Deposito um beijinho em seus lábios, grata por tê-lo visto ao menos um pouquinho, para acalmar a minha aflição.

“Eu posso ficar e esperar com você?” Questiona, me pegando de surpresa.

“Pode ficar se quiser, mas não quero atrapalhar no seu trabalho.” Explico prontamente.

“Essa manhã vai ser tranquilo por lá, posso ficar aqui com você.” Pisco algumas vezes, absorvendo suas palavras. “Agora me apresente essa senhora simpática que não para de me encarar.” Ele liga minha mão a sua e me leva em direção à cama, onde Jandira repousa tranquilamente.

“Então você é o jovem que escondeu as asas do nosso passarinho?” Ela pergunta no momento que estamos próximos o bastante para se fazer entender.

Vejo os olhos de Samuel se entristecerem e faço uma expressão repreensiva para ela.

“Eu não vou magoá-la de novo.” Fala seriamente, voltando-se para

mim, apesar de responder a um questionamento de Jandira.

“Vocês vão magoar um ao outro sim, faz parte de estar em um relacionamento.” Garante, fazendo nossa atenção se voltar para ela. “Desde que essa não seja a intenção, é claro, não há nada que uma boa dose de perdão e diálogo não possam resolver. Só não esqueçam que vocês são inteiros.” Trocamos olhares confusos, antes de um sorriso pálido se formar em seus lábios ressecados. “Vocês não se completam, porque não podem ser duas metades. Precisam ser inteiros, para apenas querer um na vida do outro, e não necessitar.” Me sinto particularmente atingida por suas considerações.

Samuel me abraça e sorri para Jandira amavelmente.

“Espero que nós possamos recorrer aos seus conselhos nos momentos de crise.” Uma gargalhada rouca escapa de sua garganta.

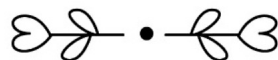
“Mas é claro, para onde mais eu iria?” Pergunta, tocando minha mão com toda a sua gentileza.

A conversa se torna bem mais descontraída após seus ensinamentos, apesar deles permanecerem fortemente na minha cabeça durante o resto do dia.

Aguardamos a médica, que confirmou, de fato, ser uma virose.

Após garantir que todas as recomendações foram repassadas e compreendidas para o responsável pelo turno do dia, me despeço de todos, e com Samuel ao meu lado, volto para o meu apartamento.

Ele se despede, me garantindo que volta para ficar comigo após o trabalho, e o restante do dia se passa como um borrão, meu corpo pagando o preço pela exaustão da noite anterior.



No início da minha terapia, dra. Silvana me recomendou criar uma lista de coisas à fazer.

Lembro-me de ter lhe questionado se eram coisas para completar antes dos trinta anos, e ela apenas me disse que não. Falou que eram coisas para fazer enquanto houver vida.

Na época eu encarei isso de uma forma altamente filosófica, como se o dia de amanhã fosse incerto demais, ou algo assim. Mas aqui, deitada em uma montanha de almofadas no chão do quarto de Álvaro, com Samuel e Flávia ao meu lado, faz com que eu entenda melhor o quanto as coisas podem ser simples.

Uma lista cheia de metas, significa que elas existem.

Não interessa que alguns desses itens inseridos se tornem obsoletos de tanto tempo sem ser uma prioridade, porque o mais importante de tudo, é a intenção.

Ter uma lista, demonstra que existe uma vida disposta a cumpri-la. O acontecimento dos itens em si, é apenas uma consequência, porque o dono da lista permitiu que isso acontecesse, ele se permitiu viver enquanto estava vivo.

Fazer novos amigos, amigos reais, que me estimam da mesma maneira que eu a eles, estava no topo dessa minha lista, e agora eu estou aqui, dando um ‘*check*’ imaginário, neste item.

Uma pipoca voa em minha direção, trazendo-me da profundidade dos meus pensamento para a realidade.

“Sua vez de responder.” Grita Álvaro, que está dividindo sua cama e um balde de pipoca com Flávia, enquanto Samuel está sentado atrás de mim, com seus braços ao meu redor, em cima das almofadas que recolhemos para

fazer uma cama improvisada.

“Qual é a pergunta? Minha cabeça estava em outro lugar.” Esclareço envergonhada.

“Você prefere falar tudo o que pensa o tempo todo, ou nunca mais falar?”

Flávia repete sua situação hipotética para que eu possa responder.

“Falar tudo o que penso.” Respondo sem pensar por muito tempo.

“Que já é basicamente o que você faz sempre.” Meu melhor amigo se apressa em ressaltar, recebendo um travesseiro no rosto, com a minha indignação fingida.

“Vai Isa! Agora é você.” Álvaro tira o foco dele mesmo em meio as risadas.

“Deixa eu pensar.” Reflito por alguns segundos antes de perguntar. “Vocês preferem que o primeiro encontro com o amor da sua vida seja um completo desastre, ou ter vários primeiros encontros perfeitos com pessoas aleatórias?” Zombo dele, me referindo ao seu encontro com Cauê, ao qual vivo insistindo para que ele dê uma segunda chance.

“É difícil fazer alguma coisa dar certo depois de um encontro ruim né, Sam?” Sou pega de surpresa com uma resposta inesperada de Flávia, que tira minha atenção de Álvaro.

“Como assim?” Pergunto a ela, que de repente parece sem graça com o que falou.

Me sinto desconfortável com seu comentário e busco o olhar de Samuel para entender.

“Não é nada, Isa, é que eu já tive muitos encontros péssimos, então prefiro vários encontros maravilhosos com pessoas aleatórias, parece um sonho se tornando realidade para mim.” Ela olha para o Álvaro, esperando para ouvir sua resposta.

“Eu nem vou me dar ao trabalho de te responder isso, Isa.” Fala, mal humorado, fazendo todos rirem. “E você, Sam?”

“Eu não preciso pensar muito para responder essa, porque o primeiro encontro com o amor da minha vida foi perfeito.” Ele me abraça forte, trazendo meu rosto para roubar um beijo inesperado, deixando minhas bochechas em chamas.

“Buh!” Vaiam nossos amigos em coro. “Arrumem um quarto.” Somos interrompidos por uma chuva de pipoca, fazendo-nos gargalhar.

“Seus invejosos.” Brinco, apanhando as pipocas que caíram em meu colo e colocando-as na boca.

“Minha vez.” Diz Samuel. “Preferem comer a mesma comida pelo resto da vida, ou nunca mais comer a sua comida favorita?”

Uma discussão acalorada se inicia após sua pergunta polêmica e eu interajo com eles da melhor forma que posso, mas por alguma razão, o que a Flávia falou não deixa meus pensamentos nem por um minuto.

-Treze-

Reação em cadeia

Faz um tempo que eu não sei mais o que é estar sozinha.

Minha vida está tão plenamente preenchida com “altos”, que eu não sei se eu serei capaz de lidar com “baixos” quando eles vierem.

E eles sempre vêm.

Eu tento ficar neutra, canalizar meus pensamentos e refletir sobre meus gestos, mas dias como o de hoje, por exemplo, tornam tudo isso extremamente desafiador.

Neste momento, estou sentada na bancada gigantesca na cozinha da casa de Samuel, balançando as pernas no ar, apreciando uma taça de vinho tinto, enquanto ele estica com um rolo de massa as pizzas que está preparando e entrarão no forno daqui a pouco.

Ele veste uma calça de moletom cinza e uma camiseta branca. Com os pés descalços e uma toalha de louça sobre os ombros, fica difícil segurar a risada, enquanto aprecio o momento.

Samuel transforma qualquer momento simples em uma grande experiência.

Ele vem me dizendo a semana inteira que iria preparar o jantar do final de semana para nós, e quando cheguei aqui mais cedo, percebi que ele não estava brincando.

O *mise en place* já estava todo arrumado sobre o balcão, algumas massas estavam envolvidas em plástico, passando por um processo de fermentação, e eu logo me senti extremamente impressionada e mimada com todo o empenho dele.

Quando me ofereci para ajudá-lo, ele negou veementemente, pegando-me no colo, sentando-me sobre a bancada, me servindo uma taça de vinho e dando um beijo demorado, cheio de desejo, antes de se afastar e retornar aos afazeres.

Precisei de um tempo para normalizar a respiração e interagir com o diálogo tranquilo que emendamos a partir dali.

“Você nunca esteve em um relacionamento sério antes de mim?”
Questiono curiosa, já que Samuel sempre soube absolutamente tudo sobre mim, mas nunca falamos sobre as relações dele.

“Eu namorei uma vez, mas durou pouco menos de um ano.” Responde, sem interromper suas tarefas.

“Por que terminaram?” Ignoro a pontinha de ciúmes que surge sem que eu possa evitar.

“Ela se mudou, queria que eu fosse junto, eu não pude ir por causa da empresa. Tentamos manter as coisas à distância, mas como eu não tinha o objetivo de ir até onde ela estava, nem ela o objetivo de voltar para cá, percebemos que não havia futuro nenhum na relação e decidimos terminar.” Suas palavras são sucintas e moderadas, como se ele estivesse me passando a receita da pizza e não falando sobre um relacionamento que durou quase um ano.

“Você acha que ainda estariam juntos se ela não tivesse ido embora?” Meu coração dispara forte no peito, com receio de sua resposta.

Para minha tortura, ele pensa um pouco, enquanto coloca duas formas de pizzas, já recheadas, dentro do forno, e programa o tempo que elas devem permanecer assando.

“Acho difícil.” Responde, finalmente, virando-se para mim.

“Por que?”

A curiosidade matou o gato, lembra, Isabela? Uma voz interior me

repreende.

“Eu vou parecer um babaca falando isso.” Diz, com um sorriso refreado. “Mas quando eu coloquei meus olhos em você, lá naquele bar, eu precisava falar com você e ouvir o som da sua voz. Não acho que seria diferente se eu estivesse em um relacionamento, e eu nunca estaria com alguém, com a cabeça em outra pessoa.” Ele se aproxima de mim, deixando-me aérea.

“Depois dela você não esteve com mais ninguém?” Falo em um sussurro.

Seus lábios se esticam em uma risada irônica, mas disfarça quando percebe que me incomoda.

“Eu fiquei com algumas pessoas, Bela, mas não era nada sério. Eu não estava fechado para um relacionamento, só não me sentia conectado com ninguém que passou pela minha vida.” Ele está bem próximo a mim agora, com as mãos de cada lado de meus quadris, apoiando-se na bancada.

“Até que eu apareci.” Brinco divertida.

“Isso mesmo, até que você apareceu.” Diz, trazendo seus lábios para perto dos meus, e tocando-os.

O sabor do vinho deixa o beijo mais denso, fazendo meu corpo responder àquele movimento. Envolver minhas pernas ao seu redor, e passo minhas mãos sobre seus braços, incentivando-o a ir além.

Uma campainha discreta soa na cozinha, tirando-nos abruptamente do estado de euforia.

Samuel se afasta um pouco, me olhando com seu sorriso safado, que mexe diretamente com o meu interior.

“Acho que a pizza está pronta.” Verbalizo o óbvio, antes dele se afastar para servir nosso jantar.

A mesa posta que Samuel preparou é de tirar o fôlego. Uma toalha branca com relevo discreto de arabescos está estendida sobre a mesa de

jantar. A louça preta contrasta perfeitamente com o restante da decoração.

Ele serve o vinho nas taças que estão simetricamente alinhadas na lateral direita de nossos pratos que já estão abastecidos com uma fatia de pizza fresquinha.

O cheiro é tão bom, que eu mal espero ele sentar em seu lugar para colocar um pedaço na boca.

“Hum! Essa é a melhor pizza que eu já comi em toda a minha vida.” Exclamo, fechando os olhos, para conseguir apreciar este momento da forma como ele merece.

Quando eu enfim abro meus olhos, vejo-o levando a taça a boca, porém, sua atenção está completamente voltada para mim, com um fervor que me deixa afetada.

“O que foi?” Pergunto sem graça.

“Você é linda.” Diz, sem parar de me fitar.

“Você também é.” Respondo automaticamente, arrancando uma gargalhada por parte dele.

“Bom, muito obrigado, então.”

Com um clima leve e agradável, fazemos nossa refeição falando sobre meus planos para quando a Candy Color voltar a abrir.

Ele me contou, com os olhos brilhando, sobre a experiência de estar administrando tudo, mostrando cada vez mais sua confiança em si mesmo, diante da empresa que é sua responsabilidade.

Contei a ele sobre minha ideia de conhecer novos lugares e ele, obviamente, me incentivou e se empolgou com a ideia.

Estava tudo realmente perfeito.

“Eu não quero atrapalhar o clima da nossa noite, mas tem uma coisa que eu preciso conversar com você, Bela.”

Estamos colocando os pratos na lavadora e meu coração perde uma

batida, com o nervosismo que me assola de imediato.

“O que aconteceu?” Questiono, virando-me para poder vê-lo enquanto me responde.

“O meu advogado me trouxe informações sobre o processo do Douglas.”

Apenas a menção daquele nome é capaz de me fazer congelar. “Parece que a prisão dele fez com que a sua esposa tivesse coragem de denunciá-lo.” Sua voz é cautelosa e suas mãos fazem um carinho reconfortante em meus braços.

“Denunciá-lo pelo quê?”

“Parece que ela vem sofrendo agressões dele faz alguns anos, mas nunca teve coragem de ir até a polícia, porque ele ameaçava os filhos deles.” Levo minha mão até a boca e começo a chorar.

“Meu Deus! Como pode existir uma pessoa tão horrorosa no mundo?”

Samuel me abraça, enquanto fico horrorizada em pensar no quão mais desastrosas as coisas poderiam ter sido, se não houvesse uma câmera para conceder provas contra ele.

“Ei, pensa que ao menos aconteceu uma coisa boa no meio de tudo isso. Uma mulher tomou coragem em denunciar um covarde, e isso ajudará para que ele fique na prisão por mais tempo.” Assinto com a cabeça, desejando que essa mulher seja capaz de construir uma vida melhor, agora que está longe daquele monstro.

Mais tarde, na mesma noite, o assunto pesado fica para trás, e juntos, nós terminamos de organizar toda a cozinha e mesa de jantar.

“Onde é que os pensamentos dessa cabecinha linda estão, hein?” Sua pergunta traz minha consciência de volta para o aqui e agora com um sorriso.

“Eu estava aqui pensando na reinauguração da Candy Color.” Falo pensativa.

“Eu preciso fazer algo diferente para atrair gente nova. Então pensei em preparar um *workshop* de *lettering*.”

“E o que é isso?” Sua expressão confusa me faz gargalhar.

“É uma técnica de desenhar letras de forma artística. Você precisa ver os textos lindos que as pessoas que dominam a técnica fazem.” Explico. “O *workshop* vai atrair gente nova, além de que os materiais para quem quiser praticar estarão à venda ali mesmo para todos.” Digo absorta na nova ideia. “Eu acho muito sexy namorar uma mulher de negócios, cheia de ideias fantásticas e empreendedoras.” Se aproxima, pegando-me no colo, com seu sorriso travesso nos lábios.

“Ah, então é isso que eu sou?” Pergunto, jogando seu jogo, envolvendo minhas pernas ao seu redor e agarrando seu pescoço.

“Aham! É muito sexy, e essa é só uma das coisas que me deixam cada vez mais louco por você.”

Samuel me beija com vontade. Uma mão segurando-me no lugar e a outra em minha nuca, alinhando minha boca com o movimento da sua.

Me leva para o seu quarto e delicadamente me solta em sua cama.

Seu olhar permanece em mim, me aquecendo de dentro para fora.

Ele parece querer prolongar o momento o quanto for possível, porque quanto mais eu imploro, mais ele me beija, aperta, saboreia, deixando meu corpo ainda mais ardente.

Ergo meus quadris em busca de mais contato e ele finalmente atende minhas lamúrias, se posiciona dentro de mim, fitando meus olhos da forma mais linda e apaixonada.

Sinto-o se movimentar, roubando meus sentidos, levando-me a uma sensação de preenchimento tão lúdica, que levo minhas mãos aos seus braços, apertando-os para me manter firme, como se isso fosse minha salvação.

Busco o contato dos seus olhos, que são um espelho real da forma como eu me sinto. É inegável a dependência que esses momentos intensos de intimidade que compartilhamos me causam.

Ele sussurra meu nome, e o seu desejo por mim me faz respirar com

mais facilidade.

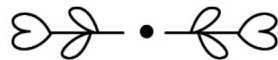
Quando ele se torna mais brusco, mostrando seu descontrole e sua necessidade por mim, eu sinto que valida que eu careça da sua paixão da mesma maneira.

“Você está quase lá, linda?” Sussurra no pé do ouvido, desacelerando, me fazendo querer chorar.

“Não para Samuel, não para.” Imploro, apertando-o entorpecida.

Ele sorri, sem que nenhum dos dois diga uma única palavra. Aquela energia invisível que nos faz querer um ao outro cada vez mais, vai além da comunicação verbal.

E no momento mais profundo do êxtase, meus olhos não conseguem mais se manter abertos e o grunhido descontrolado do fundo da garganta de Samuel, estabelece a inconsistência dos meus pensamentos, mas, para ser honesta, eu não me importo.



Já faz mais de um mês do ocorrido com Álvaro e minha loja.

Ver meu amigo muito melhor, com toda a sua vitalidade e alegria normais, no sofá de meu apartamento, me traz tanta tranquilidade, que não vejo a hora de estarmos juntos novamente naquela rotina gostosa que estabelecemos para nós.

Eu contei a ele sobre todos os meus novos planos para quando a Candy Color voltar a abrir dentro dos próximos três meses, se tudo ocorrer dentro dos conformes, de acordo com a previsão que os envolvidos com a reforma haviam me dito, e ele, obviamente, se empolgou muito com a ideia.

A demora para voltar a funcionar, é porque aproveitei toda a bagunça para fazer uma mudança enorme no layout, que eu já vinha postergando há um tempo.

“Se o *workshop* for um sucesso, nós podemos fazer um evento assim todo mês, vai ajudar e muito na rotatividade de produtos.” Sugere animado, enquanto trabalha nas etiquetas que serão colocadas nos itens comercializados na festa beneficente que estamos organizando em nome da casa de repouso Raio de Sol.

“Uau! Ótima ideia Álvaro, podemos fazer cada mês com uma temática diferente e atrair públicos diversos.” Ambos não vemos a hora de voltar ao trabalho.

As atividades do evento para a Raio de Sol tem ajudado muito a me manter ativa. Obviamente, eu arrastei meu amigo para essa empreitada, já que ele não parava de reclamar de tédio. Mas, a festa está marcada para daqui dois meses, e nós estamos muito adiantados. Faltam pouquíssimos detalhes que precisarão ser ajustados de última hora.

A praça principal da cidade foi mais fácil de ser reservada do que eu havia imaginado, desde que fosse escolhida uma data que estivesse dentro de uma lista em que nos foi passada.

Tendo a data enfim confirmada, consegui chamar uma companhia de teatro, que fará um espetáculo emocionante, e uma banda local, que me garantiu um repertório comovente.

Samuel, foi extremamente generoso com a causa, e alinhou com a sua família de que a Lima Construtora iria arcar com as despesas da estrutura para o evento, como a montagem do palco, as tendas que irão comercializar os produtos e todas as aparelhagens de som.

Com tudo isso resolvido, estamos trabalhando agora com a divulgação pesada e incentivando nossos idosos da casa de repouso a

trabalharemos no que mais gostamos para vender no dia do evento.

Eu não tenho a menor dúvida do sucesso do evento, além do quão especial ele será.

“Eu estou morrendo de fome, acho que por hoje está bom.” Já é final do dia, e digo ao meu amigo para dar o trabalho por encerrado.

“Por hoje e por um bom tempo, né? Acho que nós concluimos o *checklist*.”

Diz, levando a caneta até a boca, dando uma última conferida na lista.

“Nós somos profissionais, poderíamos ser pagos para isso.” Brinco, caminhando até a cozinha em busca de alguma coisa bem gordurosa, que será a nossa premiação por estarmos tão adiantados.

“Hum, essa não é uma má ideia.”

Estou colocando uma cápsula de cappuccino na máquina de expresso, e minha mente vagueia, como sempre, em o que o Samuel deve estar fazendo agora.

Preparo as duas xícaras, pego um pacote de biscoitos e coloco-os em um *bowl* bem fundo, e retorno fazendo malabarismo para o sofá, levando tudo aquilo.

Álvaro me ajuda, pegando seu próprio cappuccino das minhas mãos e sorvendo um gole escaldante.

“Ei, você lembra daquele dia que estávamos com o Samuel e a Flávia lá na sua casa?” Pergunto algo que vem transitando meus pensamentos há vários dias.

“Aham.” Ele coloca um biscoito inteiro dentro da boca, mas responde mesmo assim.

“Você reparou que eles ficaram esquisitos quando eu fiz aquela pergunta sobre encontros?” Pego eu mesma um biscoito, e mordisco a beirada, com expectativa pela sua opinião.

“Não reparei não.” Ele dá de ombros. “Mas se isso está te incomodando

desde aquele dia, você deveria perguntar para o Sam se tem alguma coisa.” “Eu acho melhor não.” Arrasto o laptop para o meu colo. “Não quero parecer desconfiada, se existe algo para me dizer, ele deveria me falar em primeiro lugar, não é?” Abro espontaneamente uma nova aba no navegador do computador e começo a observar uma das redes sociais de Flávia. “Isa, a forma como você age, não muda como você se sente.” Diz, se aproximando de mim. “É saudável em um relacionamento conversar sobre as inseguranças do outro, isso só fortalece, não o contrário.”

Eu escuto suas palavras, mas não as respondo, concentrada observando cada uma das postagens de minha amiga.

Álvaro espia o que me faz ficar tão absorta e suspira alto, incomodado.

“O que você está procurando?”

Mais uma vez deixo-o sem resposta, quando encontro uma foto em que a Flávia claramente está em uma festa.

Ela está linda.

Os cabelos são uma bagunça sensual, apontando que até aquele momento, ela já havia se divertido muito. Um vestido preto e justo valoriza seu corpo definido e a maquiagem bem feita permanece intacta, dada as circunstâncias.

O seu sorriso é tão cativante, me fazendo querer ter aproveitado aquele dia ao lado dela.

Mas então meus olhos caem para o nome de Samuel, que fez um comentário logo abaixo, e meus lábios tremem com o que leio.

“Que sorriso lindo.”

A veia do ciúme começa a pulsar em minha têmpora, e apesar do medo, clico em *‘ver mais comentários’*, deparando-me com uma resposta dela.

“Então vamos nos encontrar logo para você ver pessoalmente.”

A dor da traição é tão forte, que minha visão fica turva em meio às lágrimas que escapam desenfreadamente.

Me levanto em um pulo, precisando tirar essa história a limpo agora mesmo.

“Isa, fica calma.” Álvaro que presencia o momento em que eu desabo, se apressa em tentar me acalmar. “Essa postagem já faz mais de cinco anos. Fica calma, respira fundo e depois converse com ele.”

“Eles me traíram, Álvaro. A Flávia se fez de minha amiga o tempo todo, mas ela queria o Samuel para ela.” Estou tão nervosa, que derrubo a xícara no tapete, fazendo a maior sujeira, mas nem me importo.

"Isso não faz o menor sentido! Por que eles não estariam juntos se fosse isso o que queriam? Pensa por um momento." Sua tentativa de colocar um pouco de razão na minha cabeça é em vão, já que a sensação de desamparo só cresce cada vez mais.

"Eu não sei, vai ver eles têm algum jogo doentio de manipular as pessoas, e eu sou o alvo." Faço de conta que não vejo descrença em meu amigo e calço os sapatos para sair.

"Mesmo tendo vivido tudo o que viveu ao lado do Samuel, você realmente consegue pensar algo assim?" Ele espera uma resposta, mas eu não faço. "Isa, esse é o momento de colocar o que tem aprendido na terapia em prática."

Usar minha terapia como argumento é jogo sujo.

Ignoro tudo o que Álvaro me diz, pego minha bolsa, as chaves e vou até a porta, percebendo que ele não tentará mais me impedir.

"Eu não sei o que é tudo isso, mas eles mentiram para mim e eu preciso saber porquê." Minhas palavras são uma confusão no meio dos soluços.

Abro a porta, e arrasto meu corpo para fora, com o medo do que irá

acontecer me corroendo por dentro.

-Catorze-

Se reconhecendo e refazendo

De alguma forma, eu consigo chegar no escritório da Lima Construtora em segurança, em meio a visão embaçada devido às lágrimas caindo desenfreadamente.

Antes de entrar, tenho um mísero segundo de sobriedade de limpar as lágrimas e tentar parecer decente para não chamar a atenção do saguão inteiro. Ainda assim, a recepcionista me olha preocupada, percebendo meu rosto inchado, nariz vermelho, fungando a cada segundo.

Ela faz uma ligação para a sala de Samuel e logo me encaminha para lá.

Eu não perco um segundo no lugar observando ao redor como sempre faço quando estou ali. Não paro admirando a decoração, ou observando as pessoas indo e vindo pelas portas automáticas.

Sigo a recepcionista e vou na direção já conhecida da sala dele como um furacão.

Ele me vê, esperando para me receber com um belo sorriso que esmaece, assim que percebe minha expressão.

"Bela, o que aconteceu?" Ele vem na minha direção, disposto a me confortar, mas desvio de seu toque, me posicionando em um canto dos fundos da sala, com medo da minha própria reação ao ter contato com ele. "Você e a Flávia têm um relacionamento." Afirmo, com os lábios trêmulos, morrendo de medo de sua resposta.

Observo como sua expressão se transforma em compreensão e ele leva os dedos até a ponte do nariz, apertando ali, demonstrando que temia que

este momento chegasse.

"Nós ficamos juntos uma vez sim, mas não tivemos química nenhuma e decidimos manter apenas a amizade."

Ele tenta chegar perto de mim lentamente, como se eu fosse um tipo de animal acuado, e ele tivesse medo de me fazer fugir, o que não é tão longe da realidade.

"Você está mentindo!" Exclamo, meu desespero beirando a raiva. "Bela, olha para mim." Ele finalmente segura meus ombros, dobra os joelhos para nivelar nossas alturas e fita o fundo dos meus olhos. "Não tenho motivo nenhum para mentir para você. Eu te amo, quero ficar apenas com você, por favor, acredita no que estou te dizendo, porque essa é a verdade." Balanço a cabeça negando, mas não me afasto mais dele.

"Eu não vou passar por isso de novo, não posso aceitar." Minhas falas são desconexas, mas elas servem mais para mim mesma, do que para o Samuel.

"Por quê?" Pergunto esgotada.

"Eu e ela nos conhecemos pela internet e mantivemos contato por um período. A gente flertava, mas quando decidimos nos encontrar pela primeira vez, foi um desastre, tudo deu errado e nós percebemos que não funcionávamos desta maneira, desde então somos apenas amigos." Ele explica rapidamente, aproveitando que parei para ouvi-lo.

Cada pedaço de sua explicação me machuca ainda mais. Uma mistura de sentimentos conflituosos, de não conseguir estar consciente do que realmente está acontecendo.

Muitas vezes no passado, quando eu estava sendo enganada pela pessoa que eu julgava estar apaixonada, eu não cogitava que as explicações fossem uma mentira. Porque era exatamente nisso que queria me apegar. Que tudo não se passava de uma grande confusão.

Aqui e agora, não existe nada que eu queira mais, do que acreditar no

que Samuel está me dizendo, ainda mais que profundamente dentro de mim, sinto que meus sentimentos por ele são reais.

Sim, tenho uma necessidade ridícula de tê-lo por perto, e às vezes tenho a sensação de que estou apenas passando o tempo até estar na hora de encontrá-lo de novo, mas eu sei que meus sentimentos são diferentes.

Com Samuel esse sentimento é diferente.

Honestamente, não acho que eu vá querer encontrar mais ninguém depois de tê-lo comigo. Ele parece estar sempre tão certo do que diz, e não precisa mentir para mim. Mas ao mesmo tempo, essa é a minha razão vendo tudo com clareza? Ou a minha necessidade de tê-lo por perto, buscando motivos para me fazer acreditar?

"Por que vocês não me contaram?" A amargura permanece em minha voz, fazendo ele se encolher um pouco.

"Eu não sei, acho que fiquei com medo do que você pensaria, já que eu e ela ainda somos amigos. Foi uma estupidez, me desculpe, Bela." Ele implora.

Permaneço em silêncio por um longo período, observo a forma como ele me olha, a súplica reluzente em sua expressão.

"Eu preciso ficar sozinha." Digo, e ele se afasta um pouco.

A tristeza nele, faz meu coração doer.

"Bela, por favor." Me pede, mas eu fecho meus olhos, incapaz de ser firme em meu posicionamento com ele assim tão próximo. "Ao menos me deixe te levar para a sua casa em segurança." Se oferece, percebendo que eu não estou mais respondendo.

Com um leve manear de cabeça, eu aceito, porque realmente não me sinto em condições de dirigir até meu apartamento.

Ele pega as chaves das minhas mãos, que eu nem percebi que estava segurando com tanta força, fazendo um pequeno corte na palma. Samuel tenta fazer um carinho no local, mas eu abaixo meu braço, receosa do que o

seu contato causaria em minhas convicções agora.

Encontramos o carro mal estacionado no estacionamento e vamos até ele.

Me encolho no banco do carona, com o rosto recostado no vidro. O silêncio só cessa por um período em que Samuel usa seu celular para fazer uma ligação, colocando no viva voz.

"Álvaro, você pode ir para a casa da Bela, ficar com ela, por favor?" Observo calada seu gesto, quase desistindo desse tempo sozinha, que insisto em dizer que preciso.

"Está tudo bem?" Meu amigo pergunta imediatamente, a preocupação aparente em seu tom de voz.

"Vai ficar." Se limita a dizer, tirando os olhos da estrada por um breve momento, para me fitar intensamente.

Ele me deixa em casa, respeitando meu desejo de ficar sozinha.

"Eu amo você." Diz enfaticamente, antes de me deixar na entrada do prédio e garantir que estou dentro do elevador em segurança.

Estou meio anestesiada quando chego em casa e vou direto para o banheiro, na intenção de lavar embora toda essa agonia através de um banho quente.

Demoro o que parece uma eternidade lá dentro, mas a campainha me tira do transe.

Coloco um roupão, sem me preocupar com o cabelo encharcado, que faz um caminho, escorrendo toda a água até a entrada.

Álvaro vê meu estado, e não perde um segundo antes de me abraçar, consolando meus sentimentos e me dando o suporte que eu preciso tanto.

Álvaro tinha razão quando me disse que o tempo ajudaria a colocar meus pensamentos no lugar.

Conforme as horas foram passando e minha mente clareando, a tensão causada pelo medo e ciúme, foram se dissipando, me permitindo ver que agir por impulso não é a melhor opção.

Me sinto chateada e traída por duas pessoas que eu amo, mas, honestamente, após clarear os pensamentos, não faz o menor sentido a forma como suspeitei deles. Como se de alguma forma, tudo o que vivi ao lado de Samuel fosse uma mentira, fruto de uma grande conspiração.

Perdi a oportunidade de agir com maturidade, e transformei essa questão toda em um caos.

"Realmente pensei que estava progredindo." Minha cabeça está sobre o colo do meu melhor amigo, que faz um carinho reconfortante em meus cabelos, ouvindo sem julgamentos todas as minhas lamúrias. "Achei que estava consciente de todos os meus sentimentos."

"As coisas não são assim, Isa." Sua voz é branda e tranquila. "Todo mundo age impulsivamente em algum ponto da vida, os sentimentos são delicados mesmo, uma hora ou outra eles nos machucam." Me pergunto como ele adquiriu tanta sabedoria, sendo tão jovem.

"Meu filtro está quebrado, Álvaro. As pessoas conseguem dimensionar a proporção das coisas, eu não. Achei que estava melhorando, mas bastou algo sair dos trilhos para eu fazer a frente de tudo, e acabar atropelada de novo." Eu não sei se um dia estarei pronta.

"Você não pode pegar um episódio e menosprezar a história toda. Se auto depreciar compromete toda a beleza e progresso do seu processo." Fecho meus olhos, as lágrimas secaram, mas a dor ainda está lá.

"O que eu faço?" Pergunto desamparada.

"O que você gostaria de fazer?" Ele pega uma mecha ainda úmida do meu cabelo, e tenta desembaraçá-la com os dedos.

"Ligar para o Samuel e pedir desculpas pela forma como eu agi." Minha

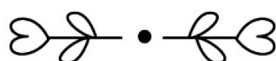
resposta é humilhante, mas sei que não preciso mentir para o meu melhor amigo.

"E agora que você está pensando com mais clareza, o que você acha que deve fazer?" Me olha despretensiosamente.

"Devo ter um pouco mais de tempo para mim, para pensar e, então sim, conversar com ele sobre a forma que eu realmente me sinto." Fecho os olhos para tentar lidar com o conflito que se forma dentro de mim.

"Parece que o seu filtro não está quebrado, no fim das contas."

Sorrio fracamente para ele, entendendo que, na realidade, todo mundo quer amar além do medo, mas para isso, é preciso enfrentar as nossas próprias batalhas, já que só é possível retribuir aquilo que temos por dentro, começando pelo amor próprio.



Marquei uma consulta de emergência com a dra. Silvana e eu estava me sentindo um pouco melhor.

Samuel me ligou algumas vezes, mas decidi não atendê-lo. Não porque eu não queira falar com ele, mas porque sinto que as coisas precisam ser resolvidas dentro de mim em primeiro lugar, e tenho certeza que ouvi-lo irá fazer meu foco mudar.

Outra coisa que tem particularmente me machucado são meus pensamentos em relação à Flávia.

Ela tentou me ligar também, mas não consegui atendê-la. Eu estou chateada por ela não ter me contado, claro, mas o que mais machuca é que minha amizade não foi prioridade no processo de escolha dela. Eu entendo

que ela e o Samuel se conheceram muito antes, esta foi a razão do meu surto, afinal de contas. No fundo eu sei que é natural a lealdade dela, evidentemente estar com ele, mas machuca ainda assim.

"Eu me deixei levar, doutora." Estou no consultório da dra. Silvana, e sendo muito honesta sobre coisas que admitir em voz alta, me causam muito constrangimento. "Para ser sincera, faz um tempo que eu não me sinto no controle, mas fiz questão de ignorar, porque é tão bom tirar um pouco da responsabilidade de ser perfeita o tempo inteiro."

Acho que essa foi a primeira vez que eu realmente levei uma bronca da minha terapeuta.

"Isa, o objetivo nunca foi a perfeição. A única pessoa que cobra perfeição é você mesma. Este é o objetivo de tudo isso, fazer com que você aceite suas emoções sem comprometer a sua essência." Sua voz não está tão tranquila como usualmente, e isso me faz prestar mais atenção. "Está liberado errar, erre quantas vezes for preciso, mas se responsabilize por esses erros, se perdoe, e tente fazer melhor da próxima vez."

"Eu quero fazer isso, juro que quero." Me limito a dizer.

"O que está te impedindo de fazer?" Sua voz é encorajadora e me faz rir sem humor.

"É que quando sai do campo da teoria, parece tão difícil."

"Não é para ser fácil mesmo. No seu processo de desenvolvimento não se render ao primeiro impulso é de extrema importância e, por consequência, muito desafiador, especialmente se tratando de suas relações amorosas.

Sugiro que você tenha um tempo para você, pense sobre o que aconteceu e no que você gostaria de ter feito diferente. Mas não porque você acredita que é a forma correta e sim porque é o que fará você se sentir melhor a longo prazo."



Precisei de alguns dias para colocar a cabeça no lugar. Me afundei no projeto de reinauguração da Candy Color e nos últimos preparativos para o evento beneficente da casa de repouso Raio de Sol.

Observo Álvaro organizando suas coisas para deixar a minha casa.

Ele tem me ajudado com tudo, mas principalmente em não me deixar sozinha a maior parte do tempo. É muito bom ter alguém assim por perto, que fica ao seu lado para te ajudar a se recompor, mesmo quando sabe que é um processo longo e muito cansativo.

Ele não tem medo do trabalho árduo e me pergunto se as amizades que perdi no passado foram inteiramente de minha responsabilidade. Meu melhor amigo não precisava estar ao meu lado nesse momento, eu falei a ele que vou ficar bem. Mas ainda assim, ele não largou da minha mão, nem por um segundo.

Eu sei que ele tem conversado com Samuel e Flávia, mediando tudo, explicando que eu preciso de um tempo, e este é apenas mais um item que terei que adicionar na lista de eterna gratidão que tenho com ele.

A porta se fecha, indicando sua partida.

Eu olho em minha volta, observando bem o meu espaço, cada cômodo que decorei de forma tão pessoal. Uma paleta de cores que se divide em branco, cinza e rosa claro.

Meus pensamentos divagam e começo a pensar em meus pais, e tento me lembrar de quem eu era antes deles partirem.

Será que eu gostaria de mim mesma se eles ainda estivessem comigo?

Quem eu seria se eles ainda estivessem por aqui?

Com certeza eu teria uma personalidade completamente diferente.

Nunca teria me sentido sozinha, ou desamparada. Eles me incentivariam a correr atrás dos meus sonhos e experiências.

Talvez eu nem estivesse mais morando aqui.

Tenho uma lembrança vaga de interná-los o tempo todo, perguntando onde ficava algum país, questionando como as pessoas sabem onde um estado termina e começa um novo. Eles sempre me respondiam com paciência, achando graça da minha curiosidade precoce.

Por alguma razão, assim que eles se foram, perdi a vontade de explorar este aspecto.

Como eu poderia me interessar por outros lugares do mundo, se minha avó nunca nem saiu da cidade onde nasceu? Como eu poderia alcançar essas experiências, se não havia ninguém para me levar?

“Eu não preciso mais que ninguém me leve a lugar algum.” Falo em um sussurro, as ideias claras como água em minha cabeça.

Ao mesmo tempo lembro das minhas responsabilidades por aqui. A Candy Color vai voltar a abrir em poucos meses, e estou à frente de toda a organização do evento beneficente da Raio de Sol. Por outro lado, está tudo extremamente adiantado e posso pedir ajuda com alguns últimos detalhes. Não é como se eu fosse sumir do mapa, a internet está aí para ajudar.

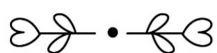
Cada uma das minhas desculpas, é prontamente resolvida com alguma solução e isso me faz sorrir com sinceridade pela primeira vez em dias, desde que soube de tudo que aconteceu.

Pego meu laptop e começo a pesquisar agências de viagem, tentando decidir um destino. Pego um endereço de e-mail e entro em contato, antes de ter muito tempo para encontrar uma desculpa.

Mesmo nunca tendo saído do país, eu mantenho um passaporte dentro da validade. Acho que com a possibilidade de explorar algo novo sempre pairando na minha cabeça, mesmo que eu nunca tenha tido a coragem de

realmente ir em frente com isso.

“Dessa vez vai ser diferente.” Prometo em voz alta, para que isso seja realmente fixado em meu interior.



Estou impressionada em como Álvaro e dra. Silvana ficaram animados com a novidade. Senti até uma pitada de orgulho em seus olhares, e isso me deixou ainda mais confiante.

Decidi fazer um mochilão pela Europa, e a sorte estava totalmente do meu lado, pois havia um roteiro de dezoito dias programado pela a agência que contatei saindo em uma semana. Então, imagina só, a loucura que está minha vida para deixar tudo pronto para minha partida.

Na casa de repouso, Ana ficou animada, dizendo para que eu não me preocupasse, e que resolveria qualquer pendência que tenha ficado.

A realidade é que eu deixei absolutamente tudo resolvido e contratado com bastante antecedência. A menos que ocorra algum imprevisto, as únicas coisas que ela precisará se preocupar, são com os artesanatos que serão comercializados no dia, mas que já estão na agenda de atividades deles de qualquer maneira, e também em substituir os horários dos meus plantões, que particularmente era o que mais me deixava preocupada. Porém, Ana me tranquilizou, dizendo que podem dar conta por alguns dias sem a minha ajuda.

Além disso, ela reuniu um grupo dos moradores que tenho mais intimidade, entre eles, Jandira, Moisés e João, que fizeram um lindo buquê de flores em papel para artesanato, acompanhado de um cartão com conselhos

incríveis, cheios de sabedoria, que irei guardar para o resto da vida.

“Entre com tudo nessa aventura, nosso passarinho. Nós estaremos aqui para saber de tudo quando você voltar.”

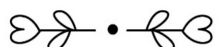
Assim que Moisés disse essas palavras, após entregarem em minhas mãos o presente, não tive muita opção, se não cair em um choro emocionado. Abraçando-os com toda a minha força, agradecida por, enfim, ter uma família ao meu lado.

Quanto a Candy Color, eu tenho plena confiança em Álvaro para tomar qualquer decisão que seja necessária. De qualquer forma, estaremos em contato um com o outro o tempo todo e voltarei com quase um mês de antecedência da reinauguração.

“Acho que realmente vai dar tudo certo.” Digo para mim mesma, com um suspiro aliviado.

Existem apenas dois itens pendentes em minha lista de afazeres antes de viajar, e eles não foram deixados para o final a toa.

Eles são os mais importantes, e ao mesmo tempo os mais desafiadores.



Estaciono meu carro em frente à casa da Flávia. Me certifico de aparecer em um horário que sei que ela não estará na universidade, e nem no trabalho.

Respiro fundo, antes de caminhar até a campainha, trancando o carro atrás de mim.

Flávia vem me atender, e seus olhos se iluminam ao me ver. Ela está

feliz em poder falar comigo, apesar de estar um pouco nervosa. Todas essas emoções extremamente perceptíveis em sua expressão.

“Isa, que bom que você veio.” Diz me convidando a entrar. “Venha, vamos até o meu quarto.” Me limito em assentir com um maneio de cabeça.

Um nó vem se formando em minha garganta.

Ela me leva para dentro de casa, e eu a sigo até uma porta roxa, com uma flâmula branca, cheia de franjas e um desenho de uma costela de adão verde preenchendo seu centro.

Nós entramos, e passo um minuto observando seu quarto. É sem sombra de dúvidas, um quarto de solteiro. Tem uma pequena bagunça organizada em sua escrivaninha, com o laptop e vários rascunhos espalhados ao redor, indicando que estava estudando. A cama de solteiro está arrumada, com uma colcha roxa, no mesmo tom da porta, com pequenas estrelas estampadas.

Preso nas paredes, há um cordão, onde ela pendura várias fotos. Algumas delas são da sua família e amigos. Obviamente tem uma foto em que ela está com Samuel, mas fico muito contente em ver que tem uma comigo também, do dia em que fomos juntas a uma festa. Observo uma última foto, e um sorriso se espalha em meu rosto, ao ver a primeira foto que tiramos juntos em meu apartamento, no dia em que trabalhamos na mudança.

Flávia está mais na frente, tirando ela mesma a foto, e logo atrás estou eu, sentada em minha poltrona nova, Álvaro deitado no sofá, ocupando todo o espaço, como se fosse o rei do lugar, e Samuel sentado com as pernas cruzadas no tapete, já que foi o único lugar que lhe sobrou.

Saber que a nossa amizade significa tanto para ela, quanto para mim, me deixa aliviada.

“Fique à vontade, Isa, você quer alguma coisa? Está com fome?” Pergunta nervosamente, e eu lhe dou um sorriso, negando com a cabeça e me

sentando na beirada de sua cama.

Ela arrasta a cadeira de seu mini escritório, para se sentar de frente para mim.

“Espero não estar atrapalhando seus estudos.” Digo, sem realmente saber por onde começar.

“Não, eu precisava mesmo de uma pausa.” Ela nega com uma risada. “Já estava enxergando as cláusulas todas embaralhadas.”

Sorrio para ela, feliz que ela tenha quebrado o gelo, para que eu possa finalmente falar o que tenho a dizer.

“Eu vim até aqui para te pedir desculpas, Flávia.” Começo com um suspiro, e ela faz um olhar de confusão.

“Não, Isa! Quem tem que pedir desculpas sou eu. Eu omiti algo importante de você.” Me interrompe com firmeza.

“Eu sei, não vou mentir que isso não me deixou chateada, mas entendo que você é amiga do Samuel em primeiro lugar, eu não quero ficar entre vocês.”

Pego sua mão, e ela entrelaça meus dedos, pronta para me interromper novamente, mas eu continuo. “Mas quero me desculpar porque minha primeira reação foi achar que era um plano maligno seu para tirar o Samuel de mim. Como se eu não conhecesse você, como se a culpa fosse só sua, mesmo se de alguma forma ele correspondesse.” Ela nega.

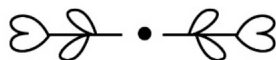
“Nunca, Isa. Eu tenho uma grande amizade com o Sam sim, mas a amizade que eu e você estamos criando, é importante para mim também. Eu nunca faria algo assim para te magoar, eu juro.” Sorrio com serenidade, feliz em esclarecer tudo.

“Eu sei, Flá, confio em você. Fui criada de uma forma em que eu sentia a necessidade de me provar o tempo todo, me sobressair aos outros, e naquele momento tive uma visão deturpada de que nós estávamos competindo uma com a outra. O que é ridículo, porque não quero competir com você. Você é

uma mulher incrível, admiro tudo o que você conquista, e quero presenciar cada uma de suas vitórias.” Ela começa a chorar, e aperta a minha mão. “Eu também admiro você, Isa. Espero poder estar ao seu lado no futuro sempre que precisar de mim.” Não consigo conter minhas próprias lágrimas quando a puxo para um abraço apertado, colocando nele tudo o que precisamos explicar uma a outra.

Nós não somos insuficientes, somos melhores do que nos dizem ser, e juntas sempre seremos mais fortes.

Após contar todos os detalhes dos meus planos para os próximos dias, e prometer que mandarei mensagens o tempo todo contando como foram as experiências, vou embora com a consciência um pouco mais tranquila. E uma sensação de liberdade, que é responsável pelo meu sorriso radiante.



O próximo destino é ainda mais desafiador.

Tenho que falar com Samuel antes de viajar, mas sei que ele está no trabalho nesse horário e, honestamente, me sinto constrangida pela forma como apareci no seu escritório da última vez.

Decido enviar uma mensagem, convidando-o para tomar um café, no meu lugar favorito da cidade.

Quando eu chego no local, o vejo sentado, olhando o menu, enquanto me aguarda.

Vê-lo à distância faz meu coração quase explodir dentro do peito, e por muito pouco não começo a chorar novamente, ali em frente àquelas

peessoas.

Mas então ele parece me sentir ali observando, e seus olhos se encontram com os meus, como um imã.

Sou capaz de ver tantas coisas lá dentro. Medo, arrependimento, além disso, percebo amor também e uma pitada de alívio.

No fim das contas, estamos em perfeita sintonia.

“Oi.” Digo sem graça, assim que me aproximo da mesa que escolheu.

Ele se levanta, e sem me dar tempo para reagir, envolve os braços ao meu redor, em um abraço apertado, que me faz respirar fundo, assimilando o seu cheiro, e a pressão que coloca em volta da minha cintura. Fecho meus olhos, e retribuo o abraço, sentindo seu corpo relaxar no mesmo momento.

Depois do que parece ser uma eternidade, me afasto um pouquinho. Não falamos nada um ao outro, mas me acomodo no assento à sua frente e ele volta a se sentar.

“Eu tenho tantas coisas para te falar, Bela. Nem acreditei quando você me chamou para vir aqui.” Começa a dizer, com desespero na voz.

“Eu também tenho tanta coisa para te dizer.” O garçom surge para anotar nossos pedidos.

Faço meu pedido de sempre, cappuccino com caramelo e um *red velvet*. Samuel sorri para mim, e se limita em pedir um café simples, sem açúcar.

“Não sei como você consegue tomar isso.” Digo com o cenho franzido.

“Quem gosta do sabor do café de verdade, toma ele assim.” Fala, achando graça da minha expressão.

“Então eu não devo gostar de café de verdade.” Admito, me sentindo feliz por conseguirmos manter uma conversa tranquila.

Nossos pedidos logo chegam e me apresso em comer um pequeno

pedaço do bolo, como se ele fosse um combustível para iniciar essa conversa. Samuel permanece a me observar, sorvendo um gole do café.

“Eu não quero me justificar por não ter te contado sobre o que eu e Flávia tivemos no passado.” Ele começa a falar, me surpreendendo. “Eu posso te dizer que tive receio da forma como você reagiria, medo de fazer você sofrer, e foram essas as minhas motivações sim. Mas você foi honesta comigo desde o primeiro momento em que nos vimos, eu sabia tudo o que você passou com os relacionamentos anteriores, e não tinha o direito de omitir coisas de você, e eu sinto muito.” Levo um tempo para assimilar tudo o que ele me fala.

É bom ouvir uma desculpa de verdade. Não uma sucessão de frases prontas, que mais demonstram que sente muito por ter sido pego, ou mal interpretado.

“Eu também quero me desculpar.” Digo finalmente. “Eu não estava sendo assim tão honesta como você imagina.” Desvio meu olhar, me preparando para me abrir completamente. “Desde quando você se afastou, após o que aconteceu com o seu pai, eu venho tentando disfarçar que ainda estou no controle das minhas ações. Disfarçar para você, para os nossos amigos, mas principalmente para mim mesma.” Volto a encará-lo e ele me observa com uma pequena ruga entre as sobrancelhas, seus olhos tristes e expressivos.

“Eu sinto muito, Bela.” Pede, mas me apresso em negar com a cabeça.

“Não Samuel, não é culpa sua. Não é seu dever me fazer inteira, lembra? Isso depende de mim.” Sorrio castamente para tranquilizá-lo. “Eu faço terapia há um tempo, e você sabe o quanto me ajudou, porém, eu preciso ser sincera com a forma que me sinto para as coisas funcionarem, mas eu não fui. Tive vergonha de que vocês soubessem que eu estava tendo uma recaída e que lá no fundo eu sentia que só seria plenamente feliz se você estivesse ao meu

lado o tempo todo.” Encaro a fatia de bolo em meu prato, pensando em como continuar. “Eu decidi viajar sozinha por alguns dias. Uma viagem de autoconhecimento.” Ele pisca algumas vezes, assimilando o que acabo de lhe dizer.

“Você está fugindo de mim?” Tem tanta tristeza dentro de seus olhos, que sinto minha garganta apertar.

“Não, Samuel, eu estou aproveitando a minha própria companhia, pela primeira vez em toda a minha vida. Vou viver uma experiência completamente nova, sendo alguém que nunca me permiti ser, mas que eu sei que mereço.” Sinto as lágrimas escorrendo por minhas bochechas, mas elas não são de tristeza e sim de emoção.

“Você merece, Bela, mas não vou mentir dizendo que não dói no meu coração saber que você não me quer ao seu lado.” Vê-lo expressar sua vulnerabilidade sem medo me faz amá-lo ainda mais.

“É o oposto disso. Eu quero tanto, ao ponto de preferir você do que a mim mesma.” Respondo enquanto me levanto e arrasto minha cadeira para o seu lado, sem me importar em estar chamando atenção. “Eu preciso escolher a mim mesma primeiro, você pode entender isso?” Sussurro, agora sentada perto dele, observando de perto seu olhar.

Samuel me traz para um abraço forte, e entendo tudo o que sente através dele.

“Eu quero que viva intensamente essa experiência, mas não esqueça, que eu estarei aqui por você.” Fala baixinho, ao pé do meu ouvido e eu o aperto um pouco mais, me sentindo cada vez mais perto da real liberdade.

-Quinze-

Agora eu quero ir

Meu primeiro destino foi Budapeste.

Apenas alguns dias conhecendo o lugar e eu já me sentia diferente. Tantas culturas distintas da minha, um efeito causado pela Segunda Guerra Mundial, fazendo com que, em poucas visitas, eu conseguisse enxergar além da minha própria bolha.

Ao sair de lá, junto ao grupo de brasileiros que me acompanhava, com quem acabei me familiarizando e criando uma espécie de amizade rapidamente, seguimos de trem para Viena.

Me senti encantada com cada novo lugar que descobria. Construções enormes e imponentes, marcando o estilo gótico, fazia com que eu me sentisse uma formiguinha no meio do esplendor das coisas ao redor do mundo.

De toda a lista, uma das minhas maiores ansiedades era em conhecer Praga, e quando cheguei lá entendi perfeitamente o porquê. Tudo era absolutamente lindo, com torres e castelos barrocos que abrigaram reis Boêmios no passado, a cidade é uma obra de arte gigantesca.

O último destino da viagem era Berlim e eu não conseguia acreditar no quão rápido o tempo passou.

Eu estava experimentando um *Currywurst*, um dos pratos típicos de lá, e pensando em como eu adoraria estar compartilhando tudo isso com o Samuel. Mas ao contrário de como eu achei que seria, não estava me sentindo deprimida, nem louca para voltar.

Cada um dos momentos vividos pelo continente europeu trouxe para a

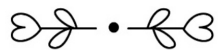
minha vida tanta bagagem e liberdade, que duvido muito que em algum momento eu me sinta completamente sozinha de novo.

Permitir-se ser independente faz isso com as pessoas, e não acho que ir a outros países foi o que fez isso por mim, mas sim me enxergar uma pessoa única e emancipada.

Sou responsável por mim mesma e existe muita beleza nisso.

Em contrapartida, me imaginei várias vezes retornando para estes lugares, servindo de uma espécie de guia para ele e compartilhando as sensações.

Talvez nós façamos isso um dia, afinal de contas.



A recepção surpresa do meu melhor amigo assim que chego em minha casa é tão calorosa, que começo a chorar na hora. Estou emotiva ao extremo. Repensando em minha jornada e em seus altos e baixos.

Ligo para Flávia, e juntos passamos a noite toda falando sobre os lugares que conheci. Mostro todas as fotos que bati e eles me atualizam das novidades que perdi.

Até passo um tempo trabalhando um pouquinho no evento beneficente para a casa de repouso, que acontecerá em alguns dias.

Diferente de como as coisas eram há pouco tempo atrás, eu consigo olhar para tudo o que conquistei e me sentir merecedora.

Conquistei minha loja, meu apartamento, a oportunidade de conhecer um lugar novo. Além disso, tenho um amigo incrível, que se importa comigo de verdade, mesmo com todas as minhas nuances.

Aposto todas as fichas em minha amizade com a Flávia, e sei que essa estima entre nós vai evoluir e se tornar algo muito sincero.

E tem o Samuel, é claro.

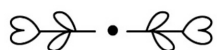
Embora se tratando dele, envolva uma sensação bem mais complexa. Minha vontade descomunal de ir até ele, assim que coloquei meus pés no Brasil, diz muito sobre esse desejo de não estar sozinha. E apesar de me sentir confiante, sei que é uma linha tênue para que as coisas mudem e eu não perceba.

Por isso fico mais alguns dias, apenas com a minha própria companhia, antes de decidir procurá-lo.

Mas eu vou.

Tenho me mantido ocupada, organizando os últimos detalhes para o evento, mas se tornou um hábito nesses dias torcer para que ele não tenha decidido partir para outra. No fundo eu sei que ele tem todo o direito de ter feito isso, já que fui eu quem decidi sair, e assim que voltei não entrei em contato nem uma única vez.

Acho que eu quero provar para mim mesma que eu sou capaz, mesmo que não estejamos a muitos quilômetros de distância.



No dia do evento, estou uma pilha de nervos.

Acordei extremamente cedo para receber toda a equipe para a montagem da estrutura, e não tive muito tempo para pensar sobre exaustão.

Ana está me ajudando muito, mas como ela também precisa deixar as coisas em ordem na própria Raio de Sol, todos os imprevistos precisam ser

resolvidos por mim.

Enquanto eu estava viajando, Ana me avisou que conseguiu criar uma organização para levar uma grande parte dos nossos idosos para prestigiar o evento. Com exceção daqueles que tem alguma fragilidade um pouco maior devido à idade, ou problemas de saúde, os que poderão comparecer estão muito empolgados e não param de falar no assunto.

Não tenho muito tempo para contemplar nosso trabalho assim que tudo fica pronto, já que é o único momento que tenho para passar em casa, tomar um banho rápido e retornar antes que comece.

Visto uma calça jeans justa e um top verde, de mangas compridas e bufantes. Vendo que o tempo está apertado no relógio, me limito em colocar máscara nos cílios, um *gloss* e com os cabelos úmidos, saio correndo de casa, para recepcionar as pessoas que irão trabalhar no evento.

Em um outro momento da minha vida, tenho certeza que iria preferir me atrasar, a sair sem cobrir muito bem qualquer imperfeição em meu rosto com base e uniformizá-lo com pó compacto em seguida. Mas hoje é um dia tão importante, que junto aos meus colegas, orchestrei com tanto carinho e esforço, que não poderia estar me preocupando menos com minha aparência.

Minha prioridade é que o evento seja incrível, e chame isso de positividade exagerada, lei da atração, ou qualquer coisa que queira chamar, mas tenho um pressentimento de que será um sucesso, e o primeiro de muitos que ainda organizarei pela frente.

O evento está a todo o vapor.

Não para de chegar mais e mais pessoas, que visitam alegremente todas as tendas e dificilmente alguém sai de mãos vazias.

De um lado vejo sacos de pipoca e algodão doce para lá e para cá. Do outro, vejo crianças correndo em meio à multidão, segurando firmemente cordões amarrados em balões de gás hélio, que sobrevoam suas cabeças.

Várias famílias se reúnem, reencontrando amigos que há muito perderam o contato.

Um largo sorriso me mantém hipnotizada, extremamente agradecida por fazer parte de algo com um propósito de valor, que ainda por cima, promove a confraternização das pessoas.

Alguém me chama para que eu atenda o grupo de teatro, que começará a apresentação dentro de alguns minutos, e balanço a cabeça, para conseguir me concentrar no trabalho. É nesse momento que meus olhos varrem a multidão, encontrando com os de Samuel, que me fitam, e pela intensidade que encontro lá, faz algum tempo.

Sua mãe e irmã estão ao seu lado, sorrindo absortas com todas as atrações ao redor, sem perceber a nossa troca.

Meu coração chacoalha no peito, e preciso me lembrar que ainda tenho uma lista de afazeres antes de ir ao seu encontro.

Aceno alegremente, fazendo um gesto para que ele entenda que preciso falar com ele depois. Ele se limita a manear a cabeça, ainda prendendo meu olhar.

Para mim, nunca foi fácil lidar com a intensidade em seu olhar. E assim como absolutamente tudo em minha vida atualmente, reflito se de alguma forma isso é algo negativo.

Sigo na direção do palco balançando a cabeça, impedindo que esse tipo de pensamento prejudique a minha positividade.

“Não tem problema algum em amar intensamente, desde que eu nunca esqueça do meu próprio valor.” Sussurro para mim mesma as palavras de minha terapeuta, para fazer com que isso impregne em meu subconsciente.

No final do dia, a banda está cantando as últimas canções. Grande parte das pessoas já estão retornando para as suas casas, e algumas tendas estão sendo desmontadas.

Meu trabalho aqui está terminado, e sinto um grande alívio.

Ao lado de Álvaro e Flávia, estou engolindo um cachorro-quente, me dando conta que é a primeira refeição que faço após o café da manhã, antes de vir para a praça mais cedo.

“Eu não sabia que eu estava com tanta fome assim.” Digo a eles, entre uma mordida e outra.

Em meio aos afazeres, eu esqueci completamente de me alimentar. Mas valeu tanto a pena, que nem fico com peso na consciência por isso.

O evento foi um sucesso completo, e estou com muitas expectativas para contabilizar tudo pela manhã, no dia seguinte.

“Você não parou por um segundo sequer, me admiro que não tenha desmaiado, ou algo assim.” Álvaro como sempre, caprichando no exagero.

Mostro a língua para ele, com meus olhos varrendo pelos rostos familiares em busca de Samuel.

Apesar da exaustão, eu estou louca para falar com ele.

“Eu vi ele com a mãe e a irmã, faz menos de uma hora.” Flávia se manifesta, sabendo exatamente o que, ou melhor, quem eu estou procurando. “Será que ele foi embora?” Tento disfarçar um pouco do desânimo na voz.

Se mesmo sabendo que eu gostaria de falar com ele, Samuel decidiu ir embora antes disso, talvez ele não esteja tão disposto a me reencontrar assim, respondendo minha dúvida sobre nossa reaproximação.

Eu não vejo a hora de compartilhar a melhor versão de mim mesma, com uma das pessoas mais importantes da minha vida.

Ao menos é dessa forma que eu me sinto.

“Ai, Isa, nem começa a colocar obstáculos onde não tem, ele só deve ter ido no banheiro ou alguma coisa assim.” Toda a impaciência de Álvaro me fazendo sorrir.

“Você tem razão.” Termino meu lanche, com os olhos ainda interceptando

qualquer movimento ao longo do local.

“Isa!” Flávia exclama, me assustando. “Lá estão a Liliana e a Samira, podemos ir lá perguntar se ele ainda está por aqui.” Diz, apontando na direção em que elas estão, absortas na banda que faz a apresentação da última música.

“Fiquem aqui, e aproveitem o restante do show.” Respiro fundo, tomando coragem para fazer meus pés saírem do lugar. “Deixa que eu vou cuidar disso.” Eles concordam, entendendo que é uma das coisas que eu preciso fazer por mim mesma.

Vou até onde elas estão, procurando qualquer sinal de que Samuel esteja por perto.

“Oi, dona Liliana.” Digo, me aproximando de ambas. “Olá, Samira.”

“Ah, Isabela, que maravilha encontrar você!” O entusiasmo da mãe de Samuel me aquece, e retribuo seu abraço caloroso.

“O Sam me contou que você é a responsável por este evento, está tudo lindo. Meus parabéns.” Samira diz respeitosamente, com um olhar de admiração, e sinto que ganhei na loteria.

Samuel já me explicou que ela é uma pessoa mais reservada, especialmente com quem não conhece, e eu sabia que se estivesse em um relacionamento duradouro com ele, precisaria conquistar a confiança de sua irmã. Não sei se ele ainda me quer ao seu lado, mas ao menos isso já está meio caminho andado.

“Muito obrigada. Depois que a ideia surgiu muitas pessoas estavam dispostas a ajudar, o que nos deu um gás ainda maior para fazer acontecer.” Respondo com um sorriso.

“Fiquei sabendo que passou alguns dias na Europa.” Agora é a Liliana quem puxa o assunto, e discretamente, olho para os lados, ansiosa para vê-lo.

“Sim, me permiti ter alguns dias de férias em um longo tempo.” Concentro

minha atenção nela, para não parecer mal educada. “Foi uma experiência maravilhosa.”

Observo que Liliana estava prestes a dar prosseguimento ao assunto, quando Samira a interrompe.

“Ele não foi embora, só foi do outro lado buscar um refrigerante para mim.” Seu sorriso de zombaria me deixa sem graça, fazendo parecer tudo ainda mais engraçado para ela.

“E eu pensando que estava disfarçando bem.” Entro em seu jogo, e nós três juntas soltamos uma gargalhada gostosa, com muita cumplicidade.

“Olha ele ali.” Liliana anuncia, e giro meu corpo na direção que ela aponta.

Finalmente seus olhos encontram os meus, e eu me sinto entorpecida. Meu cérebro tenta processar a sua caminhada até mim, e eu gostaria que tudo estivesse normal, para que eu pudesse apenas pular a parte da conversa e partir para os seus braços, que me deixaram tão saudosa.

Ele fica posicionado ao meu lado, sem encostar um único dedo em mim e, a antecipação do que acontecerá me deixa aflita.

“Aqui o seu refrigerante.” Entrega à sua irmã e ouvi-lo falar me faz perceber o quanto senti saudade da sua voz.

Samira pigarreja, percebendo a tensão e olha a mãe, em uma conversa silenciosa.

“Nós vamos para algum lugar.” Gagueja, olhando em volta, e depois arrastando sua mãe para longe.

O sol está se pondo, deixando o céu na cor de um alaranjado vivo, e trazendo um ventinho frio, que faz minha pele exposta se arrepiar. Mas poderia ser efeito do olhar carregado de Samuel também, isso eu nunca vou saber.

“Soube que você voltou.” Percebo as notas de ressentimento presentes em seu tom.

“É, fazem alguns dias.” Admito, esquecendo tudo o que ensaiei para dizer a ele. “Tive vontade de procurar por você no momento que coloquei os pés no Brasil.” Digo.

“E por que não fez isso?”

Ele estava esperando por mim.

Meu coração, que já parecia dançar em um ritmo completamente desconhecido em meu peito, parece agora com uma sinfonia completa.

“Era mais uma das coisas que eu precisava provar para mim mesma.” Tento manter minha voz o mais calma possível. “Foi uma loucura Samuel.” Digo, e percebo que ela está um pouco mais próximo a mim, e estamos em nossa própria bolha.

Eu me sinto bem aqui.

“As experiências foram lindas e serviram exatamente para o que eu esperava. Me fez entender um pouco a dimensão do mundo, de uma forma meio cruel, mas necessária, me fez realmente entender que existe muito mais além de mim.”

Toco seu rosto, e ele não se afasta. A barba caramelo, bem recortada, espeta minha mão, e eu amo a sensação.

“Eu não entendia o que o meu problema tinha a ver com liberdade, sabe? Eu pensava que se eu posso ir e vir, então eu sou livre. Mas então eu vi que se eu dependo de alguma coisa, alguém ou principalmente de algum sentimento para realizar meus planos, isso quer dizer que não existe liberdade.” Ele começa a falar alguma coisa, mas eu peço que ele me deixe terminar antes. “Mas então eu estava apreciando uma paisagem linda, registrando ela no meu celular e eu não parava de pensar em como seria bom se você estivesse lá. Não porque sem você não teria graça, mas porque as nossas experiências separadamente, complementariam a do outro.” Dessa vez, sua mão toca meu pescoço, e fecho meus olhos, apreciando aquele

contato.

“Se você ainda quiser, eu quero ter a oportunidade de somar na sua vida, Samuel. Não quero mais me perder dentro de mim mesma, mas quero amar você com todo o meu coração.” Ficamos em silêncio, sem desviar o olhar, minha expectativa pela sua resposta me deixando cada vez mais apreensiva. “Não tem nada que eu queira mais, do que dividir cada momento da minha vida com você, Bela.” Diz finalmente, e solto um suspiro aliviado, percebendo que eu estava segurando minha respiração esse tempo todo.

“E agora, a pedidos, vamos cantar uma última música. Essa vai para Isabela e Samuel. Estamos todos torcendo por vocês.” O vocalista da banda anuncia no microfone, deixando a mim e Samuel perplexos com a surpresa.

Olhamos em volta e encontramos nossos amigos, sua mãe e irmã nos observando em um canto, com os sorrisos de orelha a orelha.

Sorrimos de volta agradecidos, e a música *Waiting for a girl like you*, dos anos oitenta, começa a ser tocada pela banda no palco.

Samuel traz meu corpo para ainda mais perto do seu, e ficamos nos balançando lentamente, deixando-nos levar pela melodia.

Não consigo pensar em nenhum constrangimento por ser o centro das atenções e, muito menos, pensar em qualquer outra coisa que não envolva os lábios de Samuel nos meus.

Ele parece ler meus pensamentos, porque levanta meu queixo com carinho, e finalmente toca minha boca com a sua.

Eu me perco naquele beijo.

O seu cheiro alcança minhas narinas e é como uma espécie de afrodisíaco, fazendo-me querê-lo ainda mais.

“Vamos para casa?” Sussurra em meu ouvido, fazendo uma corrente elétrica percorrer toda a extensão da minha coluna.

Assinto na hora, aceitando sua mão e deixando que ele me leve, sem

medo das incertezas e do que está por vir, porque sei que não existe nada que eu não seja capaz.

-Dezesseis-

Quando você ama alguém

A música *Waiting for a girl like you*, se transformou na canção oficial do casal.

Nos momentos mais bobos e aleatórios possíveis, estávamos a declamando um para o outro, como se ela fosse o suficiente para explicar tudo. Na verdade, se pararmos um pouco para pensar, ela meio que explica.

Quando estamos juntos tudo parece tão certo e verdadeiro, não existe outro lugar que eu gostaria de estar, se não abraçando-o, exatamente como na música. E a melhor parte de tudo isso, é que é recíproco.

Me sinto completa ao ver todas as coisas dando certo ao meu redor, mas estou preparada para qualquer eventual problema.

Eu entendi que a vida é dessa forma.

Tem alguns dias em que tudo ocorre bem, você sorri o tempo todo e se sente feliz, mas são nos momentos em que as coisas desandam, e você precisa correr um pouco atrás para consertar e colocar tudo no devido lugar que orquestrou, é que tem consciência de que está exatamente onde deve estar.

Meu melhor amigo parou de procurar desculpas, e tomou minha história com Samuel como inspiração, decidindo dar uma segunda chance para um novo encontro com o Cauê.

Descobri que ele é um rapaz muito legal, meio tímido, criando um belo contraste com Álvaro que não consegue manter a boca fechado por muito tempo.

Flávia decidiu sair da casa dos pais e ofereci um quarto extra em meu

apartamento. Ela insiste em dizer que é temporário, mas é bom ter companhia, mesmo que eu passe muito tempo na casa do Samuel.

Meu namorado por sua vez, consegue conciliar com maestria seu trabalho puxado na empresa da família, finalmente colocando em prática os projetos que tanto sonhou em realizar, sem nunca deixar de demonstrar como se sente em relação a mim todos os dias. Sem se preocupar em parecer que está forçando a barra, já que nós somos assumidamente apaixonados um pelo outro.

Segundo ele, está tudo bem se eu grudar que nem chiclete, já que eu sou o seu sabor de chiclete favorito.

Palavras dele, não minhas.

Existem alguns momentos em que me vejo recorrendo àqueles velhos hábitos, mas eu procuro reconhecê-los com sinceridade, seja conversando com minha psicóloga ou com meu namorado.

Samuel está sempre ao meu lado, me lembrando quem eu sou. Me incentivando a colecionar memórias ao seu lado e muitas vezes sem ele também.

O que eu precisava era abraçar por inteiro essa liberdade que eu tanto temi, mas que agora faz parte de mim e eu nunca mais vou aceitar nada menos que esse sentimento.

-Epílogo-

Samuel

Hoje é o dia da reinauguração da Candy Color.

Bela está, há dias, com os nervos à flor da pele. Cada segundo que sobra do seu dia, ela está fazendo ou revisando alguma lista, deixando tudo preparado para o grande dia.

O lugar está impecável. Ninguém jamais seria capaz de dizer que um dia esteve destruído.

Cada detalhe foi pensado e repensado por ela e eu não poderia me sentir mais orgulhoso.

Apesar de todo estresse, ela ama essa adrenalina, mesmo quando chega em casa, fazendo mil reclamações.

O jeito infalível de fazê-la se acalmar, é oferecer uma massagem. Uma coisa sempre leva a outra, e acabamos emaranhados em algum cômodo da casa.

Encontro-a conferindo um de seus *checklists*, terminando de acomodar todos os clientes que vieram para o *workshop*.

Eu sabia que Isabela era diferente no momento em que coloquei meus olhos sobre ela. Além da beleza óbvia, que é a primeira coisa a ser observada, havia também a maneira como ela se comunicava.

Seu sorriso era inteiro, de alguma forma tinha inocência, mas ao mesmo tempo, havia ambição. Não ambição de adquirir algo, mas sim de representar algo.

Então eu falei com ela pela primeira vez, e parecia que ela ria de si mesma, como se houvesse uma grande piada interna e particular.

Eu desejei fazer parte daquela piada.

Queria estar em um grupo de amigos e buscar seu olhar para sorrirmos daquilo que só nós dois entenderíamos, mas ao contrário daquele momento, eu estaria por dentro de tudo. Seria uma coisa nossa.

Eu me senti tão apavorado quando vi o sofrimento em seus olhos, no dia que descobriu que Flávia e eu já havíamos ficado juntos no passado e que optamos por esconder isso dela. Medo de que se afastasse para sempre e que não me perdoasse. E dentro de mim, eu sei que não vou me sentir nem mesmo perto da forma que me sinto com ela com mais ninguém.

Quando ela viajou para a Europa então, eu tive certeza que o mundo inteiro seria pouco para toda a vitalidade dela, que ela iria sentir essa sensação de liberdade tão forte dentro de si, que os sentimentos por mim, seriam pequenos demais.

Eu nunca seria capaz de impedir que ela viva suas experiências, faz parte da sua história entender que existe sozinha em primeiro lugar, mas estaria mentindo se dissesse que não estava planejando ir atrás dela, caso decidisse que Porto Belo é pequena demais para sua alma ser feliz.

Mas então ela voltou, e quando me olhou, eu vi que estava diferente. O sorriso dela ainda era o mesmo, lindo e radiante, capaz de chamar a atenção de uma multidão inteira, porém a sua respiração estava diferente, havia uma leveza, uma serenidade.

Ela estava se sentindo bem por finalmente ser ela mesma, e eu não poderia me sentir mais feliz.

Eu realmente estava disposto a lutar por ela uma vida inteira se fosse preciso.

Ainda estou.

Eu sentia tanta falta de tê-la nos meus braços, sentir o seu cheiro floral e a textura macia dos seus cabelos, ter a sensação do seu corpo que se encaixa tão perfeitamente com o meu.

Que surpresa a minha ao saber que ela voltou para casa mudada por dentro, disposta a ser quem desejar ser, com um anseio de viver intensamente, de errar sem medo, quantas vezes for necessário. Certa de que isso tudo lhe basta, mas ainda assim, escolheu ter a mim ao seu lado, porque ela quer isso, não para completar sua vida, afinal de contas, nós somos duas partes inteiras.

Observo-a prestar atenção na moça falando em um palco improvisado que ela estruturou na última hora.

A sua mente criativa nunca para, me fazendo gargalhar com seus *insights* que surgem como um estalo absolutamente do nada, fazendo que eu precise me esforçar muito para ver a coerência em suas ideias que vem fora de contexto. Mas sua paixão pelo assunto a faz me explicar pacientemente, com os olhos brilhando de tanta empolgação.

Aqui, vendo-a contemplar o seu trabalho árduo, cheio de envolvimento e propósito, eu não tenho a menor dúvida de que ainda vou me casar com essa mulher. Vou construir uma vida ao seu lado e dedicar cada dia da minha vida em complementar a sua felicidade.

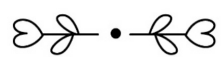
Ela desvia a sua atenção da palestra, finalmente percebendo que eu estou com o meu olhar grudado nela há um longo tempo, e então ela abre um sorriso.

Aquele mesmo sorriso que acaba comigo. Um sorriso que faz com que seus olhos se estreitem e o pequeno sinal em sua bochecha quase toque seus cílios inferiores.

Ela é tão linda.

"Eu te amo." Leio seus lábios que sussurram da distância em que estamos, e essa é a minha vez de sorrir para ela.

Sim, eu vou me casar com essa mulher, e se ela quiser, será muito em breve.



-Agradecimentos-

Minha caminhada como autora tem sido engrandecedora e, não tenho a menor dúvida, que isso se deve às tantas pessoas que acreditam em mim e me apoiam.

Meu marido, que adora ler sobre futuros distópicos, um pouco de terror e talvez alguma coisa meio sanguinolenta, mas, ao mesmo tempo, é o primeiro a ler minhas histórias e gritar de outro cômodo da casa que aquela parte específica fez ele se emocionar. Amo você!

Minha amiga Ivana, que personificou a dra. Silvana e, relevando algumas licenças poéticas, fez com que a terapia da Isabela fosse algo muito mais real. Obrigada por se importar, por ficar até tarde ouvindo minhas lamentações e por sempre querer se doar para ajudar.

Eu tenho uma grande amiga de infância, que de alguma forma, a escrita, fez com que nos reaproximemos. Eu não poderia me sentir mais feliz com esse presente. Carol, obrigada pelo seu olhar minucioso em todos os detalhes de "Livre ao seu lado".

Ao meu grupo maravilhoso "Livros e Vinhos" no Whatsapp, com duas pessoas muito especiais, Renata e Izolete. Obrigada por me mandarem as reações em tempo real conforme leem os meus livros. Eu fico eufórica com cada comentário.

Eu sou muito privilegiada, porque além dessas pessoas que se envolveram diretamente citadas acima, tenho muitos amigos e família que me apoiam, e me enviam muito amor. Obrigada por acreditarem!

Aos leitores que me conheceram através de "A paz que você traz", ou

os novos que chegaram até aqui por "Livre ao seu lado", obrigada por dar uma chance aos meus livros. Espero que eles tenham proporcionado sorrisos espontâneos a vocês e que sejam lembrados com carinho.

A todos que quiserem saber mais sobre meus próximos lançamentos, é só me procurar nas redes sociais.

Com amor, Karen Costa

[@lakarencosta](#)

-Conheça outra obra da autora-

[A paz que você traz](#)



Capítulo 01

Ensino médio

2013

“Cecília, acorda logo para não se atrasar para o colégio!” Ouço minha mãe gritar do andar de baixo e fico um momento pensando em qualquer desculpa esfarrapada que eu possa inventar para faltar à escola hoje.

Alguns minutos se passam e permaneço com a cabeça escondida embaixo do travesseiro, sem conseguir pensar em nenhuma ideia brilhante que seja convincente o bastante para poder ficar em casa, portanto, o melhor que posso fazer é aceitar que terei que enfrentar mais um dia de aula.

Recitando internamente o meu mantra diário de que falta apenas um mês para a formatura, coloco os pés no chão e rumo como uma campeã para

vencer mais um dia.

Estendo um braço para fora da janela, medindo a temperatura, para decidir qual será minha escolha de roupas para ir ao colégio hoje. Assim como nos dias anteriores, o clima de novembro em Curitiba é úmido e abafado. Decido então, vestir a camiseta branca tradicional com o emblema do colégio Conceição por dentro do shorts vermelho do uniforme que eu mesma customizei com uma barra xadrez nas laterais. Após lavar o rosto e escovar os dentes no banheiro, vou até o espelho, fazendo um rabo de cavalo super alto em meus cabelos longos e escuros. Finalizo com um lenço vermelho, deixando um laço chamativo no topo da cabeça. Confiro uma última vez o visual e aplico nas maçãs altas de meu rosto, uma leve camada de blush, deixando as bochechas levemente rosadas de forma natural.

Uma das minhas coisas favoritas da vida, é vestir combinações que tragam referências de estilos mais antigos, especialmente os anos oitenta. Por isso, faço questão de dar um toque pessoal em todas as minhas peças, seja com alguma aplicação, desenho, ou qualquer tipo de customização. Isso faz com que minhas roupas sejam únicas e contem uma história através de mim.

Feliz com o resultado final, saio em disparada na direção das escadas, que levam até a sala de jantar.

Encontro minha mãe tomando calmamente seu café da manhã. Aproveito seu estado disperso e caminho até o seu lado, deixando um beijo de bom dia em seu rosto e roubando sorrateiramente a torradinha com manteiga que ela está prestes a morder.

“Você sabe que tudo o que precisa fazer é me pedir, não sabe?” Todos os dias mamãe tem a mesma resposta em relação ao meu furto, não importa o que ela esteja comendo.

“Eu sei, mas qual seria a graça nisso?” Rindo e dando uma bela mordida em minha torrada recém-conquistada, observo seu olhar de fingida reprovação.

Sheila, é uma morena linda de morrer, pelo qual tenho a maior admiração do mundo e a honra de chamar de mãe. Seis anos atrás, após meu pai nos deixar precocemente, vítima de câncer no pulmão, mamãe precisou dar um duro danado como enfermeira para sustentar eu e meu irmão Matheus, que havia apenas quatro anos na época.

Papai passou dois anos lutando para poder continuar conosco, mas como minha mãe sempre fala, o céu precisa de gente do bem tanto quanto a terra, então chegou o momento que tanto temíamos em que ele precisou nos deixar. Matheus sempre fala que não consegue lembrar muita coisa dele, porque era muito novo quando ele faleceu, mas eu e mamãe vivemos contando as melhores histórias e deixando a chama do seu Ricardo bem viva ainda aqui na terra.

“O Matheus dormiu na casa do Caio de novo?” Questiono, sentindo falta do guloso do meu irmão, que deveria estar aqui na mesa devorando o café da manhã neste momento.

“Pois é, os meninos imploraram para que eu permitisse que o Matheus dormisse lá na noite passada. Eu conversei com a mãe do Caio, que achou uma ótima ideia, então acabei cedendo.” Matheus e Caio são melhores amigos e não se desgrudam para nada. Um sempre está enfiado na casa do outro.

“A Luciana perguntou se o Caio pode dormir aqui em casa hoje.” Olhando para mim, mamãe começa a explicar. “Parece que ela e o Fábio querem sair para comemorar o aniversário de dez anos de casamento deles.” Os pais do Caio são muito legais e sempre mandam biscoitos através dos meninos quando eles retornam aqui para casa. “Eu vou passar a noite toda cuidando da Dona Giovana, tudo bem se você ficar com eles?” Mamãe assume alguns trabalhos noturnos extras, cuidando de idosos para ajudar na renda da nossa casa. Eu seria a maior sem noção da face da terra, se não concordasse em

ajudar de qualquer forma que eu puder.

“Não sei não.” Respondo em tom de brincadeira. “Você sabe o quanto a sua filha anda ocupada né? São tantos eventos de final de ano. E eu ainda tenho que pensar no vestido de formatura.” Enceno um olhar pensativo, fazendo piada com a minha vida social totalmente fracassada.

Mamãe une-se a mim dando risada.

“Falando nisso, o que você acha de sairmos esse final de semana e procurar seu vestido de formatura?” Fico animada com a ideia, porque apesar da minha vida social não ser das melhores, eu realmente preciso encontrar um vestido de formatura.

“Você não vai precisar trabalhar esse sábado?” Pergunto, já traçando uma rota mental dos lugares que desejo ir para procurar o vestido ideal. “Descobri um brechó novo que fiquei doida para conhecer.” Minhas palavras fazem mamãe esboçar sua tradicional reação de desânimo, todas as vezes que conto a ela que encontrei algo em um brechó.

“Cecília, você não precisa economizar até no seu vestido de formatura, nós podemos ir em uma loja legal e comprar algum vestido que seja a sua cara.” Minha mãe, e basicamente todas as pessoas com quem eu convivo, não conseguem entender que essa minha mania de transformar coisas velhas em algo totalmente diferente é o meu jeito. Não faço isso porque estamos passando fome e minha mãe não tem condições de comprar roupas boas para mim e meu irmão. Muito pelo contrário, ela trabalha muito e nos dá uma vida muito confortável. Nós temos tudo o que precisamos, se não mais.

Desde que eu me entendo por gente, estou sempre dando um toque meu em tudo que eu compro ou ganho. É algo que vem facilmente para mim, eu amo transformar as coisas, dar um toque especial e fazê-las exclusivas. Parar com isso, seria enterrar a parte que mais gosto em mim, a parte mais autêntica e honesta. Portanto, vou explicar para todos, inclusive para a minha mãe,

quantas vezes for necessário, que isso faz parte de mim e não mudaria, mesmo que eu tivesse muito dinheiro.

“Mãe, o meu estilo é assim.” Falo enfaticamente. “Não posso concluir o dia que finalmente vou me livrar do ensino médio, me fantasiando de algo que não tem nada a ver comigo.” Respondo pacientemente, esperando que dessa vez ela entenda.

“Eu sei filha, você é linda e cheia de personalidade, eu tenho tanto orgulho da pessoa que você é.” O esboço de um sorriso sincero aparece em seus lábios.

“Mas as pessoas são más e julgam sem saber. Eu quero que a sua formatura seja incrível, sem ninguém fazendo piada a suas custas só porque são burras demais para te entender.” Mamãe responde, e tenho vontade de me aninhar em seu colo e chorar, mas seguro as lágrimas para não permitir que ela se preocupe ainda mais.

“Obrigada mãezinha, mas não se preocupe comigo, eu não vou mudar quem eu sou para me encaixar em algum padrão que alguém um dia decidiu.” Abro um largo sorriso decidido para tranquilizá-la. “Ninguém vai me dizer o que devo fazer com a minha vida, muito menos como vou me vestir.” Abraço seus ombros por trás da cadeira, e sua mão aperta firme a minha. “E não vou abandonar algo que acredito tanto, só para agradar os outros.” Dona Sheila fica toda emocionada com o meu monólogo, levantando-se da cadeira e enxugando as lágrimas para me abraçar bem forte.

“Meu orgulho por você só cresce cada dia mais filha, seu pai deve estar aplaudindo a mulher que você está se tornando onde ele estiver.” Agora é a minha vez de chorar. Abano meus rosto com as mãos, na tentativa de secar as lágrimas que ameaçam cair.

“Não me faça chorar mãe, daqui a pouco o Pedro já deve estar chegando aqui para pegarmos o ônibus” Com uma fungada nada charmosa, seco os cantos dos olhos e levo embora qualquer vestígio de choro. “Se ele me ver com os

olhos e nariz vermelhos, não vai sair do meu pé até eu contar o que aconteceu.” Mudo propositalmente de assunto e tomo um último gole de suco, pegando minha mochila.

“Falando no Pedro, você vai contar na formatura o que sente por ele?” Reviro os olhos e tento disfarçar minha reação, e a do meu coração, toda vez que o assunto ‘meus sentimentos por Pedro’ são trazidos à tona. Coisa que deveria estar muito bem enterrada e adormecidas dentro de mim.

Pedro é o meu melhor e praticamente único amigo. A família dele se mudou para frente da minha casa oito anos atrás e somos vizinhos desde então. Mas nós só fomos nos falar pela primeira vez, quando meu pai faleceu.

Os pais do Pedro vieram até nós, para demonstrar sua solidariedade pelo momento difícil ao qual estávamos passando e permanecem em nossas vidas até hoje.

Começaram a nos convidar para churrascos de domingo em sua casa, aniversários da família, ofereciam-se para tomar conta de mim e meu irmão, quando minha mãe tinha plantões, enfim, a dona Larissa e o seu Juan são pessoas incríveis e o filho único deles não poderia ser diferente.

A primeira vez que nos falamos foi no velório do meu pai. Pedro nunca havia conversado comigo antes, apenas nos encontramos ocasionalmente na escola, ou quando ajudávamos nossos pais a lavar os carros em frente a nossa casa.

No dia do velório do meu pai, Pedro veio com um pacotinho nas mãos e o entregou a mim enquanto seus pais prestavam condolências a minha mãe. Quando eu abri o presente, encontrei uma pulseira vermelha, feita em macramé com um pequeno pingente em forma de círculo vazado. Nele havia três linhas na parte interna, duas formando uma espécie de V ao contrário e outra reta, solitária na parte superior. Buscando na memória, eu tinha quase certeza que era um símbolo antigo e que já havia visto ele em algum lugar.

Minha primeira reação foi encará-lo confusa. Como um menino que nunca falou comigo, pode saber que eu amo coisas de origem antiga? Como ele adivinhou que essa pulseira combina tanto comigo?

“As pessoas pensam que o único significado deste símbolo é a paz e o amor. Mas o meu pai me disse, que quando ele foi criado, era para demonstrar desespero como forma de protesto em uma época muito difícil.” Um momento se passa em que Pedro precisa tomar uma respiração para continuar a contar sua história. “Só depois com o tempo, ele começou a ser usado como um sinal de paz.” Após engolir uma vez, por ter falado tudo muito rápido, claramente tendo decorado recentemente essa história, ele acrescenta. “Então eu espero que esse presente um dia possa trazer paz para você, mesmo que agora seja um momento de desespero e tristeza.” Parando para pensar nisso hoje, com a cabeça um pouco mais madura, eu realmente acredito que foi naquele momento que eu me apaixonei por Pedro e decidi que iria ser sua amiga para sempre.

Foi assim, que iniciamos a nossa amizade. Ele passou a participar de todas as brincadeiras que eu sugeria, inclusive montar roupas para as minhas bonecas a partir de tecidos velhos. E eu como uma boa amiga, também participava de todas as brincadeiras dele, como jogos medievais de tabuleiro e videogame. Absolutamente nada era capaz de nos distanciar. Em dias de prova no colégio, a torcida era de que ela fosse em dupla, para que pudéssemos fazer juntos. Na hora de ir para o colégio, nos intervalos, ou no momento de voltar para casa, não importava o horário, nós éramos inseparáveis. Esse é o principal motivo para que eu não fale a ele como me sinto. Em primeiro lugar, se ele me visse da forma como eu o vejo, ele já teria feito algo a respeito, certo? Segundo, ele sempre fica com várias garotas da escola e nunca demonstrou pensar em mim dessa forma. Eu que não vou ser a responsável por arruinar a nossa amizade, contando a ele como me sinto. Isso

sem considerar que nós temos apenas dezessete anos. Ele vai fazer intercâmbio no Canadá assim que se formar e eu vou fazer faculdade de moda em São Paulo. Eu não sou estúpida, mesmo nos meus mais belos sonhos de princesa, em uma realidade em que Pedro corresponde aos meus sentimentos, não temos futuro algum em um relacionamento a distância, portanto, é melhor eu segurar esse meu coraçãozinho e não demonstrar os meus sentimentos por ele. Claro que não ajuda em nada que ele se tornou um dos caras mais cobiçados do colégio, tendo ao menos, vinte centímetros a mais que eu, um sorriso incrível com covinhas, que sempre alcançam seus olhos marrons que mudam sutilmente de cor conforme o seu humor. Mas Pedro é meu melhor amigo e todos os dias, faço um grande esforço, para minha mente não pensar sobre a reação que tenho a ele e sua proximidade.

O mais difícil de tudo, é tentar ser indiferente aos casos que ele tem com meninas da escola. O último relacionamento em que ele esteve foi com a Sara, porém quando ele descobriu que ela tirava sarro das minhas roupas pelas costas, terminou tudo com ela, mesmo eu dizendo a ele que eu já estava acostumada com isso.

“Você não tem que se acostumar com nada disso, Cecília! Não tem nada de errado com as suas roupas.” Sempre que Pedro está impaciente, bravo ou precisa me fazer entender algo, ele fala o meu nome completo e não apenas ‘Cicy’ como a maioria das pessoas. E eu secretamente adoro. Gosto de ver o seu estado quando consigo tirá-lo do sério, coisa que eu não deveria em hipótese alguma sentir, já que somos apenas amigos. “Não acredito que você não me contou e deixou eu ficar esse tempo todo com ela.” A frustração e desapontamento eram perceptíveis em sua voz.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, tentando voltar a realidade e enfiar na cabecinha da minha mãe de uma vez por todas que essa história não vai dar em nada e fazê-la desistir disso.

“Mãe eu perdi as contas de quantas vezes eu já pedi para você esquecer essa história!” Minhas mãos se unem em uma espécie desesperada de oração.

“Que história?” Escuto a voz inconfundível do grande motivo de toda essa discussão, vindo da porta de entrada bem nas minhas costas. Meus olhos ficam enormes, olhando em direção a minha mãe em profundo desespero. Ela por sua vez, acha a situação toda muito engraçada.

“Nossa Pedro, você não morre tão cedo, estávamos falando justamente de você.” Fuzilo mamãe com o meu melhor olhar ameaçador, enquanto ela levanta-se rindo, caminhando até mim e dando um beijo em meu rosto. Ela segue até o encontro de Pedro, beijando-o também na bochecha.

Viro-me rapidamente para ele, com as bochechas fumegando e encaro seu olhar desconfiado.

“Boa aula para vocês meus amores, eu estou indo para o hospital.” A cara de pau sai correndo da sala, o que é bem inteligente da parte dela, porque eu estava prestes a jogar a jarra de suco em toda a sua roupa.

“Posso saber o que vocês duas estavam conversando sobre mim?” Pedro pergunta, com sua expressão desconfiada.

“Vai por mim, você não vai querer saber.” Respondo rapidamente, passando na sua frente e saindo pela porta, fazendo uma prece silenciosa para que ele não insista no assunto.

Juntos, caminhamos lado a lado pela nossa curta rota diária até o ponto de ônibus.

“Você recebeu o e-mail, informando que vamos fazer as fotos da formatura na sexta-feira?” Sorrio satisfeita com a mudança para um assunto em que eu sou capaz de lidar.

“Também recebi, pelo menos vai ser no período de aula.” Respondo acelerando a caminhada para chegar a tempo ao nosso destino. “Não faz o menor sentido continuar tendo matéria nessa reta final. Não é como se quem

só se deu mal o ano inteiro, fosse magicamente se recuperar nas últimas semanas.” Pedro me encara por alguns segundos, analisando o que eu acabo de dizer.

“Não sei, será que você não vai sentir um pouco de falta dessa época no futuro?” Finalmente chegamos em frente ao ponto de ônibus, o que permite que eu gire o meu corpo em sua direção, com a indignação estampada em meu rosto. Me preparando para explicar, que não existe a menor chance de que eu vá sentir falta da escola, encontro seu olhar bem-humorado, prestes a explodir em uma risada, que logo transformamos em uma gargalhada mútua.

O período estudantil tem sido uma longa e interminável experiência para mim. Estudar com as mesmas pessoas desde que você possa se lembrar, é exaustivo. No início, quando eu ainda frequentava o ensino fundamental, eu era excluída de todos os grupos, simplesmente porque cresci demais. Na quinta série eu era a aluna mais alta da turma e a única que já tinha peitos aparentes. Os meninos me perseguiram, dando-me apelidos bobos, mas isso eu conseguia ignorar numa boa, afinal, o Pedro já era meu melhor amigo, então era só ele olhar feio para qualquer garoto que me tratava mal e pronto, problema resolvido.

Com as meninas era um pouco diferente. Elas se afastavam de mim, como se eu tivesse algum tipo de doença contagiosa, como se a culpa fosse minha que meus genes haviam feito eu crescer mais rápido que elas. Acontece que o bichinho da puberdade pica todo mundo, não tem como correr. Na sétima série, todas haviam crescido tanto ou até mesmo mais do que eu. Os corpos delas se desenvolveram na mesma proporção e eu pensei: ‘ótimo, agora eu posso ser uma delas, já que não sou mais esquisita, certo?’ Na verdade, o que aconteceu, foi completamente o oposto disso. Como eu não havia me encaixado até agora, a missão de suas vidas era não me incluir. Assim, elas caçoavam de mim porque gostava de me vestir de forma

diferente a elas.

As coisas permaneceram iguais durante todo o ensino médio, e sinceramente, em algum momento de toda essa trajetória, eu parei totalmente de me importar, a única coisa que eu quero é que essa fase termine, o mais rápido possível.

Já para Pedro, as coisas tinham tudo para ser muito mais fáceis. Pensando bem, até acho que foram um pouco, afinal, ele é um gato, nunca foi esquisito nem nada, até na época em que usou aparelho nos dentes todo mundo adorava ele. Porém, tendo uma personalidade forte e sendo a pessoa mais desaforada que já conheci, ele nunca foi de lavar a roupa suja em casa. Isso não seria nada demais, se fossem apenas os seus próprios problemas que ele se importasse em cuidar, mas claro que não. Pedro não pode sequer sonhar que alguém comentou que eu sou uma aberração, que o laço no meu cabelo é horrível, ou a mais clássica de todas, que eu era uma pobretona que só vestia roupas usadas. Se de alguma maneira ele fica sabendo, que algo assim aconteceu, meu melhor amigo inventa os mais mirabolantes planos para ferrar com a pessoa que iniciou a chacota.

Quando nós éramos mais novos, ele fazia com que a pessoa fosse pega colando em uma prova, disfarçadamente grudava chiclete no cabelo de quem quer que fosse e atualmente, tendo adquirido um pouco de maturidade e jeito com as garotas, ele desenvolveu uma nova técnica. Na minha opinião a pior de todas, que é demonstrar interesse na pessoa que supostamente foi má comigo. Ele inclusive sai com ela algumas vezes, fazendo que a pessoa tenha sentimentos por ele, para então terminar o ‘relacionamento’, alegando que está a muitos anos tentando superar o amor que sente por mim e por isso tentou alguma coisa com a fulana. Mas que por mais que ele tente, nada é capaz de fazer com que ele me esqueça. Palavras dele, não minhas.

Pois é, o Pedro é um babaca cruel no final das contas, igual qualquer

outro cara. Esse último método que ele desenvolveu, fez com que brigássemos feio quando descobri. Acontece que como não tenho muitos fãs no colégio e nenhum informante que possa me contar as coisas em tempo real, quando fiquei sabendo ele já estava terminando o terceiro ‘relacionamento’.

“Pedro, se você quer ficar com elas e depois cair fora, o problema é seu!” Grito eufórica em meio a discussão, realmente chateada com sua atitude. “Não me envolva nos seus esquemas, elas já me odeiam o suficiente sem pensar que temos alguma coisa, assim você só piora tudo.” Sem contar que ver ele se envolver com outras meninas já é particularmente difícil de assistir. Agora saber que ele faz isso, de alguma forma distorcida para me vingar, aí já é demais.

“Eu não estou nem aí para elas! Só não vou ficar quieto sabendo que alguém te tratou mal Cecília, vou fazer quem quer que for sofrer, pelo menos um pouco pelo que te causou.” Sua voz fica alterada, demonstrando real irritação. “Acontece que não é você quem decide isso, Pedro. Eu sou capaz de lutar minhas próprias brigas, sem que você venha me socorrer.” Pensar que além de não corresponder aos meus sentimentos, Pedro ainda me vê como uma menina frágil e sem graça, faz tudo ser muito mais doloroso. “Isso só me faz parecer fraca na frente de todos!” Percebo o momento que minhas palavras o atingem, como seu olhar passa de ofendido a compreensivo no mesmo segundo.

Mas outra coisa que aprendi sobre ele durante todos esses anos de amizade, é que Pedro nunca dá o braço a torcer. Se ele não encontrar uma forma de provar que está certo o tempo todo, ele simplesmente ignora o tópico, como se ele nunca tivesse sido abordado.

“Tá bom, Cecília, quero ver você se virar sozinha da próxima vez.” E desde aquele dia, nunca mais tocamos no assunto.

Acontece que estava dando tudo muito certo. Eu não demonstro desconforto com nada que me falam e ele também não investiga com a intenção de tomar as minhas dores. Até que ele começou a namorar com a Sara, que é mais falsa que nota de três reais, porém, não querendo me envolver, para não criar confusão, além de não querer ser considerada a ‘razão’ do encerramento de mais um ‘relacionamento’ dele, fiquei em silêncio, sobre os boatos das coisas que ela falava sobre mim.

No final das contas ele ficou sabendo que a Sara não é flor que se cheire e terminou com ela da mesma forma. Mas segundo ele, sem me usar como desculpa.

“Pode ir lá defender sua reputação sozinha se você quiser Cecília, mas eu que não vou pegar aquela mentirosa de novo.” E essa é resumidamente a história da minha vida e do meu ensino médio, que extraindo o lado bom da situação, está finalmente acabando.